Cinearte

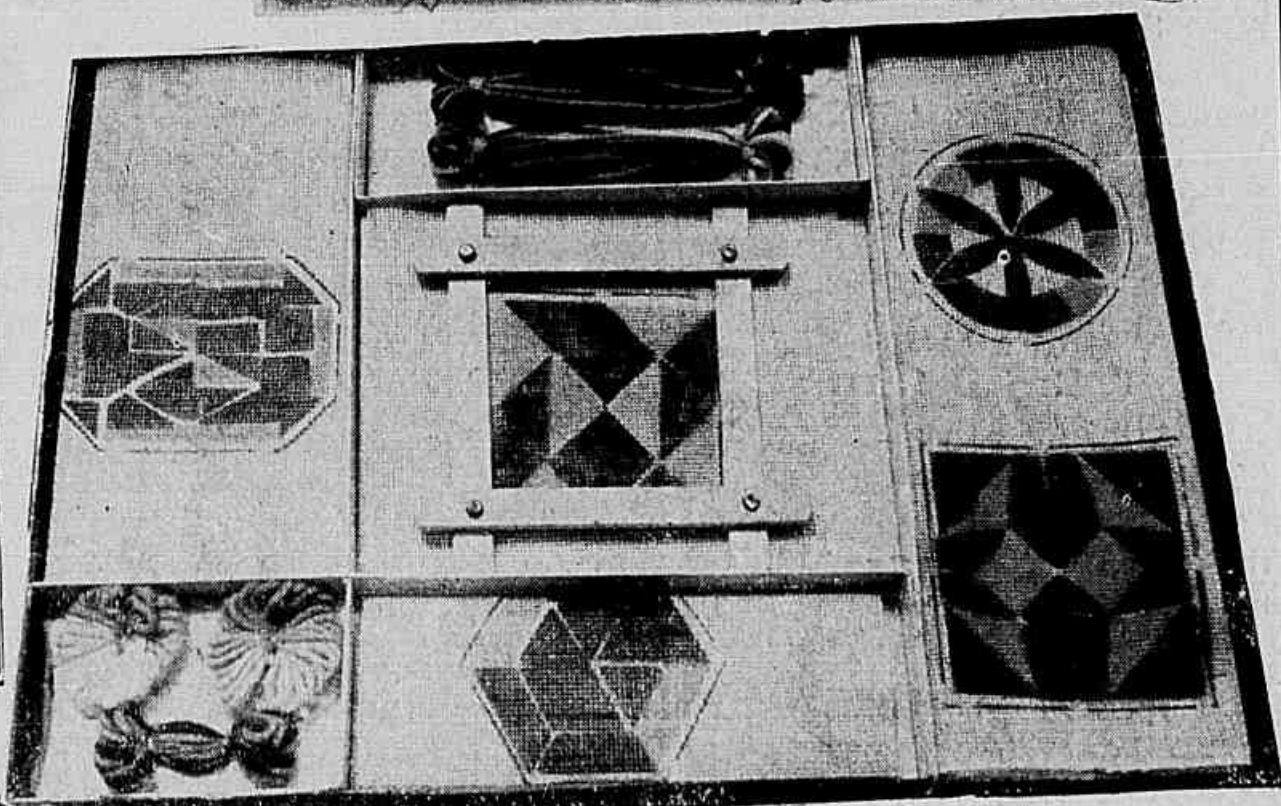
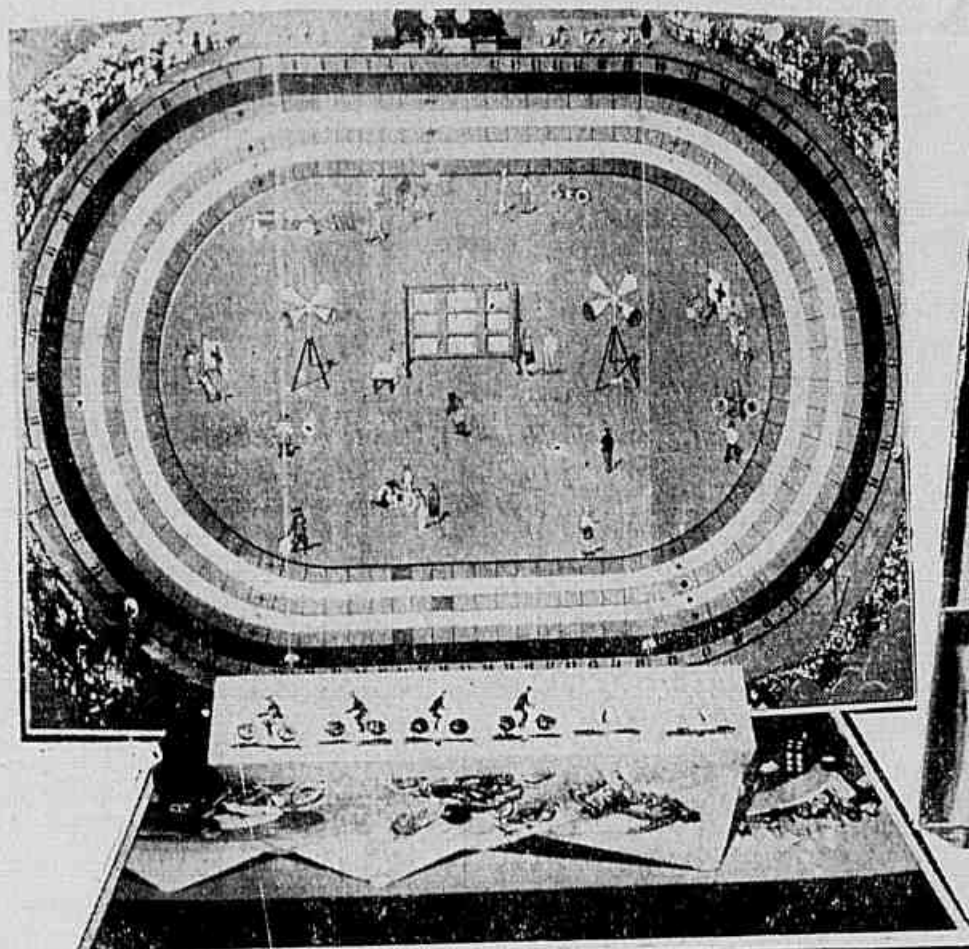
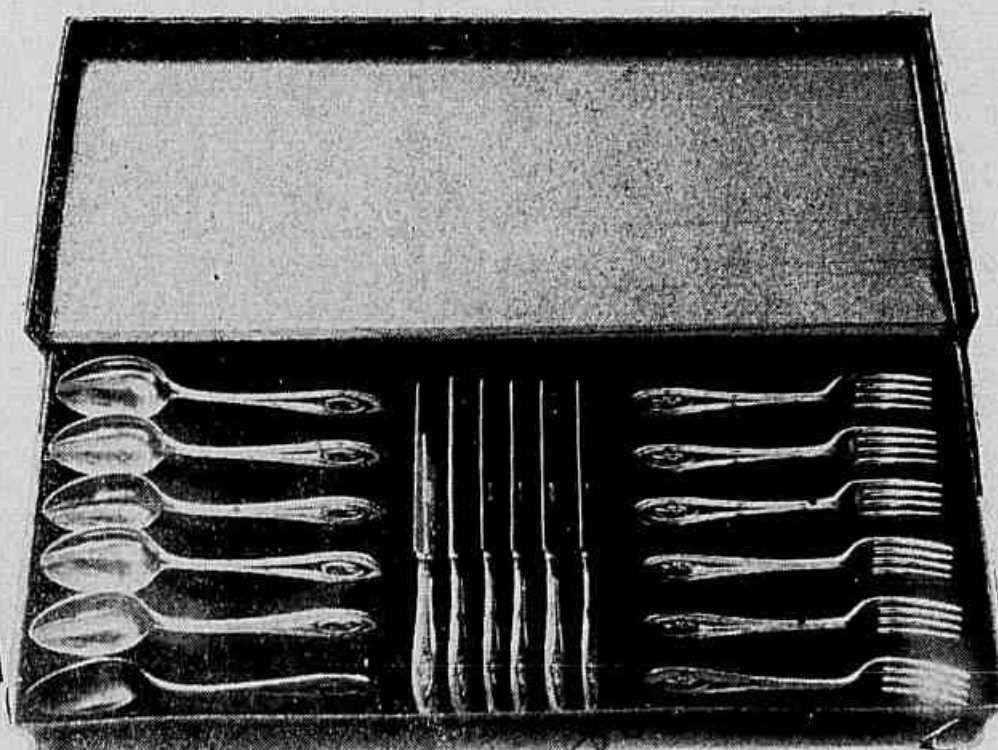
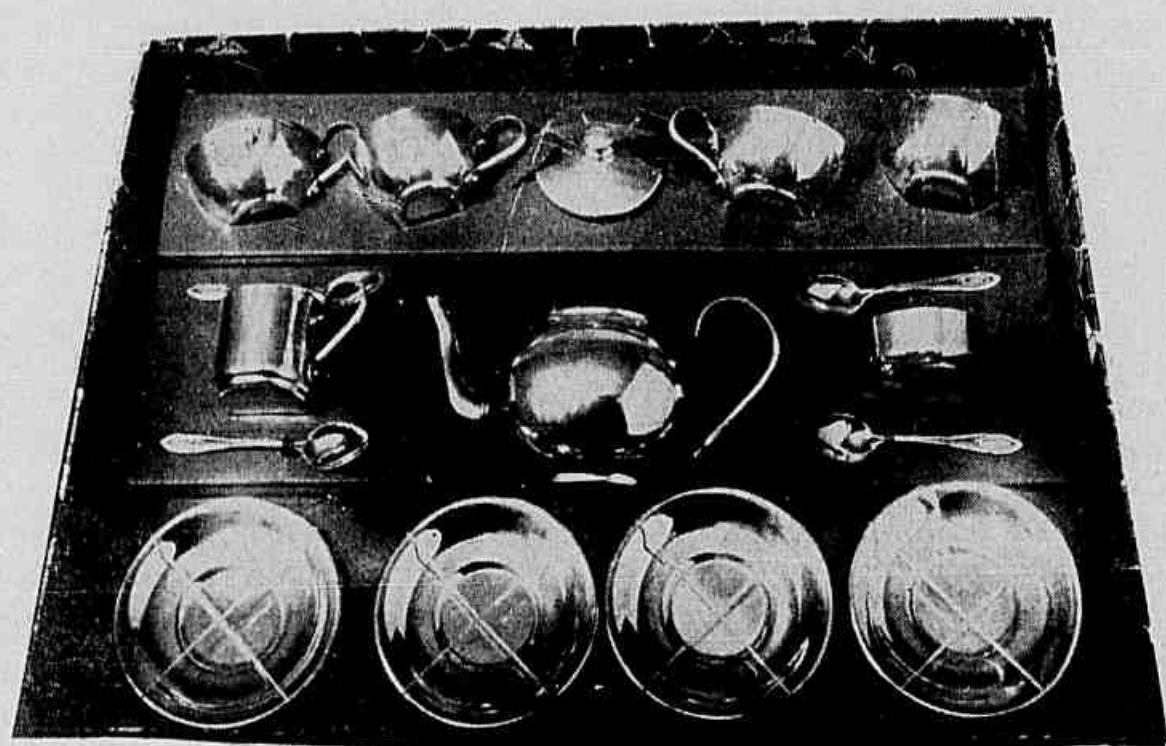
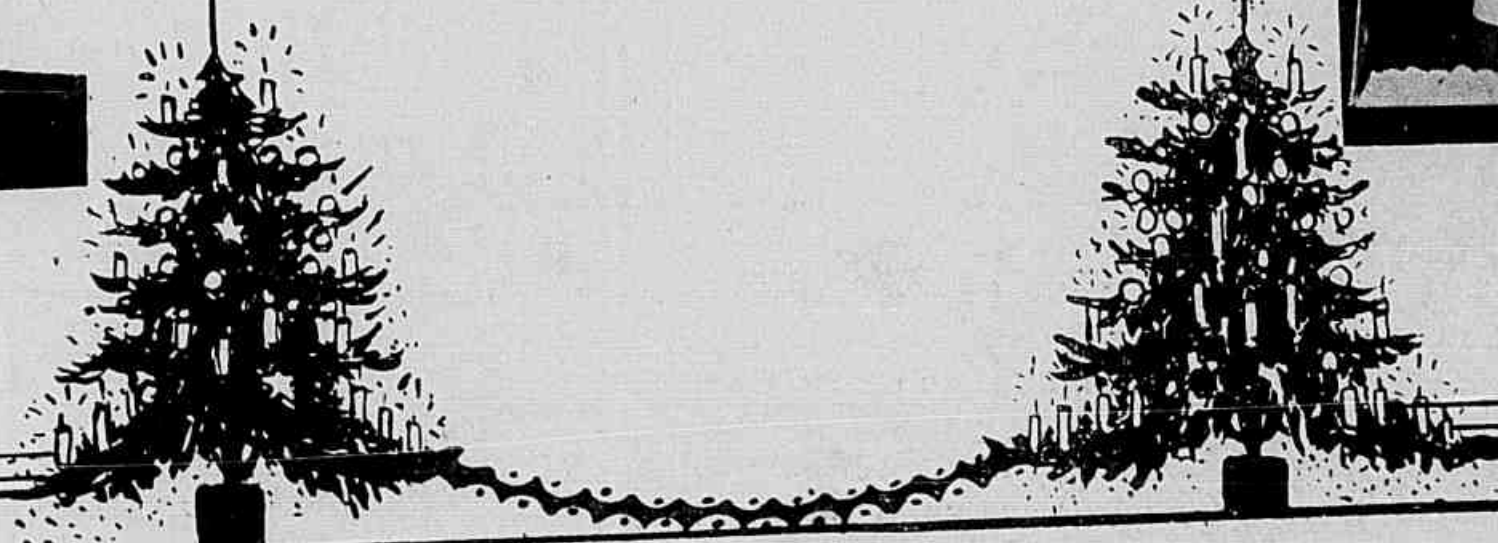
DENNIS KING

recommendam
para toda e
qualquer dôr a

preparado da CASA BAYER, famoso em todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de saude normal.

En toda a parte os medicos receitam-n'a, porque ella é, além de efficaz, absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

O GRANDE CONCURSO DE NATAL que **O Tico-Tico** já começou a publicar está despertando em todas as creanças do paiz o mais vivo enthusiasmo. E assim acontece muito justificadamente, porque os lindos e valiosos brinquedos que constituem os 150 premios que serão distribuidos em sorteio do **Grande Concurso de Natal** d'**O Tico-Tico** são de tentar os petizes, como se vê das photographias de alguns delles constantes desta pagina.

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintenio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. E'le já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TADOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra quelquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso	comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

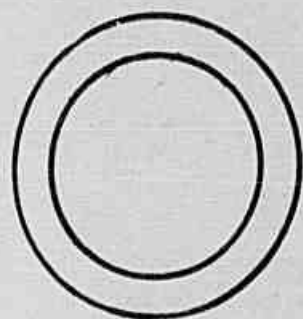
Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

NÃO DEIXE DE VER E OUVIR
CASCARRABIAS
(The Grumpy—O RANZINZA) com
ERNESTO
VILCHES
Carmem Guerrero
Barry Norton e
Ramon Pereda
Um film todo fa-
lado em Hes-
panhol
DA
Paramount
NO
Capitolio

O RECENTE concurso de belleza realizado em nossa cidade veio dar mais uma demonstração da necessidade de termos uma organização mais apparelhada do que as que possuimos para a propaganda do paiz.

A iniciativa do concurso foi toda particular. Parece que o governo não despendeu um tostão dos cofres publicos, federaes ou municipaes, para augmentar seu brilho.

Entretanto, com toda a frivolidade que se lhe attribua, raras iniciativas poderiam ser tão uteis para attrahir a attenção geral para o Brasil.

E justamente essa frivolidade seria o maior attractivo para a maior parte dos espectaculos de Cinemas, se se tivesse aproveitado com criterio a occasião para confeccionar **films** que, sob o pretexto do concurso, mostrassem as nossas maravilhosas paizagens, as nossas praias soberbas, a visão da nossa bahia incomparavel, attrahindo a attenção dos **touristes** para o Rio de Janeiro.

Disso, porém, não se cuidou, com orientação. "De minimus non curato prœtor".

Perdeu-se, dessa maneira, uma excellente opportunidade. No pavilhão do Brasil, na Exposição de Antuerpia, ha um salão em que se projectam **films** brasileiros.

São os famosos **films** de cavação, com certeza, que constituem uma injuria até para a proficiencia dos nossos technicos. Poderiamos ter reforçado esses **films**, agora, com alguma cousa que mais falasse á curiosidade dos que procuram o pavilhão brasileiro.

Entenda-se, porém: falamos de um trabalho cinematographico digno, na realidade, de ser visto, não desses horrores que o governo compra, em geral, sem exame, só por satisfazer o pedido de amigos ou para beneficiar cavalheiros que vivem dessa industria, e folgadamente, devemos logo accrescentar.

Opportunidades como essa, só de raro em raro apparecem.

No aproveital-as é que está a habilidade do administrador.

\+ \+ \+

Sobre o caso da prohibição de serem exhibidos em Portugal **films** sonóros feitos fóra do paiz, em lingua potugueza, facto de que só tivemos conhecimento através de uma entrevista do illustre maestro Nicolino Milano, publicada em um dos nossos matutinos, acabámos de receber attenciosa carta de um cavalheiro que tem sido o representante ou introductor de producções da industria cinematographica portugueza. Nessa missiva, procurando tornar bem claro o assumpto, diz-nos o correspondente que o acto do governo portuguez não visa absolutamente a industria brasileira de **films**, sendo incapaz a administração lusa de assumir qualquer attitude que pudesse ser tomada como inamistosa por nós.

"Trata-se, entretanto, de evitar que, sob a capa de industria portugueza, continuem a ser introduzidos **films** que de portuguezes só têm o nome, feitos sem o menor cuidado em outras terras, por artistas que falam uma algaravia que ninguem entende".

Comprehendemos o facto e até em nosso commentario a elle alludimos. Mas isso não obsta de que a lei tenha generalizado de tal sorte que o mercado portuguez por ella ficou intimamente fechado ao film brasileiro — essa é que é a verdade. E foi justamente essa circumstancia que provocou a nossa attenção e os nossos commentarios.

Não terá havido intenção. E' tal qual o que acontece com a gente, quando um transeunte desastrado nos dá um esbarro, pisando-nos os pés.

— Desculpe, não foi por querer! Tal a phrase que lhe ouvimos logo a seguir. Está visto que não foi por querer. Mas o facto é que o nosso callo fica a doer até o dia seguinte.

UMA SCENA DE "MAY BE IT IS LOVE", COM JAMES HALL E JEAN BENNETT

NUMERO 240
ANNO V

1 DE OUTUBRO DE 1930

Lelita Rosa numa scena de "Labios sem beijos". Montagem desenhada pelo architecto brasileiro Edgard Vianna.

A metrópole Film, inegavelmente a empresa paulista que mais seriamente encara o Cinema Brasileiro, já começou a filmagem de "Iracema", do romance de José de Alencar.

Ao lado, a ultima "pose" de Maximo Serrano...

Ernani Augusto
(Photo De Los Rios)

Isaac Saïndenberg, o productor, animado com o successo de "Escrava Isaura", pretende fazer deste film uma verdadeira super-producção.

Para os principaes papeis já foram escolhidos Ronald de Alencar, Diego Miranda, Ruy Golf, Carmo Nacarato e Dora Felix. O director, ainda não foi annunciado.

A Metropole tambem resolveu promover um concurso de versos e musica de uma canção, para o film, por intermedio do "Diario de São Paulo". que voltou assim a tratar de nosso Cinema e assim se expressa sobre a empresa:

"A "Metropole", que já apresentou uma pellicula de vulto "A escrava Isaura", é uma das empresas nacionaes melhor apparelhadas para dar ao mercado brasileiro os filmes que elle exige. Não ha negar que seus directores já têm feito muito, considerando-se as enormes difficuldades encontradas, em nosso meio, para a realização de films. Assim, não é possivel ao DIARIO DE S. PAULO recusar a sua collaboração, agora que a referida empresa se dispõe a passar para a téla a famosa obra romantica".

E é isso mesmo.

O "Diario de São Paulo" faz muito bem em regis-

BRASILEIRO

trar, pelo menos, os trabalhos das empresas mais organizadas e que estão trabalhando num caracter mais serio e industrial e que não devem ser confundidos com outras em todo o Brasil de máos elementos. Technica e moralmente.

Agora, tratemos das condições do concurso que ;ão as seguintes:

1º) Fica aberto, a con:ar desta data, e até ás 24 horas do dia 30 de Setembro corrente, um concurso de versos e musica de uma canção para o film "Iracema".

2º) Os versos e a musica devem ser inspirados no romance "Iracema", de José de Alencar.

3º) Os premios para os trabalhos escolhidos serão de rs. 100$000 para o autor da musica e rs. 100$000 para o autor dos versos.

4º) As canções, letra e musica devem ser entregues num mesmo envelope fechado, até ás 24 horas do dia 30 de Setembro corrente, a redacção do DIARIO DE S. PAULO, não sendo recebidas as que forem entregues depois dessa data.

5º) Uma commissão composta de um poeta e dois maestros paulistas, cujos nomes serão publicados, o p portunamente, julgará os trabalhos apresentados.

6º) Os versos e a musica pódem ser de autores differentes.

Em muitos jornaes e revistas estrangeiras já se encontram uma serie de notas expontaneas sobre o nosso movimento cinematographico.

O "International Film Reporter", de Hollywood, continua a tratar desse assumpto, estudando a nossa situação perante os "talkies" e criticando a idéa que certos productores fazem da America do Sul, julgando que no Brasil tambem se fala hespanhol.

O "Sound Waves" publicou mais um retrato de Lelita Rosa, legendando-a como a Greta Garbo "brasileira"...

"Cinematographie Française", todos os mezes, trata do nosso movimento cinematographico.

Até o "Anéliban" que se publica em Beyrouth, faz commentarios sobre o nosso Cinema, imaginando-o bastante interessante pela personalidade do nosso povo e o aspecto inedito dos nossos ambientes! E agora "O New York Herald", de New York, em sua edição de 17 de Agosto, publica uma interessante correspondencia do Rio de Janeiro, por inetermedio de "United Press", dizendo que os nomes das artistas brasileiras já tem interesse e popularidade bastante para "brilharem ao lado dos Barrymores e dos Jannings", trata da pequena Hollywood que está "springing up" em S. Christovam com o Cinédia Studio, cita algumas empresas paulistas e ainda, o que muito nos desvanece, commenta o estimulo que *Cinearte* empresta ao nosso Cinema, possuindo, entretanto, um representante especial em Hollywood que mantem os seus leitores ao par de todo o movimento de Hollywood.

Tamar Moema e Nair Pedreira de Freitas, "Miss" Bahia de 1929

Nita Ney...

(Photo Febus)

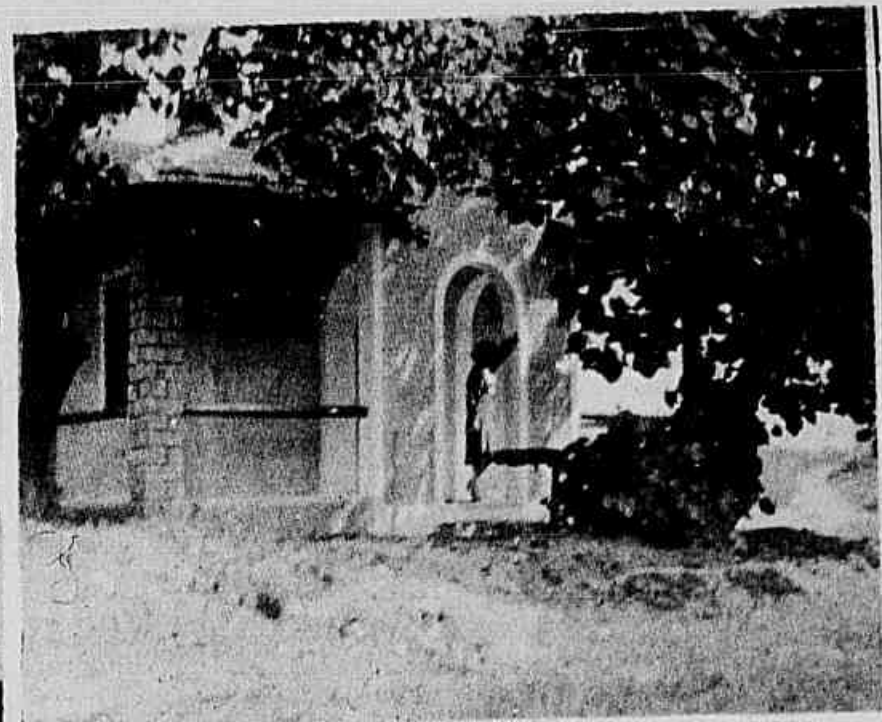
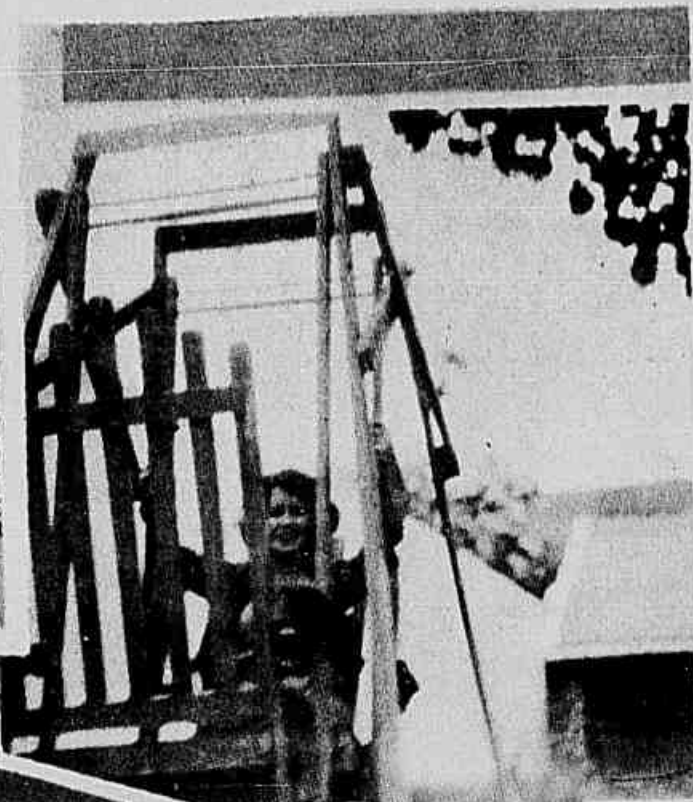
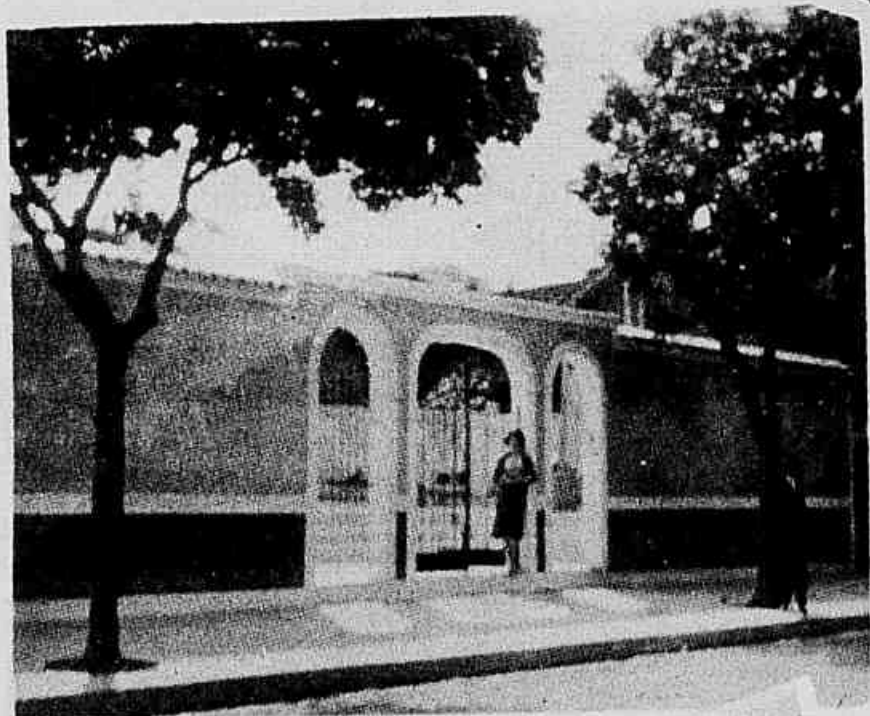
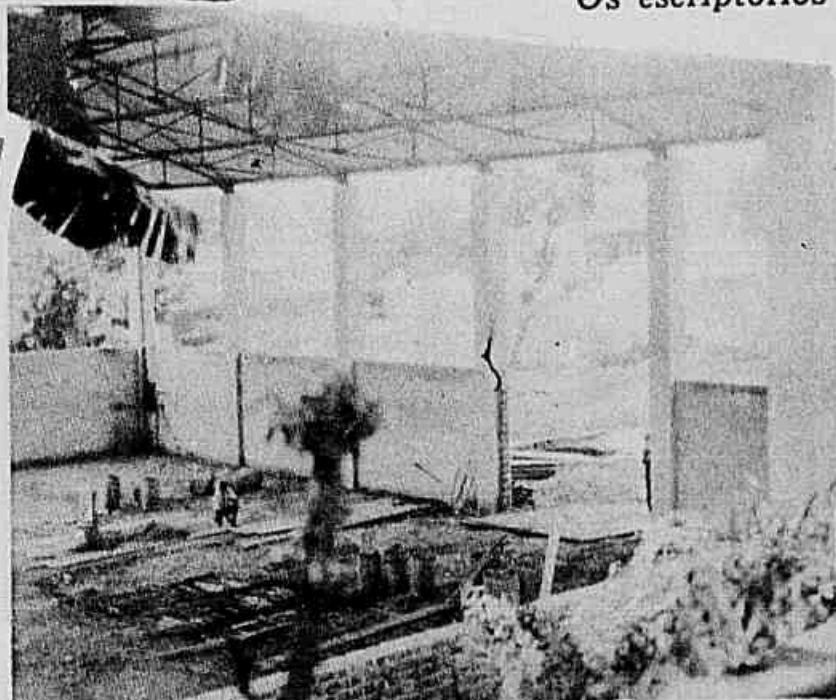
Gilberto Rossi, operador de muitos films brasileiros e o netinho Chuca-Chuca.

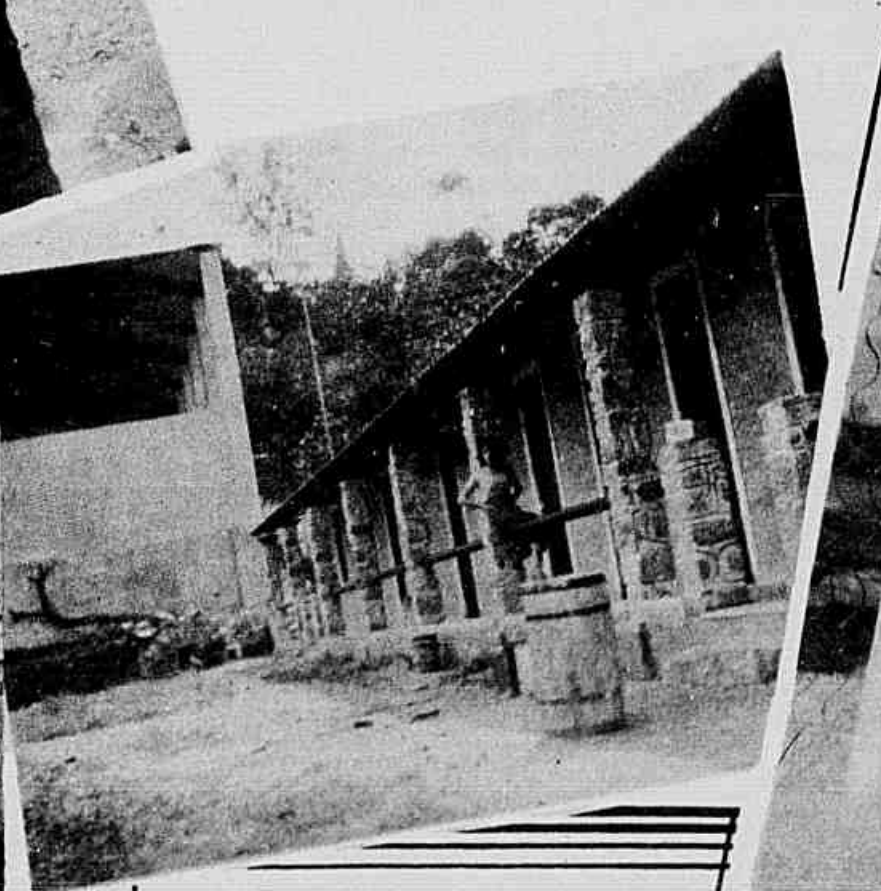
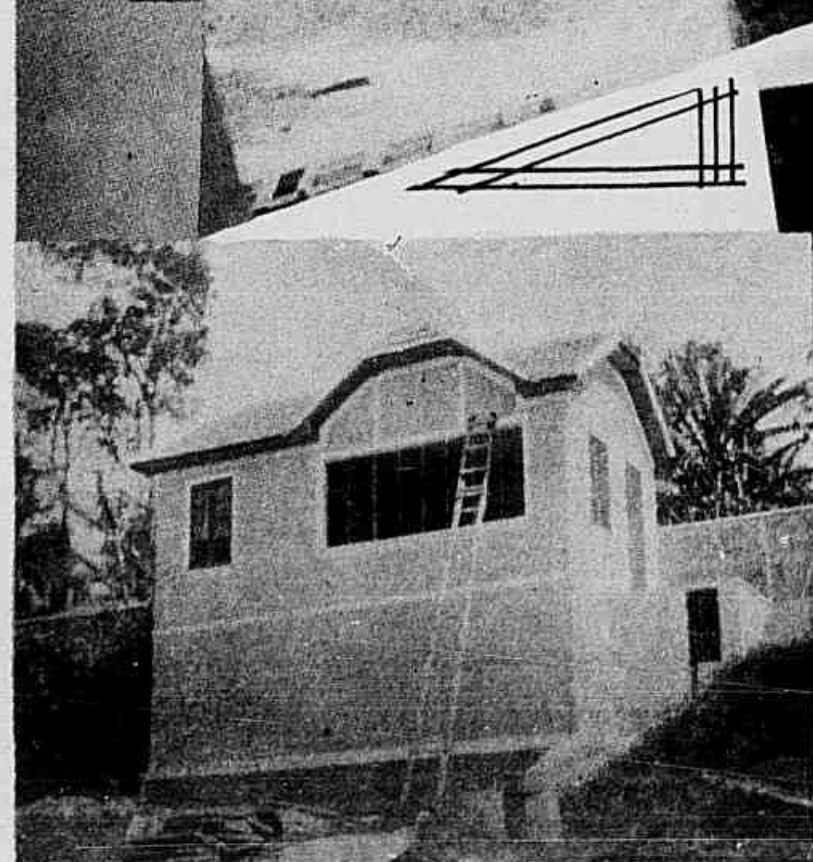
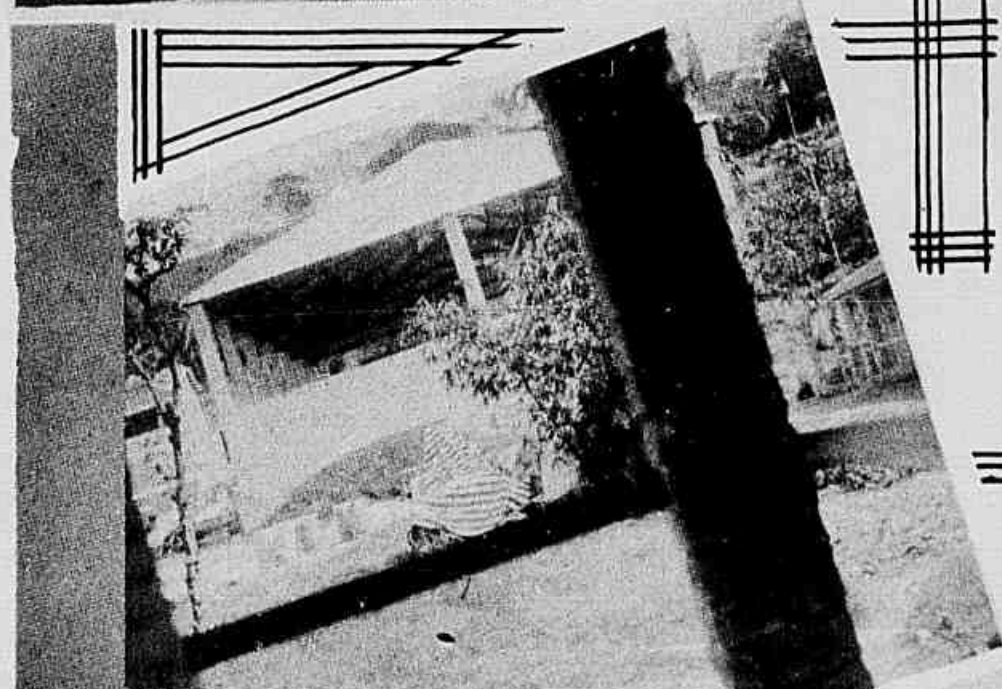
Gonzaga, de "Cinearte", com Didi Viana e Lelita Rosa...

No CINEDIA STUDIO ...

Humberto Mauro dirigindo "Labios sem beijos"...

A entrada principal...

Os escriptorios

O nosso Cinema já fez a sua casa...

Lelita...

Departamento technico

Quasi prompto e já em actividade...

TODOS SÃO AMADORES!

"Faça Cinema em casa" deve ser o novo motto que reina em Hollywood. Embora muitos artistas — e de fama — affirmam com a maxima sinceridade, que o seu maior desejo seria deixarem de vez o proprio Cinema, a Arte Fascinante das Imagens, pelo que se vae lêr, é quem os prendeu de vez. O trabalho dos astros e das estrellas só faz é augmentar o interesse delles mesmos pela Cinematographia, e as horas de lazer são gastas com a filmagem de scenas e assumptos varios. Nem se calcula o prazer que encontram por se acharem atraz de uma camara, dirigindo uma scena!

A camara de amadores é hoje indispensavel a todos os astros em férias. Quando o dever e obrigação de cumprirem os contractos, assignados com os productores, os faz voltar a Hollywood, transformam-se em turisas e viajantes sonhadores, que se deliciam novamente, commodamente sentados num "mapple", com os encantos e as bellezas de viagens... projectadas na téla dos seus "living-rooms".

No meio de uma excitante partida de polo, vê-se nessa téla a cara familiar de Jack Holt juntando aquelle perfil sympathico e aquelle todo de um perfeito cavalleiro, aos passes ligeiros de um completo jogador de polo. Umas cambalhotas dadas por Will Rogers são uma especie de "gags" sempre repetidos. As creanças abrem as bocas, onde surgem os primeiros dentinhos, num sorriso de minusculos espectadores encantados com a producção.

O variado material de toda essa industria domestica demonstra o vivo gosto e intelligencia do profissional-amador. Embora alguns só se filmem a si mesmos, durante escursões realizadas ao topo de montanhas, ou sports semelhantes, ahi mesmo encontram-se trechos panoramicos de uma belleza que encanta aos olhos. As vezes, ha trechos de scenas, apanhadas nos Studios. E quando ha um elenco, esse é constituido por amigos que se acham desempenhando aquellas scenas; nesse caso, o film é todo elle apanhado sem a minima consciencia dos actores, transformando-se assim, depois num delicioso divertimento, precioso para os que nelle tomaram parte sem o saber.

Frequentemente, essas bobinas e rolos de film são emprestadas, trocadas ou mesmo dadas como presentes de anniversario ou natal. Muitas dellas têm sido enviadas a parentes distantes, em logar de caras menos suggestivas. Mabel Normand foi a primeira esposa que enviou ao marido um film das suas occupações, quando elle se achava em viagem, alguns annos atraz.

Em regra geral, todos os papais de Hollywood dispõem de albuns cinematographicos dos respectivos bébés, motivo sempre de grande orgulho. Em vez de passarem paginas sobre paginas, para mostrarem aos vizitantes ás diversas etapas da vida do "filhinho, queridinho, bemzinho", etc., projectam na téla é um "close-up" do primeiro dentinho, e por ahi além. E quando a camara é uma Cine-Fone De Try? Nesse caso, teremos um "close-up" falado do "a" pronunciado pelo "querido artista"...

May Mc Avoy, Ruth Roland, Reginald Denny, Mary Eaton, e outros, fizeram questão de que os seus casamentos fossem filmados. O casamento de Barry Langdon ia ser filmado "com voz", como elles dizem, mas a propria voz de Langdon é que deu o contra, e o negocio ficou para inglez vêr... Isto aliás foi coisa de profissionaes, e não de amadores.

Os apanhados ao ar livre são muito apreciados pelos artistas, principalmente as scenas sportivas em que elles proprios tomam parte, e que são projectadas em casa, para divertir os amigos.

E que variedade de assumptos contém esses rôlos de jornaes e documentarios, filmados, cortados, collados, e depois titulados pelos astros e estrellas da téla! Ken Maynard compoz um diario cinematico da sua ultima viagem de recreio, ao longo do curso do Mississippi. Vilma Banky executou outro da sua viagem a New York, de modo que pudesse mostrar ao

Conrad Nagel é um enthusiasmado operador e serve de artista para Lila Lee...

CINEMA DE AMADORES

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

marido — Rod La Rocque — os logares por onde passou. As vistas panoramicas do porto e da Estatua da Liberdade, que possuem basante merito artistico, foram apanhadas por ella, conjunctamente com scenas de rua, as quaes reuniram pequenas multidões, sempre interessadas pela filmagem.

Uma das primeiras que se dedicaram ao passatempo, Colleen Moore, é diplomada por uma dessas associações americanas de cineamadorismo. Hoje, ella emprega o Kodacolor, e executa films, todos coloridos, dos seus sports, dos seus hospedes, inclusivé daquella sua famosa collecção de cachorros, que aliás é o seu assumpto predilecto.

As producções de Bebe Daniels são unicas, apresentando o trabalho da construcção de um edificio, andar por andar, pavimento por pavimento, cada um em poucos pés de film, de modo que, quando todos são collados, dão a impressão de que o edificio se constróe por si mesmo.

A Cinematheca de Jean Hersholt poderá talvez não apresentar muito valor para o proprio filho dependendo isso do facto delle querer ou não ser um actor. Agora, si o rapaz quizer seguir a profissão do pae, terá por certo uma bella collecção para estudo. Cada um dos films de Hersholt, a começar de "Greed", está incluido ali, e existe um film soberbo que ensina a arte da maquillagem.

Lupino Lane as proprias cambalhotas e passes de contorcionismo, para depois, observando-os cuidadosamente, poder notar e corrigir-lhes os erros.

Os campeões de cinematographia são os Fred Niblo, amadores que sempre consideraram uma camara essencial a um giro automobilistico de turismo. No ultimo Verão, filmaram perto de 15.000 pés de film — 5.000 metros — para divertimento proprio, e como meio de se escolherem locações profissionaes, mais tarde.

Com a sua camara de amadores, Neil Hamilton filmou a esposa e o secretario, Donald Mc Kay, durante a viagem, que fez pela Europa. Os "shots" mais interessantes foram tomados no Apreewald, suburbio de Berlim, onde Neil trabalhou com Griffith, alguns annos atraz, filmando trechos de "Isn't Life Wonderful?" Naquelle tempo, elle havia tomado photographias do logar, e gostou de ter podido assim fazer uma comparação.

Hamilton ás vezes esquece a arte, em pról das brincadeiras, mas o seu "Hamlet", tendo William Powell como director e camera-man, é tão engraçado que todos lhe desculpam o motivo.

Bill Seiter e Laura La Plante filmaram a vida de bordo, na sua viagem a Honolulu. Os films de Jack Mulhall contém vistas da vida nos tropicos; e o "gag" comico mais importante é aquelle em que se vê Jack dar um mergulho, em dia de resaca.

A collecção de Wallace Beery, fóra umas vistas apanhadas de bordo de aeroplanos, está repleta de trechos que relembram viagens maritimas e excursões de pesca e turismo, apanhado o vôo das gaivotas, em lindos effeitos photographicos.

George Bancroft gosta é de filmar as scenas de tempestades maritimas, e de navios de pesca em perigo, com as ondas varrendo o convez, de prôa a prôa.

O grande Lon Chaney, que deixou no coração dos seus "fans" uma saudade sincera com o seu passamento era um amador especializado na filmagem de animaes selvagens e da vida dos passaros. Os seus films da vida dos patos selvagens são dos mais completos no ramo do amadorismo. Arrastando-se por entre terrenos pantanosos, elle esperava, horas seguidas, que os patos apparecessem em numero sufficiente. Durante as partidas de caça, elle usava mais a camara do que o rifle, apontando-a para as corças e os veados. E quando algum visitante celebre apparecia no Studio, ali se achava elle, filmando personalidades como o principe herdeiro da Suecia e o General Butler.

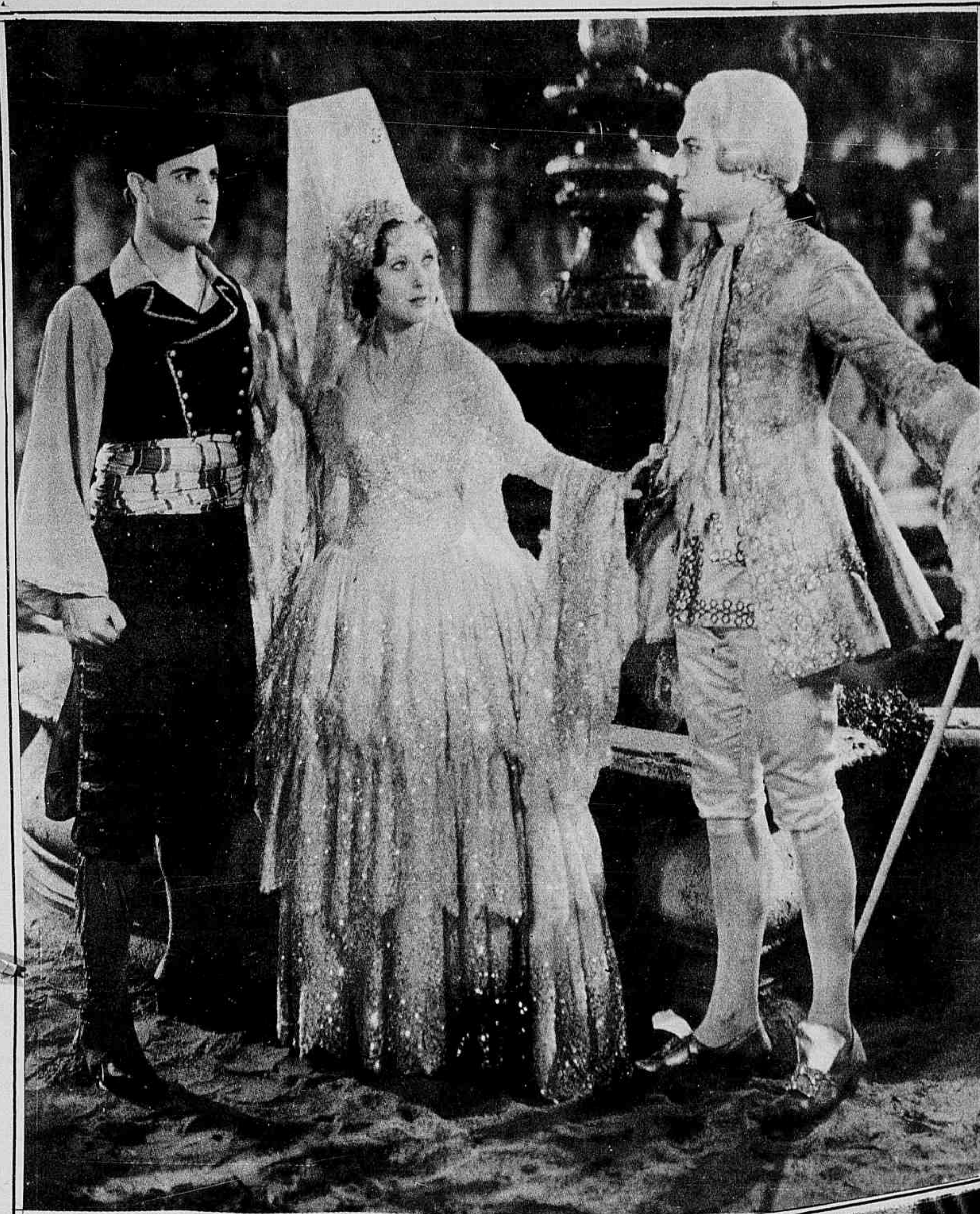
Aquillo que mais agrada a Alec B. Francis é um vinho de passarinhos, um gato e um cão fraternalmente dispondo do mesmo prato, ou as crianças brincando no jardim. Hobart Bosworth chama o seu gato Angorá, e Alec Francis filma a ambos. Nos dias de chuva, as crianças da vizinhança são convidadas para o seu "living-room". Elle prega uma folha de cartolina a parede, e então começa aquella sessão cinematographica toda especial.

Reginald Denny possue um atlas animado da cadeia de montanhas de São Bernardino, na California. Angulos diversos, apanhados de auto, cavallo, e aeroplano, augmentam o valor geographico dessa novidade.

Kay Johnson prefere filmar as pessôas. numa excursão até Agua Caliente, ella gastou os seus dias de sol com a camara ao redor do hotel e do Casino. Personalidades da sociedade ou méros desconhecidos tomam parte nos seus films sem disso terem a minima consciencia. Quando os amigos de Kay são convidados a verem os seus films, mais tarde, sóbem ás nuvens, reconhecendo-se a si mesmos como os "astros" do film. Uma mulher appareceu, sahindo do Casino, contando por meio de gestos e expressões physionomicas, uma historia muito comprida de perdas no jogo.

Os James Gleason preferem os Stadios de jogo para locações. John Mack Brown filma todo encontro de foot-ball a que assiste. Certa vez, na Universidade da California, John "torceu" tanto, que em vez de amassar o chapéo amassou foi a camara, quebrou as lentes, e acabou não filmando um dos mais attrahentes jogos que se realizaram, então, na California. Irene Rich, Ben Turpin, Raymond Griffith, Eric Von Stroheim e Bobby Vernon, todos fazem films esportivos.

A extensa cinematheca de Ronald Colman comprehende principalmente tudo aquillo que se liga ás forças do Homem e da Natureza: as montanhas, as tempestades maritimas, e 400 pés — 133 metros — da repreza de St. Francis. Richard Barthelmess e William Powell gostam é de scenas de praia. E Ronald Colman, a despeito dos "shots" de valor que tem

(Termina no fim do numero)

Céu de

Havia uma difficulda-culdade áquelle amor e tudo era mais ou menos feito ás escondidas. Carmina era a promettida de Octavio. Este, não supportava Ricardo e... vice-versa... Mas o que haveria ella de fazer? Consultara energicamente seu coração.

— Octavio ou Ricardo?... Vamos, diga!...

E elle respondeu, sincero, expontaneo, naturalissimo...

— Ricardo!!!

E tudo prosegue, calmamente, até que ella, conversando com Octavio, devolve-lhe o annel de noivado e todas as promessas que lhe fizéra, naturalmente, mas sem amor, diga-se. E, pouco tempo depois, fazia-se noiva de Ricardo, celebrando as familias, com grande pompa, este futuro casamento.

—oOo—

Na noite da festa do noivado, quando todos se divertiam e esperavam, ansiosos, ver casados Ricardo e Carmina, Goyita chegou a Santiago. Indicaram-lhe aonde era a "Casa de Troya". Ella, lá, perguntou pelo quarto de Ricardo e quem a attendeu, foi Octavio.

Ciumes dos dois lados. Ella, por elle. Elle, por ella. Resolveram, ali mesmo, acertar aquillo na forma mais vingativa possivel.

— Você espere aqui. Eu vou buscar Ricardo. Se elle não quizer, vir, trarei a familia della para que assista este espectaculo...

Goyita, amante de escandalos, ciumenta, sempre apaixonada pelo "seu" Ricardo, concordou logo e Octavio sahiu para cumprir o quanto o seu ciume todo dictava.

— oOo — oOo — o●o — o●o — oOo — oOo —

FILM DA M. G. M.

RAMON NOVARRO ..... Ricardo
Dorothy Jordan .... Carmina
Lottice Howell .... Goyita
Claude King .... Marquez De Castellar
Eugenie Besserer ...... D. Generosa
William V. Mong .... Rivas
Beryl Mercer .... D. Concha
Nanci Price .... Jacintha
Herbert Clark .... Octavio
David Scott .... Ernest
George Chandler .... Enrique
Bruce Coleman .... Corpulento
Nicholas Caruso .... Carlos
Director: — ROBERT Z. LEONARD

— oOo — oOo — o●o — o●o — oOo — oOo —

Quando Ricardo chegou a Santiago, para estudar na Academia local, não acreditou muito que aquillo tudo fosse verdade. Então, elle... E reconsiderava tudo Quanto succedera: seus amores com Goyita, uma bailarina estupendissima; sua vida desordenada e irregular. Tudo!

E acabou por dar razão aos seus que o haviam mandado para tão distante...

De facto, Ricardo, em Madrid, não era mais do que um selvagem com educação... Eram tropelias diarias. Noticias e commentarios nos jornaes. E, com aquella paixão pela Goyita, escandalos em cima de escandalos, completamente cégo. Agora, em Santiago, nem lhe parecia verdade aquillo tudo que haviam dito...

E Goyita?... Supportaria elle a ausencia?..

—oOo—

Na aldeia, quasi, Ricardo tornou-se, logo, um dos membros da "Casa de Troya" uma agremiação de estudantes, bohemios e bons amigos, instituição essa que já trazia seculos.

Mas... A sua volubilidade teve que parar. Goyita passou a ser, apenas uma das muitas sombras do seu passado amoroso. Substituindo-a, de outra forma, com o seu todo suave e romantico, Carmina entrou pela vida de Ricardo. Ella era filha do maior amigo do pae delle. E, num instante, ao som de musicas entorpecentes e de phrases de amor expontaneas, amaram-se. Ella era, para elle, differente. Trazia o perfume da pureza e o encantamento de uma conquista delicada. Elle começou a sentir, por ella, o amor mais sincero e ella, desde que o vira, o mais perfeito entre todos, tambem deixára entorpecer-se seu pequenino coração romantico.

— Carmina!

Ella se voltou. Vendo-o, afastou-se do grupo e approximou-se delle.

— Que queres?

— Queria que fosses, agora, ao quarto de Ricardo!

— Para que?...

— Para ver a linda creatura que o está esperando lá...

— Impossivel!!!

E elle continuou falando. Ricardo de nada se apercebeu. Mas Ernesto, irmão de Carmina, ouviu e reuniu a familia. Contou-lhes o que Octavio estava dizendo. Ninguem deu credito áquillo. Impossivel!!! E elle, então, convidou-os todos a procurar o quarto de Ricardo, na "Casa de Troya". Innutilmente Ricardo se quiz oppor e tentou liquidar Octavio. Tudo já estava feito e o pessoal todo já se dirigia para o local aonde se achava Goyita.

——oOo——

Quando a porta se abriu, Carmina teve um desfallecimento. Deitada sobre o leito delle, a linda

AMORES

mulher mostrava grande surpresa e enorme espanto e, tambem, o mais pernás possivel...

A scena, ali, foi curta. Ricardo, succumbido, não dizia palavra. Octavio, intimamente, gozava aquelle espectaculo. Carmina, já ali não se achava. O golpe, para seu coraçãozinho amoroso e meigo, fôra forte demais. Ella pensou que Ricardo reagisse e provasse que era uma intriga, apenas. Mas quando o olhou e viu que elle succumbia, tambem... Não conseguiu resistir. Retirou-se, sacudida, já, por violentos soluços.

Ernesto, num golpe, alcançava Ricardo.

— Explica-te! Ricardo, és meu amigo, noivo de minha irmã. Explica-te!

Ricardo olhou-o, apenas.

— Nada tenho a dizer.

— Então toma, covarde e mostra-me que és homem. Amanhã nos encontraremos em duelo!!!

Sahiu. Era a maior amizade do collegio todo. Ricardo e Ernesto. Rompia-se e terminava em sangue...

Depois que todos sahiram, Ricardo quiz procurar o causador daquillo tudo. Já não estava mais ali. Voltou-se para a mulher e lhe disse, apenas:

— Ponha-se daqui para fóra! Voce era o meu passado. Veio para derrubar os sonhos bonitos do meu presente e anniquilar o meu futuro! Para fôra!!!

Facilmente. Ernesto comprehendeu, tarde demais, que ninguem podia culpar o passado de Ricardo. Viu que Octavio fizera aquillo pelo ciume immenso que devotava ao homem que lhe roubara a noiva... E levou Carmina para o lado de Ricardo e apertou-lhe a mão, mais amigo do que nunca.

Já quasi bom, naquelle jardim do hospital, apenas se ouvia o éco brando de sua canção serena e bonita, falando em amar aos ouvidos da sua querida Carmina.

Se os passaros dali falassem e contasse o que elles falavam... Uma phrase apenas elle disse que a deixou mais do que convencida da sua innocencia.

— Carmina... Ella era a roupa velha que eu deixei, para sempre, no armario da vida. Você é meu traje novo, resplendente e bonito! Um dia ella voltou e ainda quiz ser minha, outra vez, ferida pelo desprezo no seu orgulho de mulher bonita. Vendo-me feliz, ao teu lado, quiz arruinar minha vida. Deves perdoar o meu passado. Se eu soubesse que te ia encontrar, querida...

Não se ouviu mais nada. Apenas um rumor de beijos longos e apaixonados, misturado ao arrulhar amoroso dos passaros..

No dia seguinte, quando o juiz do duelo deixou cahir o lenço, o braço de Ricardo se ergueu e o tiro partiu, para o ar. Ao mesmo tempo, ferindo-o na clavicula direita, vinha o tiro de Ernesto, certeiro...

——oOo——

Passaram-se dias. Outros, ainda, para o restabelecimento completo de Ricardo. Ao seu lado, meiga e amorosa, Carmina, sua noiva. E, acabando de se despedir delle, Ernesto, seu futuro cunhado e o homem que o ferira, no duélo...

Como se déra aquillo?

♮ Frank Lloyd foi emprestado á Fox para dirigir um film.

♮ Nies Osther e Vivian Duncan casaram-se, em Reno, para onde se dirigiram ha tempos.

♮ Bem Lgan foi contractado por longo espaço de tempo pela Warner Bros.

♮ Levis Milestone foi contractado por longo espaço de tempo pelo Universal. Elle dirigirá uma historia que será, mais ou menos, uma outra versão de "All Quiet On the Western Front".

♮ Laurence Tibbett, depois de "New Moon", fará a versão falada de "Viuva Alegre", no papel de John Gilbert. Será elle melhor do que o famoso galã?...

♮ Erich Von Stroheim dirigirá, para a Universal, com a qual está de novo, a versão falada de "Maridos Cégos", um dos seus passados grandes successos.

♮ Greta Garbo, para seu proximo vehiculo usará o argumento de "A Dama das Camelias", mais uma e... falada, ainda por cima... Pobre Greta Garbo!

♮ "Joumey's End", successo da Tiffang, terá versões faladas em hespanhol e francez.

♮ Emil Jannings voltará aos Estados Unidos, para representar ao lado de outros allemães em "The Idol", para a Warner, com a qual assignou contracto.

♮ Gene Tunney, ex-campeão mundial de "box", fará um "short" para a Paramount. Naturalmente, literato como é, recitará alguns versos de Longfellow.

♮ O proximo film de Ronald Colman, para a United, será dirigido por ~~Quing~~ Cummings, para isto já emprestado á Fox.

Pergunte-me Outra

ZYROPAZO (Collatina, E. E. Santo) — *Clichés* e materia, é impossivel, por diversas razões sé explicaveis a viva voz. Quanto ás trancripções, mencionando a origem, perfeitamente. O meio de obter é procurar as agencias distribuidoras dahi.

MARIO MORENO (Pelotas) — Louvavel o seu enthusiasmo pelo Cinema Brasileiro. E' preciso que esteja aqui e que se apresente ao director Humberto Mauro para ver se consegue alguma cousa. Já falei ao Octavio e dei o seu recado. Elle achou muita graça na sua "supposição"...

E. BANNO (Cantagallo) — 1.° Tamar Moema, "Cinédia Studio", rua Abilio 26, Rio. 2.° Lia Torá, 937, N. Edinburg, Hollywood, California. 3.° "Montana Moon". 4.° Sim. 5.° Tem, mas para falar, apenas.

JACK QUIMBY (Porto Alegre, R. G. do Sul) — "Très bien", Jack!... Opportunamente você até ficará assustado com o que vae sahir... "Labios sem Beijos" vae ser lançado para o mez. Leatrice Joy está no theatro, representando "vaudevilles" e Seena Owen apparecce aqui e ali, em alguns papeis. Estaria em grande evidencia se a primeira versão de "Queen Kelly", dirigida por Von Stroheim, não fosse archivada... Postaes? Ou photographias 18 x 24? Se são estes, não se vendem, porque é material de reclame que as Agencias utilizam muito. Ella não irá ao sul, não. Lia Torá tem um contracto com a Warner e figura no film de Harry Langdon, "A Soldier Plaything". "Bye, Bye", Jack e... até á "outra"!

V. ARAUJO (V. de Tombos) — 1.° Não está trabalhando, actualmente. A fabrica não existe mais. 2.° Não ha. 3.° Uns 3$000 e poucos réis. 4.° O de Lia, leia acima. O de Olympio, 5516, Fountain Ave., Hollywood, California. 5.° Não se sabe. Quanto ao "brilho" é illusão de optica sua... E tambem não interessa.

F. BORGES L. (Rio) — Jeannette Loff, Universal Studios, Universal City, California. Jeannette Mac Donald, Paramount Studios, Hollywood; California.

DOLORES (Natal, R. G. do Norte) — Póde mandar as photographias, sim. O endereço, para as mesmas, é "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio.

ARISTIDES (Herval, Sta. Catharina) — O primeiro passo e enviar photographias para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio. E, depois, aguardar sua opportunidade. Fez muito bem: "você", sim, é assim que eu gosto!

BINU (Recife, Pernambuco) — Morreu, sim e Milton Sills tambem. Gostei das *aulas de inglez*... O primeiro film falado, para bem breve. Suas ultimas considerações estão um tanto "apaixonadas", não acha não?... 1.° Lia Torá, acima o endereço. 2.° Deixou o Cinema. 3.° Rachel Torres, M G M Studios, Culver City, California. 4.° Dolores Del Rio, Warner Brothers Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollyword, California. 5.° Charles Chaplin, idem. As cartas foram entregues.

ANIBAL MARQUES GREGORIO (Coimbra, Portugal) — Perfeitamente, póde mandar as informações que achar uteis e as photographias que conseguir. E' um assumpto que interessa, realmente. Quanto ao Album, dirija-se á gerencia.

SYLVIO Z. O. (Carlopolis) — Envie photographias e, depois, aguarde sua opportunidade. Endereço para as mesmas: "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio.

JEANETTE JANSEN (Recife, Pernambuco) — Suas razões são muito justas, aliás. Mas... apesar disso, póde mandar as photographias. Será uma maneira de ser lembrada, na primeira occasião util. O papel requerendo um determinado typo, nem que elle resida em Manáos, longissimo daqui, vae-se buscar, Jeanette! Não deve perder as esperanças, não. Sobre o "dahi", poderá falar melhor do que eu. *Labios sem Beijos* irá, com certeza. Annotei suas opiniões sobre os artistas citados... "Pergunte-me outra", logo...

ANNA LEE (?) — Se o que eu disse você apreciou tanto, o direi eu das suas cartinhas, verdadeiros romances de perfume e delicadeza?... Que você é romantica, eu já sabia. E sabia por causa das proprias phrases sentimentaes que você escreve... A sua opinião sobre a felicidade é certa, sim. Se você tem?... Tem sim! E bonito e delicado como só elle sabe ser... Já perguntei, como não! Sabe o que elle me respondeu?... Isto: "quando recebes aquellas cartinhas cheias de perfume e de romance, vindas de tão

Dorothy Mc Nulty e Mary Lapler que nadam com uma perna nas costas...

longe..." Você póde ser terrivelmente egoista. Mas será mais egoista do que eu?... Se eu disser, de que adianta?... Escreva logo, Anna Lee.

BEN HUR (Ribeirão Preto) — Aonde aprendeu você esse latim todo? Pois é para você ver. Parece anecdota, realmente, mas... Lon Chaney morreu, sim! O segundo? Já morreu tambem, sim... Milton Sills! O terceiro é que é a incognita... 1.° Chega para os fins deste mez. 2.° E' uma pergunta que deve fazer a um delles para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio. 3.°

Lêm todas, sim e respondem, naturalmente. 4.° Os artistas de Hollywood nem sempre respondem. E alguns delles ainda têm o pessimo vicio de pedir dinheiro em troca. Se você escrever em hespanhol ao Ramon ahi é que não recebe, mesmo, porque a secretaria delle provavelmente nada entende da lingua de D. Quixote... 5.° Francamente, não sei. E só respondo, por praxe a 5 perguntas de cada vez, Mr. Hur.

RYDANA (Rio) — O seu enthusiasmo pelo Cinema Brasileiro é magnifico. Augusta Guimarães, que tanto admira, "Cinéda Studio", rua Abilio, 26 Rio.

MILTON (Rio) — As 4, M G M Studios, Culver City, California.

HILDA (Rio) — Jeanette Mc Donald e Maurice Chevalier, Paramount Studios, Hollywood, California. Ramon Novarro e Anita Page, M G M Studios, Culver City, California. Mary Pick-

Katherine, filha de Cecil, B. de Mille e Clara Bow.

ford, United Artists Studios, 1041, Formosa Avenue; Hollywood, California. Tom Mix está agora fazendo "tournées" com um circo de cavallinhos.

NILS NORTON (Porto Alegre) — Deixe de desanimos, homem, coragem! Aguente firme que seu dia ha de chegar! Meus parabens, então. 1.° Ainda não. 2.° Ann Cornwall. 3.° Columbia.

C C B (Campina Grande) — Seus commentarios são muito interessantes. Quanto a collocações de machina, "leader", typos adequados ao assumpto e demais elogios, não estão os mesmos collocados no devido logar. São funcções genuinamente de direcção, sim. No restante, porém, foi feliz.

RANULIA NORTIN SORÔA MORANO (São Salvador, Bahia) — Você é mesmo a minha "netinha" mais levada da breca! Imagino só os cabellos brancos que ha de pôr na sua pobre Mamãezinha, não? Mas você é bôazinha, eu sei... E' isso mesmo. Continue com esperança firme e com animo. Seu dia chegará, sim. Não chore e nem ligue importancia a casos assim, Ranulia. São cousas que não merecem os seus aborrecimentos. Todos os "boys" são assim... Então gostou tanto assim da photographia do Paulo Morano? Elles têm recebido as cartas, sim. Naturalmente responderão. Gostei muito do que disse a respeito de admirar uma artista de Cinema no Cinema, apenas. Chame como quizer, sim! Mande as photographias que irão para o Album, juntinho com as outras que você mandou ha tempos. E como vae a "conversão" della? Isso mesmo: calma. Você continúa sendo uma das netinhas mais queridas, sim e receba a paga dos seus beijos. Até logo, Ranulia!

NAYNA (Petropolis) — São muito justas as suas considerações. Mas... Foram defeitos já agora em vias de remoção. Póde descançar que é cousa passageira. Aguarde muitas "novidades", ainda, que a empolgarão, com certeza.

J. P. CARVALHO (São Paulo) — Precizo do seu endereço.

OPERADOR

Charles De Roche, actor francez que figurou em varios films francezes e americanos, está dirigindo films falados para a Paramount em Joinville.

Jeanette Mac Donald não morreu

NÓS É QUE ESTAMOS MORTOS POR ELLA...

LAURINHA

Sem affirmar eternos 19 ou elogiar immutaveis 20, Laurinha diz, para quem a quizer ouvir, que tem 25 annos completos e experiente. E, ainda mais que, apesar de só ter esta somma de annos, tem, em experiencia, seculos...

Al Christie foi quem a lançou no Cinema, com cachos e sorrisos angelicos de criança de 9 annos que então tinha. E, assim, é á elle que devemos agradecer a ventura de termos, em films, a figurinha delicada e bonita de Laurinha...

Ella nasceu em St. Louis, Missouri, antiga possessão franceza. Seus paes, uma professora e um professor. Ella, de Escola Publica e elle, de danças, chamavam-se Elizabeth Turck e elle, William La Plante. Tanto tinha ella de culta e intelligente, quando elle de futil e irresponsavel. E foi nessa athmosphera de desigualdade matrimonial que Laurinha se criou. E, ainda assim que, pouco feliz embora, attingiu seus pequeninos 9 annos de idade.

Ahi, ella e Violet, sua irmãzinha, foram enviadas para o lar de uns primos, em Los Angeles, emquanto Madame La Plante dizia um "adeus" ao pouco juizo do professor de danças, William La Plante.

Livre, finalmente, animou-se a corajosa professora e levou suas filhinhas para San Diego, do qual guardam ellas poucas lembranças agradaveis...

Não podendo proseguir na sua carreira de professora, por causa de uma sempre crescente surdez que a tomava toda, empregou-se ella numa loja da localidade e, assim, lutava e sustentava o seu modestissimo lar. Apesar de tudo, ainda que lhe faltassem roupas decentes para se apresentar, Elizabeth Turck cuidava com extremos os mais carinhosos da educação de suas filhas e, ainda, conseguia, com muito custo, as licções de musica, gratuitas, que lhes passou a dar um professor das immediações. Violet passou a tomar licções de violoncello e Laurinha de violino.

Depois dos estudos e dos primeiros concertos, Laurinha e Violet descobriram, satisfeitas, que seria aquelle o vehiculo que as levaria á fama e á fortuna. Foram passar as férias do verão com os primos de Los Angeles e, lá, não sabe ella nem porque, resolveu tentar o Cinema, ainda que isto lhe custasse uma duzia de bons cascudos, quando chegasse de novo ao seu lar...

A primeira cousa que obteve, foi um trabalho ocmo "extra", com Al Christie. Antes de chegar o momento de regressar a San Diego, recebia ella a proposta para um contracto com uma das emprezas productoras. E tão feliz ella se sentiu com a proposta de 25 dollares semanaes que recebeu que, antes de pensar em mais nada, resolveu seguir essa carreira que assim se offerecia. Pouco depois, com a Universal, assignava um contracto melhor ainda, para papeis de heroina de films em dois actos, do oeste e, com grande orgulho, constatava que já recebia 40 dollares por semana, uma verdadeira fortuna, na sua opinião.

Entre o seu primeiro contracto com Christie e o seu segundo, com a Universal, veio a sua experiencia inicial num drama, ao lado de Louise Glaum, a estrella de um film que então a A P fazia. Tão feliz sentiu-se ella com seu papel intensamente dramatico que levou sua mãe e sua irmã para assistir o film, pois já moravam ellas com ella e, com grande desgosto, constatou que todo o seu papel resumia-se em duas entradas ou tres, sendo que o resto ficára no salão de côrte...

Seguiu-se uma série de papeis insignificantes, excepto uma opportunidade que teve ao lado de Charles Ray, em "The Old Swimmin'Hole", até que Reginald Denny, muito contra sua vontade, aliás; teve que a acceitar como heroina, para uma das suas comedias para a Universal. Foi a sua primeira opportunidade de tentar a farça-comedia. Ao cabo do film, Reginald a procurou e lhe pediu o favor de continuar como sua heroina por mais alguns flms... No fim desse mesmo anno, feliz como nunca, era ella considerada "estrella", pelos productores e elevada á essa cathegoria, encabeçando seus proprios elencos.

Eis em resumo tudo quanto succedeu de bom e de ruim a Laura La Plante, desde que ella se dá por gente e desde que entrou para o Cinema. Sempre correcta e sempre constante, jamais pensou em deixar sua companhia, a Universal, até que hoje, vendo que não lhe era mais possivel ser posta em elencos deficientes para films terceiros, em cathegoria, é que ella resolveu deixar mesmo a fabrica. De uma cousa, porém, ella sempre se mostra admirada. E' de como poude representar farças e ser artista de comedias. Diz ella que sempre se sentiu com propensão para representar dramas e que nunca, mesmo, pensou na possibilidade de representar comedias. Mas que, apesar de tudo, sente-se perfeitamente bem dentro do seu papel. Laurinha, além de bôa artista, é a melhor esposa do director William A. Seiter. E', principalmente, das raras creaturas que, depois das horas de trabalho torna-se apenas a esposa de seu marido e não a artista tal, cheia de pose e presumpção... Ella é simples, delicada, de uma modestia que encanta e de uma belleza que fascina.

Uma das suas peores qualidades é a sua extrema modestia. Ella lhe tem valido, até hoje, abusos de productores e pouco caso de jornalistas. Laurinha não dá a impressão de ser uma artista de Cinema. Não guarda poses e nem estuda expressões para occasiões determinadas. E' sempre a mesma.

Seu marido é divertido e alegre e gosta, ás vezes, de frequentar reuniões e festas. Ella não se oppõe. Accompanha-o, embora fique constrangida e seja forçada a apparentar o que não é. Não se sente bem, nesses ambientes, porque é extremamente simples e não póde supportar siquer a idéa de apparentar um sentimento que não seja o seu.

Realmente á vontade, ella apenas está junto aos seus e quando a sós com seu marido. Ahi, então, torna-se ella uma desenvolta senhora, prendada em dotes de intelligencia e coração e extremamente gentil. Ainda que não seja dada ao palhacismo de certas occasiões, é muito divertida e muito espirituosa, mesmo. Pouco aprecia as gargalhadas e mesmo que aprecie immensamente uma cousa, ou ache formidavel uma piada, apenas sorri com satisfacção e... nada mais... E' pouco dada ao sarcasmo mas cultiva, sem que lhe seja possivel isso transformar, um genio um tanto intempestivo e arrebatado.

Não era raro ver-se Laurinha, no Studio, perguntando por um "extra" qualquer ou por uma "extra" sem importancia. Todos lhe interessavam. Particularmente aquelles que começaram, no Cinema, justamente por onde ella começou. Nunca se mostrou autoritaria com ninguem e, tampouco, exigente.

(Termina no fim do numero)

Laurinha, bôa dona de casa, menina comportada e docil que todos querem bem...

Assim vive Monte Blue...

O MICROPHONE ROUBARA' A SUA CASA BONITA?

Homens sem mulheres... Marinheiros. Gente que tem uma pequena em cada porto, uma illusão em cada lugar que passa, mas sempre, no coração, uma immensa vontade de ser feliz...

Em Shaigai, num dos "bars", os marujos do "S. 13", submarino norte-americano, divertem-se como podem. Já se esqueceram, elles, das Marys, Louises, Yvettes e Gretchens e, agora, amam as Ming Toys e as Wong Wings... Porque não? O opio. A musica. O torpor daquelle ambiente suffocado e afflicto como suas proprias almas... E ellas dansam. A musica não tem o rythmo do "jazz" que elles tão bem conhecem e nem o sentimentalismo de uma valsa de Marselha. E' musica, apenas...

Dansam. Divertem-se. Sorriem e lembram-se, entre risos, de uma Patria distante que sempre, para servil-a os mantêm longe de si. Os marinheiros poucas vezes têm seus lares. Seus filhos. Seu conforto. A vida delles é mais errante do que estavel. De porto para porto. De terra para terra. Sempre em cima de ondas, sempre a procura de uma felicidade que não apparece.

Mas não parecem aborrecidos. Riem. Largamente, fartamente, demais, mesmo. Daqui ha pouco estarão navegando, de novo.

Vamos aproveitar?...

E augmenta a dansa. Ha uma bailarina branca, perigosa, namorada de todos que ali estão... Pisca ao John. Sorri ao Charlie. Anima o Tommy e liquida o Jimmie com um colleio de serpente. Ha bebida. Na Patria, não ha. Ha lei secca, apenas. Mas em Shaigai...

Viva Shaigai!!!...

E bebem e dansam e divertem-se.

Até que Burke, o chefe dos torpedeiros, entra para os procurar. Ha um grito de attenção. Ha olhos que se voltam para elle, e elle fala.

HOMENS sem

(MEN WITHOUT WOMEN)

— Preparem-se! Seguimos já para Hong Kong!

O desapontamento é geral. Mas ninguem reclama. O regimen é a camisa de força que o militar usa voluntariamente...

Apromptam-se, sáem...

Ha um beijo ali, um beijo aqui, um beijo acolá. Abraços, sorrisos, caricias apressadas, promessas de uma volta *breve*...

Depois risadas, gargalhadas, um resto de barulho e...

O bar, de novo, quiéto e calmo como se delle houvesse fugido a propria alma...

——oO——

Depois que Burke e Price, um marujo recentemente incorporado á guarnição do "S. 13", sahiram, um official inglez, que ali se achava, pensativo e calmo, voltou-se para o seu companheiro.

FILM DA FOX

Kenneth Mac Kenna .... *Burke*
Frank Albertson .... *Price*
Paul Page .... *Handsome*
Walter Mc Grail .... *Cobb*
J. Farrell Mac Donald .... *Costello*
Stuart Erwin .... *Jenkins*
George Le Guerre .... *Pollock*
Ben Hendricks Jr. .... *Murphy*
Warren Hymer .... *Kaufman*
Roy Stewart .... *Capitão Carson*
Warner Richmond .. *Commandante Bridewell*
Harry Tenbrock .... *Winkler*

Director: — JOHN FORD

— Ou aquelle era quem eu penso ou...

O outro não falou. O final incompleto da phrase é que lhe chamou a attenção.

— Aquelle quem?

— Viste? Aquelle de bigode?

— O que chegou e ordenou aos outros que se fossem?

— Elle mesmo! Pois...

MULHERES

Tomou um trago. Fez uma pausa para reflectir bem no que ia dizer.

— Ou elle era aquelle mesmo que pensavamos haver naufragado com seu *destroyer*, durante a guerra, victima de um certeiro torpedo ou...

— Ou o que, diga?

— Ou eu me enganei e foi apenas uma impressão.

Ergueram-se. Mais rapidos do que habitualmente dirigiram-se á sahida e observaram os marinheiros que já iam bem longe. Não era possivel! Verdade era que o, rapaz, quando entrou, tinha um que de profundidade triste, na sua physionomia e, alem disso, a bordo todos o conhecessem, justamente, pelo seu traço predominante de mysterio e recolhimento. Mas...

Provavelmente era supposição, apenas.

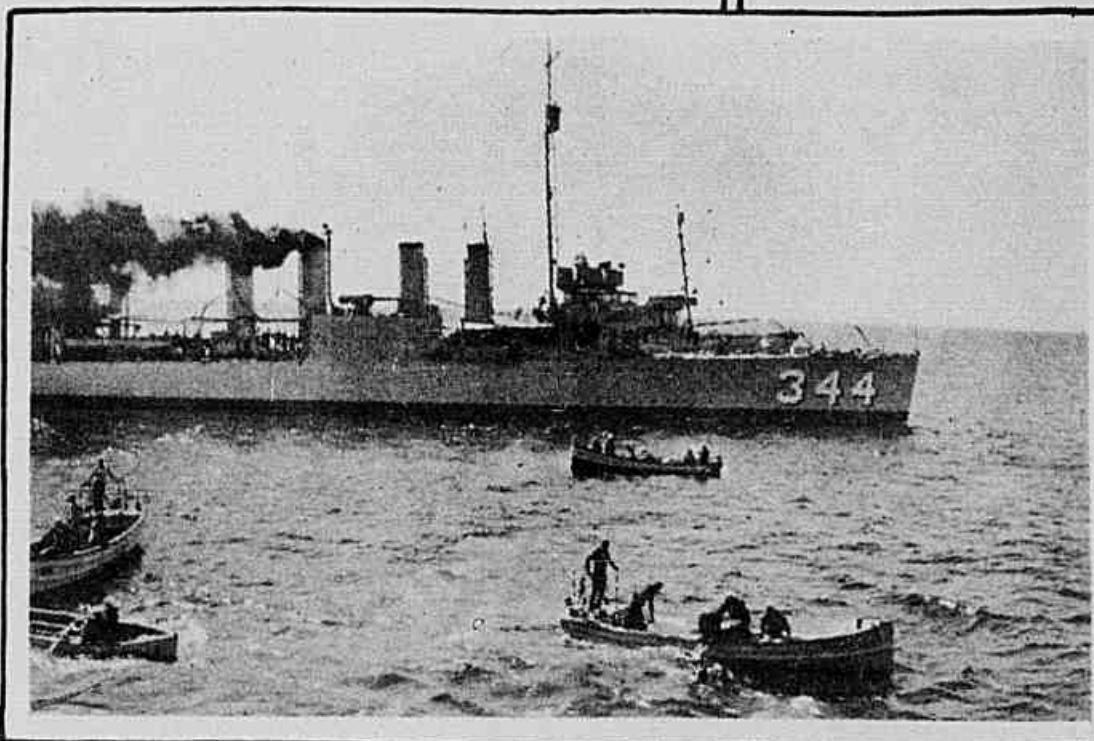
—oOo—

Minutos depois, guarnição a postos, seguia o "S. 13" rumo ao seu novo destino.

Com neblina e cerração profundas e uma amargura quasi geral nos corações dos marinheiros. Interessava-lhe Shangai. Hong Kong positivamente não...

—oOo—

No meio da viagem, o observador nada vendo pelo telescopio, o "S. 1"" foi abalroado por um transatlantico que ali cruzava e, em segundos, ia ter ao fundo do oceano, milhares e milhares de metros de profundidade...

Isto que ahi acima vae narrado, em fórma quasi telegraphica, encerra a profunda tragedia de 14 homens, vivos, encerrados naquelle cofre de aço miseravelmente desgraçados e logicamente destinados a morrer... Nada! Apenas um choque. Gritos. Gemidos dos feridos. E, com rapidez phantastica, o pesado fardo, desequilibrado, descendo, descendo, descendo, para o fim da vida...

O capitão, demais componentes da guarnição, foram destroçados. Burke e Price, commandando como superiores aquelles 14 homens, eram os sobreviventes. Se é que merecem este nome, realmente...

A collisão destroçára a estação de radio. Por uma fresta, impossivel de concertar, a agua a vasar, lentamente, para acabar de encher a náu, matando a todos. O ar, pouco, gradualmente desapparecendo. Quasi nenhuma alimentação artificial de oxygenio. Apenas o oscilador do submarino, intacto, e, tambem, unica esperança de salvamento para todos aquelles infelizes.

—oOo—

E ali, debaixo de pressão intensissima. Esmagos em vida, quasi, com os pulmões martyrisados, já. Começam a vir a tona as verdadeiras almas de todos aquelles seres. E ali, cousa extranha, naquelle momento de afflicção e miseria, contando com a morte, segundos depois, a morte mais terrivel que se possa imaginar: aquella que nega o ar e mata numa suffocação desgraçada, começam elle a revolver o passado. E, delle, em vez de lhes vir a lembrança os ensinamentos de paciencia e fé de uma religião, vêm-lhes á recordação, quasi á um só tempo, tudo quanto de amor gastaram na vida. Aventuras. Illusões. Beijos quentes e beijos sinceros. Abraços trahidores e pandegas em portos de má catadura.

Um por um conta e pensa no passado. A ultima ancia daquelles homens, são as mulheres que passaram pelas suas vidas. São ellas! Em cortejo, de mãos dadas, vêm! Il-

(Termina no fim do numero).

O QUE FEZ DELLES O Cinema FALADO...

O Cinema falado anniquilou toda a poesia e todo o romance do Cinema calado. O symbolo foi substituido pela voz. O detalhe desappareceu para entrar o ruido synchronizado. E, assim, tudo tem succedido.

Ainda ha pouco, por exemplo, o que fizeram de Greta Garbo?... Fizeram-na falar! Fizeram-na empregar um accento suéco, carregado, na sua voz possante e fazendo-a viver "Anna Christie", mataram toda a illusão bonita que se tinha daquella creatura espiritual e sensual, á um só tempo, que era, ainda, a maior gloria do verdadeiro Cinema de annos passados...

E Corinne Griffith? O que fizeram á orchidea do Cinema? Despediram-na, não mais a quizeram, apenas porque ella tinha um modo de falar extremamente nasal... E' justo? Está certo?...

E John Gilbert?... Só porque não tinha uma voz de trovão e macia, nas declarações de amor, despedem-no?... Ou antes, fazemno ficar afastado da téla e dos seus incontaveis "fans?..."

Janet Gaynor... Figurinha de sonho e

Corinne Griffith perdeu o "emprego" porque falava pelo nariz...

encantamento dos romances mais delicados que os films já apresentaram. Ha tanto que só representa papeis mediocres e é obrigada a cantar *fox trots*...

Vilma Banky, tão loira, tão bonita! Lembram-se dos seus romances com Valentino e Ronald Colman? "Dois Amantes", que ainda ha pouco vimos, de novo não é a cousa mais deliciosa e suave que já se viu em Cinema?...

Tudo isto Mr. Microphone tem destruido. Tudo! Agora elle quer bôas vozes. Arranjou Hal Skelly, Charles Ruggles, Jimmie Durante, Alexander Gray, Elliott Nugent, e, ainda, dezenas e dezenas de outros que têm voz e, com elles, nada mais tem feito do que tirar a illusão do Cinema e matar todo o gosto que o publico já tinha pelas bôas fitas.

Não é justo! A cegueira que hoje turva os olhos dos productores, não póde continuar. E' impossivel! Elles têm que ver que o maximo da voz podem ser os letreiros, substituidos, nesse caso, pela voz. Mais nada. O mais que se faça, neste sentido, é exaggero inutil.

John Gilbert é um exemplo typico da cegueira terrivel que toma conta dos olhos dos productores. Sómente porque sua voz não era a de um galã amoroso, como o chamam de preferencia, deve ser elle afastado da téla? Não se leva em conta a sua tremenda personalidade?...

No principio da febre de fitas faladas, então, a corrida foi maluca. Em materia de canções, então, a cousa era divertidissima! Não podendo certos artistas cantar, realmente, limivam-se a fazer os movimentos, labiaes, porque as canções eram devidamente cantadas... por outros! Isto, no emtanto, no momento que o publico soube, tornou-se ridiculo aos olhos do mesmo. E, entre os que mais se prejudicaram com a idéa dos "productores", foi Richard Barthelmess. E especialmente feio e ruim, para elle, porque, antes do film sahir, que foi *Regeneração*, annunciara que estava estudando canto com afinco e que faria sua estréa nessa pellicula... Foi uma felicidade, mesmo, não ter aquillo arruinado sua carreira. O mesmo aconteceu a Corinne Griffith e, mais tarde, a Laura La Plante, tambem...

William Powell, o villão que os "talkies" fizeram galã.

Janet Gaynor que nunca mais fará "Setimo Céo"...

Norma Shearer, que é considerada a melhor voz re Hollywood.

Gloria Swanson que se salvou cantando e falando..

Mary Pickford, com as fitas faladas, ganhou alguma melhora. Isto é. Apresentou-se com uma voz razoavel e com os cabellos cortados, mais moça, portanto. Mas ella se esquece, pobrezinha, de que ninguem se lembra della e ninguem gosta della se não fôr como garotinha rasgada e sujinha, a soffrer, delicadamente, uma fita toda só para proteger seus irmãozinhos... O seu seguinte papel, foi o de Katherine, em "Mulher Domada". No emtanto, só para unil-a a Douglas, num film, foi ella terrivelmente mal escolhida para esse papel. Os resultados deste segundo film foram tão surprehendentes, que, já em meio da filmagem de "Forever Yours", ou seja, a versão falada de "Segredos", que Norma Talmadge ha annos fez, parou ella, porque constatou que o publico não a supportou naquelle outro... O que aconteceu foi que ella resolveu não terminar o tal film e perdeu, nisso, 250 mil dollares...

De facto, Mary é uma esplendida artista. Mas Mary não deve se utilizar, de vehiculos que não sejam possiveis para a sua personalidade. Porque a lei dos typos existe e principalmente para os primeiros papeis de um film, aquelles, justamente, que o publico mais observa. Ella deve representar o que o publico quer e o que sua personalidade póde ser. Razoavelmente, depois dos seus 40 annos, não quiz mais ella usar roupas de menina,

(Termina no fim do numero)

BARRY NORTON
Cinearte

MARTHA SLEEPER

Cinearte

DOROTHY JORDAN

CINEARTE

BESSIE LOVE

CINEARTE

Anna May Wong...

O SOL DE HAWAII NO CINEMA ALLEMÃO.

ANNINHA, SOL QUE SENTE FRIO...

A OPINIÃO DE

MAURICE CHEVALIER, OUTRO SUCCESSO

FLORENZ Ziegfield, o empresario mais famoso, em todo mundo, no genero de theatros de revistas, fala de algumas das artista de Cinema. Discute a belleza de Hollywood, sob o ponto de vista do seu theatro. Naturalmente, nos seus commentarios, refere-se a estrellas celebres, no Cinema, com ironia e com vontade de as transformar, em palavras, numa de suas simples coristas. No emtanto, não nos devemos aborrecer com isto, porque, sabemos, Mr. Ziegfield é um excellente rapaz e suas idéas são interessantissimas, tambem.

Florenz Ziegfield é um homem de fino tacto. Pondo os pollegares sob a cava do seu collete, disse-nos, como a maior garantia. "Fallarei das que conheço. Não vi a todas e nem sei se terei tempo para as ver..."

Mas... Vamos ao que serve: ouçamol-o, agóra que elle está com a United Artists, para a producção das suas revistas, em accordo com Samuel Goldwyn.

— As mulheres de Hollywood, quazi todas, têm belleza demais até para o que eu preciso nos meus **shows**. Muitas dellas, no emtanto, são apenas bellezas... photographicas! Isto é. Bellezas que apenas se podem chamar, quando photographadas com lentes favoraveis e extremamente delicadas para com as mesmas.. E, pelo outro lado, para ser **girl** da minha **Follies**, precisa, antes de tudo, ser agradavel á vista, no primeiro relance. Têm que ter um colorido fascinante, na sua attracção pessoal e uma perfeita compleição physica. A altura é um factor tambem bastante importante. Não pode haver meio termo: ou bem altas ou bem baixas. Os typos intermediarios não servem. Justamente, portanto, o opposto de Hollywood: o typo de estatura mediana. Note-se, porém, que Hollywood guarda muitos de antigos successos do meu **Follies**: Billie Dove, Marion Davis, Jane Winton, Lina Basquette e muitas outras.

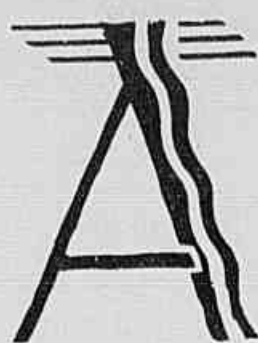
— Para competir com a fama da melhor das minhas **girls**, daqui de Hollywood, com franqueza, só mesmo Greta Garbo! A minha **girl** principal chama-se Dolores. E' alta. Greta Garbo, tambem. Dolores porta-se num palco com uma distincção admiravel. Greta Garbo tambem se portaria. E, além disso, diga-se, ella nada teria a fazer no **Follies**. Bastava a sua simples apparição. Bastava... Éra ella que seria, nas minhas revistas, a personificação do mystico e intrigante. Dolores por exemplo, quando entra para o palco, chama a attenção para o seu exotismo e para a sua exquisitice. Tambem succederia isso com Greta Garbo, a creatura mais exquisita e differente que eu conheço. Estas mulheres, concluindo-se são muito mais do que bellas! São personalidades fascinantes, formidaveis! Greta Garbo é uma só. Não existe outra.

Depois desta phrase, ficamos pensando no que nos dizia Ziegfied. De facto, tinha razão. A apparição de Greta Garbo, no seu **show**, seria uma fascinação formidavel, unica. Não haveria lugar que sobrasse para conter o publico todo que se deixaria attrahir pela sua fascinação formidavel. Mas... E Gloria Swanson? E Norma Shearer? E Mary Pickford, Clara Bow, Norma Talmadge, Vilma Banky, Corinne Griffith, Loretta Young, June Collyer, Mary Brian?... Continuou elle as suas idéas.

— Gloria Swanson, por exemplo, é uma esplendida artista e uma mulher interessantissima. Mas suas qualidades de artista dramatica é differente, são feitas apenas para um **close up** de uma bôa **camera**. Gloria Swanson não nasceu para ser do meu **Follies**. Sua belleza estranha e sua figura exotica jamais ficaria adaptada aos papeis que eu lhe poderia dar. Depois, além disso, é de estatura mediana e não tem a conformação ideal de uma pequena das minhas. Ella poderia, em caso de emergencia, figurar com successo em alguns meus **sketches** dramaticos. Mas jamais seria possivel para se apresentar como **show girl**.

— Digo o mesmo, em relação a Mary Pickford, Norma Talmadge e Norma Shearer. E, cousa engraçada, quando ainda se achava em New York, Norma Shearer procurou-me, muito tempo antes de entrar para o Cinema. Pediu-me que lhe désse um papel no **Follies**. Disse-lhe, claramente, que éra deficiente em altura e que, portanto, não poderia ser uma corista do meu espectaculo. Dar-lhe-ia, entretanto, uma pontinha ou outra naquillo que eu chamo classe das **pony-chorus**. Mas ella me explicou, contrariada, que não sabia dançar. Disse-lhe, então, que aprendesse dança e que, depois, me procurasse que eu lhe daria o lugar. Mas jamais a vi, a não ser tempos depois, em revistas de Hollywood, começando a entrar para uma evidencia sem conta, hoje no maximo grão, aliás.

Em outra occasião, appareceram-me duas irlandezinhas que precisavam muito de trabalho. Escolhi uma dellas mas recusei terminantemente a sua irmã. Ella éra, sem mais e nem menos, a Nancy Carroll que hoje, nos films, tem feito tanto successo. No emtanto, se estivesse eu escolhendo elenco para um film, teria justamente feito o contrario... Eis uma forma mais facil de explicar essa grande differença que ha de um para outro campo de arte.

— Sally Eilers, de todas as pequenas da capital do Cinema, é o mais completo typo da belleza americana. Eu a escolheria de olhos fechados para figurar como principal figura de um dos meus espectaculos. Ella tem proporções magnificas para o meu theatro. Sua altura é proporcional ao seu physico e tem, no rosto, uma alegria e uma intelligencia que se estampam nitidamente. E' uma personalidade

GRETA GARBO, QUE ZIEGFIELD ACHA A "MELHOR" DE HOLLYWOOD

SALLY EILERS, A PERFEITA BELEZA DE HOLLYWOOD

magnifica! Não sei porque é que ella foi, ainda, nos films, um real successo e, nos **talkies**, então, um estrondo. Mas sei, apenas, que, quando quizer essa opportunidade commigo, é só pedir que a terá.

— Uma das mulheres mais bem feitas de Hollywood é Dolores Del Rio. No **Follies**, ella seria uma verdadeira sensação. Ella não seria um successo como artista de quadros. Seria um successo como dançarina de **sketches**. Tem um co-

ZIEGFIELD

lorido e uma vivacidade que encantam e fascinam. E, sem duvida, estas qualidades são as maiores de uma **Follies girl**. Já a imagino no palco do meu theatro, dançando com a sua extraordinaria personalidade e enfeitada com os coloridos que sómente os meus effeitos de luzes podem dar. O processo Technicolor, **apenas** nascido, não é ainda aquillo que são as luzes do **meu theatro**, estudo de annos. E é por isso que eu já imagino o que seria esse **sketch** de Dolores, com effeitos de luzes adequados e um perfeito ambiente, em redor...

— A creatura mais bonita de Hollywood, é Olive Borden. Mas isto é preciso ser commentado para ser devidamente analysado. Sua figura é admiravel, porque seu physico é perfeito e suas formas são impeccaveis. Acho-a esplendida!

— Alice White é outra pequena que seria um successo sem precedentes como uma das minhas **girls** do **pony-chorus**.

Já me perguntaram, por mais de uma vez, se Vilva Banky, Janet Gaynor e Fay Wray, no meu theatro, dariam resultados satisfactorios. Ellas pertencem á um typo distincto. Mas, considerando-as sob o ponto de vista do meu theatro, acho-as **physicamente incapazes!** Não têm os physicos que são necessarios para o meu theatro e, assim, seriam fracassos tremendos para o mesmo. Suas bellezas são mais espirituaes e ethereas do que outra cousa qualquer. No emtanto, apenas como curiosidade de uma semana, marcariam successos.

— Gladys Glad, uma das minhas ultimas bellezas, éra, realmente, um typo espiritual e ethereo como as que acabamos de citar. Mas... Tinha um physico impeccavel, tambem e, assim, conseguio, com isto, sua victoria.

— Clara Bow seria uma **Follies girl** ideal. Já fiz tudo para a ter nem que fosse por um dia só em meu espectaculo. Não consegui. Mas eu ainda conseguirei, porque quero ter o prazer de a ver vencer, ruidosamente, num novo genero. Ella, na minha opinião, tem uma voz admiravel para os fins a que se destinam os meus espectaculos e o seu physico é esplendidamente proporcional. Além disso, tem vida, personalidade e um physico magnifico.

— Ahi estão, portanto, as minhas escolhidas: Dolores Del Rio, como bailarina. Sally Eilers, Clara Bow, Alice White e Olive Borden, como **pony-chorus girls**. Gloria Swanson para um ou outro **sketch** dramatico dos meus espectaculos mas... de Hollywood, torno a confessar, Greta Garbo! Dêm-me Greta Garbo e eu mostrarei o successo que ella será num dos meus espectaculos!

— Ha, entre os homens, um que eu tenho serias intenções de ver illuminando meus espectaculos para o proximo anno nem que seja para uma curta temporada e uma só, ao menos. Chama-se elle, Maurice Chevalier. Elle e Greta Garbo são as verdadeiras e formidaveis descobertas que fiz aqui em Hollywood. Eu já sabia quem éra Chevalier. Mas, agóra, fiquei apreciando-o immensamente mais! Mostrar Greta Garbo e Maurice Chevalier, num só espectaculo, seria o mesmo que apresentar Al Jolson e Eddio Cantor num num só espectaculo. Um tiro!!! E... veja lá se me consegue esses dois nomes para o meu **show**...

Disse-nos isto e de nós se despediu, com sua gentileza captivante e com seu sorriso sympathico.

Florenz Ziegfield, o maior emprezario de theatros de revistas dos Estadaos Unidos...

ALICE WHITE, UMA EXCELENTE "PONY-CHORUS-GIRL"

FUTURAS ESTRÉAS

The Lone Rider — (Columbia) — Um film de **far west** que marca o regresso de Buck Jones á téla. O film é movimentado, sem duvida e elle é um bandido reformado que se torna o chefe da Commissão de Vigilantes... Ama Vera Reynolds e casa com ella, é logico. **Silver**, o seu cavallo ensinado, vae muito bem.

Jacques Feyder vae dirigir as versões allemã e suéca de **Anna Christie**, para a M. G. M., com Greta Garbo.

The Passion Flower, da M. G. M., terá Charles Pickford no seu primeiro papel.

A estréa de Ivan Petrovitch, nos Estados Unidos, será ao lado de Ronald Colman, no seu film.

Criminal Code, da Columbia, será dirigido por Howard Hawks.

UM MENSARIO DE ARTE E LITERATURA

OLIVE BORDEN, A PEQUENA MAIS LINDA DO CINEMA

DOLORES DEL RIO QUE SERIA UMA ESPLENDIDA DANSARINA

CAMINHOS DA SORTE

(STREET OF CHANCE)

— FILM DA PARAMOUNT —

Willian Powell . . . . John B. Marsden
(Natural Davis)
Kay Francis . . . . Alma Marsden
Regis Toomey . . . . . "Babe" Marsden
Jean Arthur . . . . Judith Marsden
Stanley Fields . . . . Dorgan
Brooks Benedict . . . . Al Mastick
Betty Francisco . . . . . Mrs. Mastick
John Risco . . . . Tony
Joan Standing . . . . Miss Abrams
Maurice Black . . . . Nick
Irving Bacon . . . . Harry
Director: — JOHN CROMWELL

Elle jogava. Era, mesmo, profissional do jogo. Quando se achava diante do panno verde, colleccionando os *dollares* alheios, honestamente, embora, chamavam-no: Natural Davis. E quando vestia seu casaco e sahia do Club para ir beijar Alma, sua dedicada e meiga esposa, deixava tambem, lá seu nome e usava o seu. O verdadeiro: John B. Marsden.

Era feliz. Porque não? Fizéra, erradamente, talvez, do jogo a sua profissão de vida. Mas intimamente, de caracter recto e alma bôa, não poderia, nem que quizesse, ter escrupulos. Depois, Alma, para elle, era toda sua vida! Bôa esposa. Excellente companheira. Amorosa e meiga, carinhosa como ninguem. Sempre a animal-o e sempre a lhe dizer que a vida era facil de se viver, com coragem e animo, no coração. E alem de Alma, havia *Babe*, seu irmão mais moço, rapaz em que John depositava todas as suas esperanças e todas as suas alegrias.

Agora, então, John sentia-se mais feliz do que nunca. *Babe* estava para chegar. Traria sua noiva, Judith e viria passar alguns tempos com elle.

Assim, a primeira cousa que elle fez, quando recebeu a noticia da proxima visita, foi enviar a *Babe* um cheque de 10 mil dollares.

— Para tuas nupcias, *Babe*. Mas com uma con-

dicção: não jogares!

Era o medo que elle tinha, secreto, que seu irmão começasse a levar a mesma vida. Na verdade, quando jogava, Natural Davis não era John Marsden. Era um individuo cruel e pouco ou nada complacente com seus adversarios. E, alem disso, inimigo acerrimo dos trapaceiros, aos quaes, quando merecida, dava punições as mais duras e as mais impiedosas, com o auxilio da associação de jogadores profissionaes que mantinha e que se regia pelo mesmo codigo.

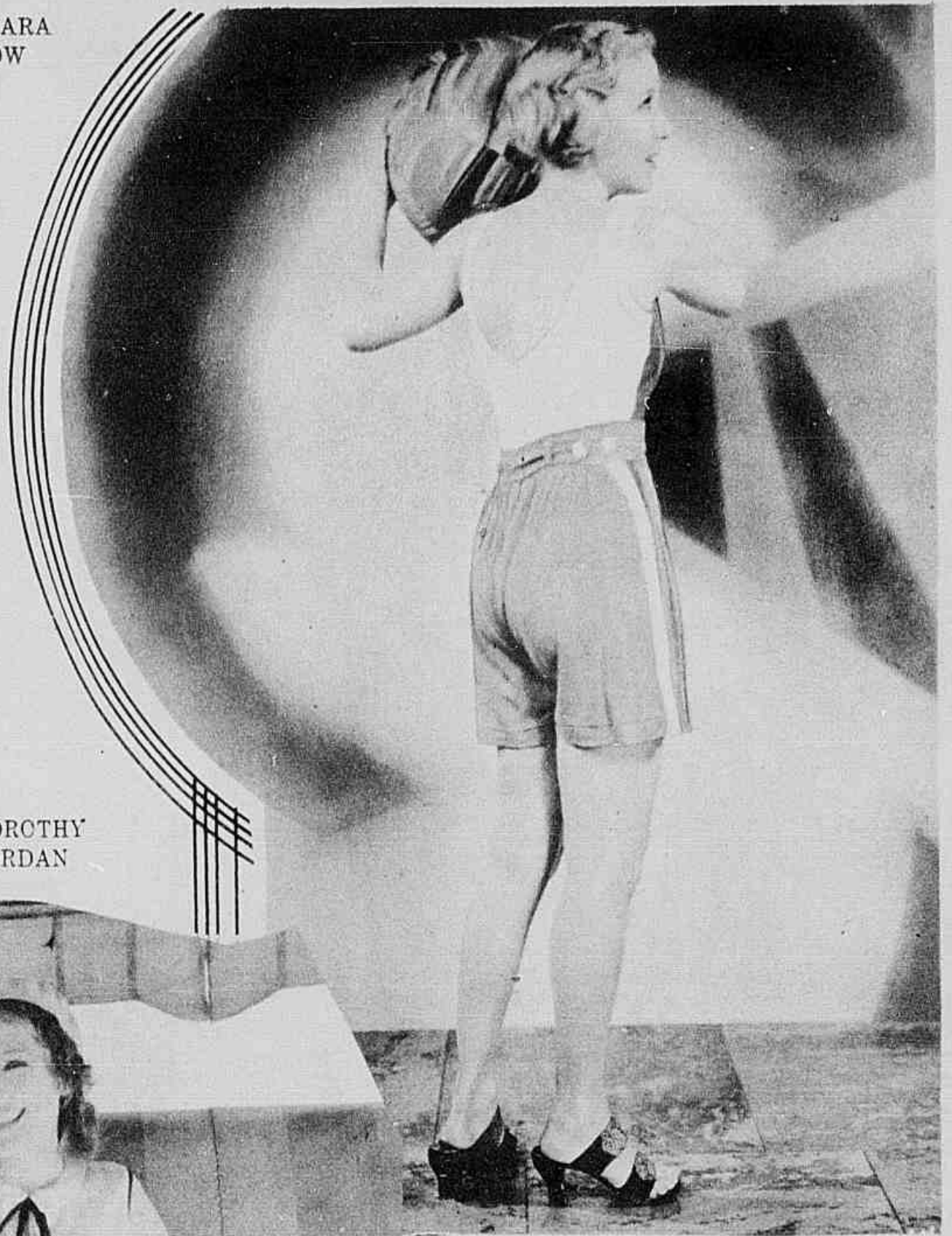
Mas quando Natural Davis tornava-se John Marsden, elle reflectia. Comprehendia a sua vida. Sabia que aquellas noites e noites, diante de um panno verde, com cartas entre os dedos. A jogar pocker e a receber dinheiro de papalvos e de beocios nos segredos do jogo. Sabia que aquillo não era vida. Alem disso, Alma, sua querida esposa, já estava cançada de ser esposa de um jogador profissional. Muitas e muitas vezes, entre beijos e caricias, ella o fizéra prometter abandonar a mesa de jogo.

— John. Sei que não és ruim. Faze o que te peço a minha vidą toda, John! Deixa o jogo! Vamos viver, afinal, felizes, para o resto de nossas vidas. Já tens o sufficiente para passares muito tempo sem te preoccupares com qualquer outra cousa... Promettes?

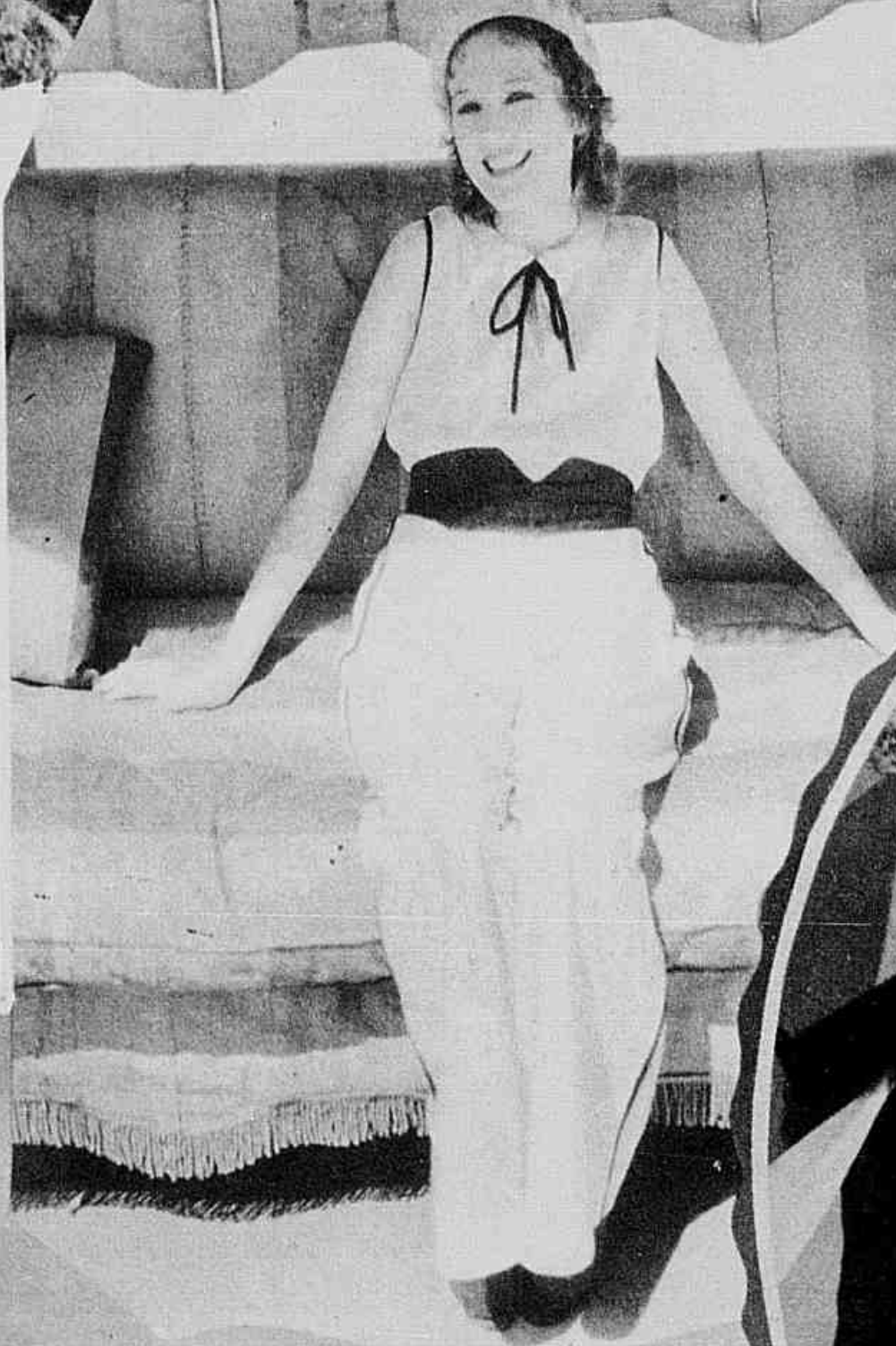
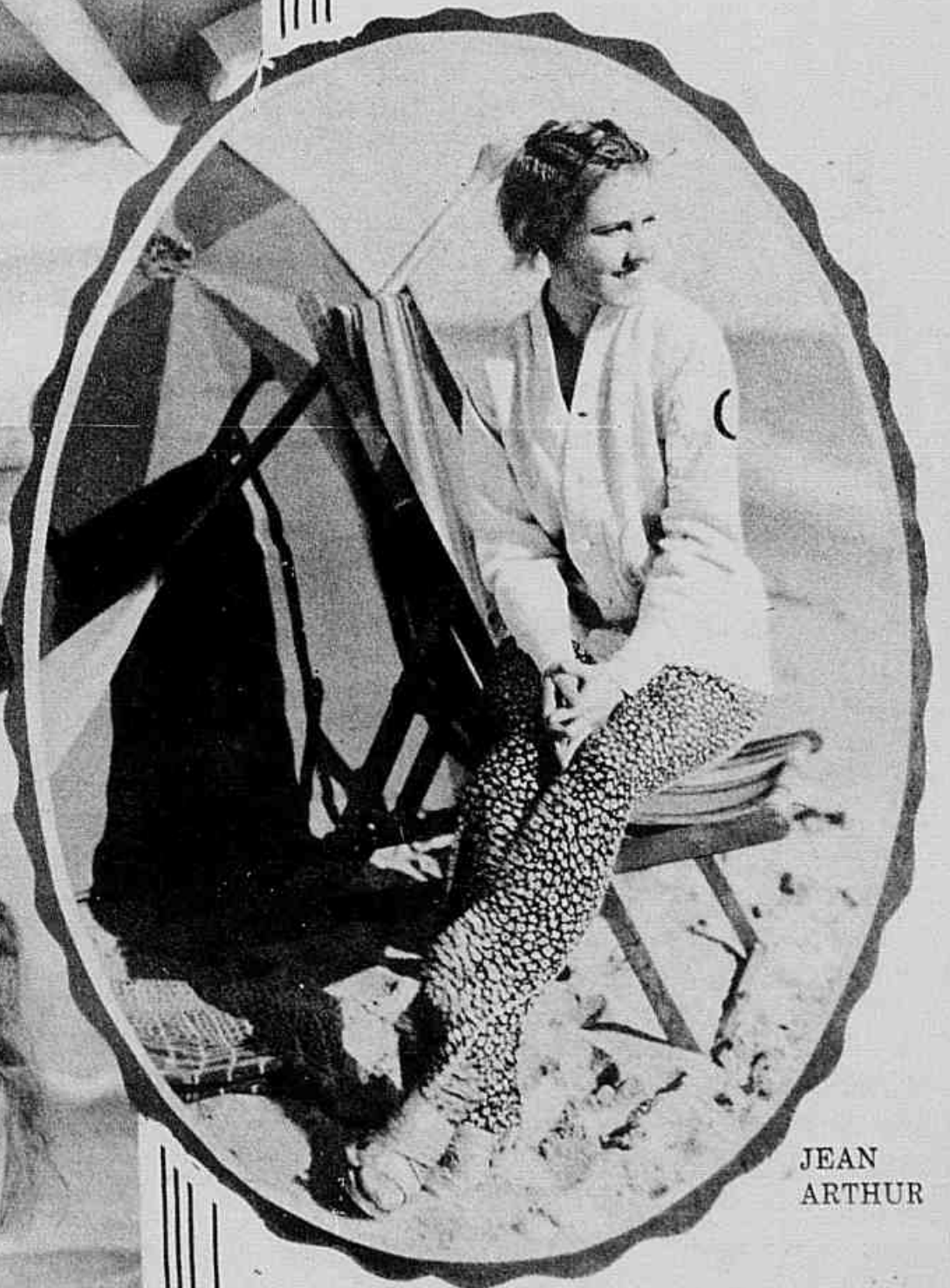
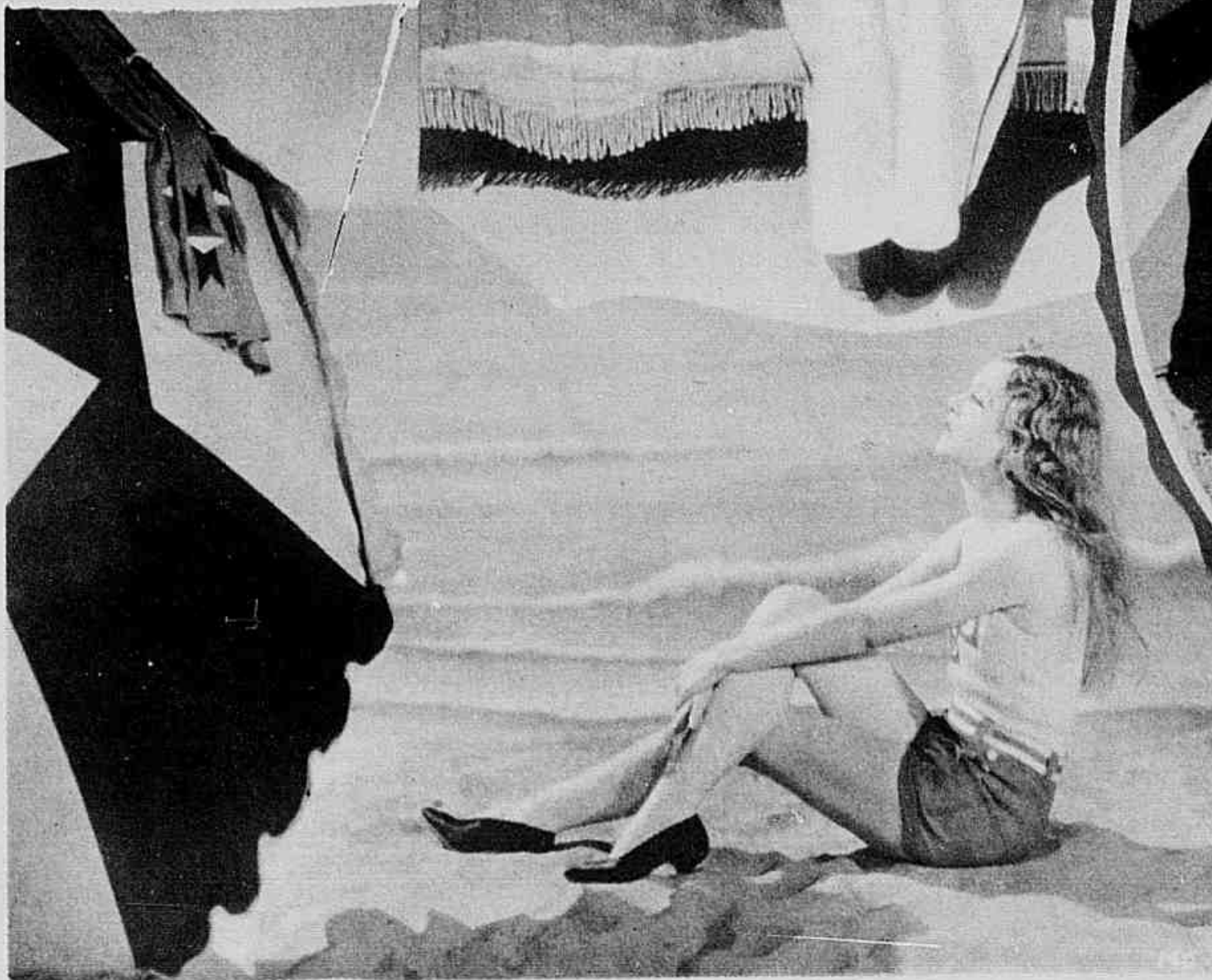
A principio elle relutou. Depois, quando viu que a felicidade de Alma e de seu lar valiam, mesmo, toda sua vida de jogador profissional e mais ainda. E, tambem, quando se lembrou que *Babe* estava para chegar e que poderia saber que elle era o grande jogador profissional Natural Davis. Resolveu-se! Abandonaria o jogo, sim. E quando chegou naquella tarde, em casa, contou a Alma que estava resolvido a abandonar o jogo, para sempre.

Foram muitos os beijos que recebeu. Immensas as caricias que ella lhe fez. E passaram uma noite agradavel, sem incidentes, até ao momento em que elle teve que se ir para o Club, mais uma vez, ainda, afim de regularizar as cousas para poder deixar honrosamente o posto que occupava.

(Termina no fim do numero)

CLARA BOW

DOROTHY JORDAN

BESSIE LOVE

CABROCHAS BONITAS QUE VIVEM NAS PRAIAS TAMBEM TEM AROMA... TEM! TEM! TEM!

JEAN ARTHUR

MARY MOYLAND

NÃO TIRAM DIPLOMA NEM O MAILLOT...

JOHN GILBERT E INA CLAIRE

O PRIMEIRO

Todas as "girls" de Hollywood beijam. Os "boys", tambem. Ellas e elles, em films, encontram-se pela primeira vez com os namorados, em lindos carramanchões romanticos e amam-se. Depois, passados mezes (Na historia), beijam-se. Finalmente, casam-se.

Mas... E os primeiros encontros dessas mesmas "girls" e desses mesmos "boys"... na vida real?...

Interessante contal-os, não?...

Vamos ver. Talvez revelem curiosidade, talvez contem vulgaridades incompativeis, mesmo, com gente que sempre vive fazendo os outros sonhar...

—oOo—

Um joven, John Mc Cormick, era director de producção de uma certa grande empresa. De New York, dos seus patrões, recebeu, certa occasião, um telegramma, avisando-o de que se devia encontrar immediatamente com Marshall Neilan, o director, para obter, delle, uma resposta definitiva sobre um determinado ponto do contracto que prendia o mesmo á fabrica.

John telephonou e tornou a telephonar a Marshall, para seus appartamentos no Los Angeles Athletic Club. Depois, conseguiu falar com elle.

— Sim, John, e que mais?

— Era só. E que me diz voce?

— Por telephone é impossivel. Venha encontrar-me, sim?

Lá se foi o John. Neilan tinha umas doze visitas comsigo. Nem todas desinteressantes, diga-se... E John, impaciente e quasi maluco, esperava e contava os minutos. Depois, finalmente, a hora de jantar.

— Mas "Mickey", vamos falar agora sobre o assumpto?

— John, não posso! Vamos jantar, agora. Na *Sunset Inn* estou dando uma festa, logo mais e, assim, virás commigo. Já estou atrazado... Conversaremos durante a noitada, acceitas?...

Norma Shearer e Irving Thalberg

John não acceitou. Mas acabou acceitando, porque, afinal, era, mesmo, a unica maneira de conseguir falar com Marshall Neilan...

Allegou elle, para commover Marshall, que estava pouco decente e que nem o cabello penteado tinha. Mas "Mickey" lhe respondeu que lá havia uma pequena, uma irlandezinha colosso que o faria esquecer o mundo...

John pouco se importou com isso e, pouco decente e com os cabellos despenteados, foi, mesmo... A *Sunset Inn* estava em festas. "Mickey" cumpriu a palavra.

— John, aqui está a pequena da qual te falei...

Deixou-os. Era Colleen Moore. Dez minutos depois Marshall Neilan procurou-o e perguntou-lhe sobre o assumpto do qual queria tratar, que estava ás suas ordens.

— Marshall... Agora, confesso, é impossivel! Falaremos amanhã, não é?...

Foi assim que Colleen Moore e John Mc Cormick se encontraram, pela primeira vez, ainda que tempos depois, por causa menos importante, já estivessem cuidando do divorcio...

—oOo—

Com John Crawford e Douglas Fairbanks Jr. não se deu isso. Ha annos que ella o conhecia, sem lhe ligar maior importancia. Conheceram-se numa *farra*, em Hollywood, pouco tempo

.... *Bebe Daniels e Ben Lyon* ....

Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr.

depois da vinda de Joan de New York. Tempos depois, Joan disse á uma sua amiga que, por sua vez, contou á um amiguinho que foi contar ao Douglas, que ella achava o filho do Douglas Pae bastante convencido... Mas nada ha como um dia depois do outro. Um theatro de Hollywood representava a peça *Young Woodly* sem saber que Douglas Jr. era o principal interprete. Em New York, aquelle papel cabia Glenn Hunter. E, ao cabo do espetaculo, seu coração estava preso á elle. Achara-o admiravel e estupendo. Nunca pensára, mesmo, que tanto o apreciasse e que chegasse a gostar assim de um homem, na vida... Indo para casa, naquella noite, parou num *restaurante* qualquer e telephonou para o theatro. Disse-lhe o quanto o admirára e, no dia seguinte, recebia-o em seu appartamento. Convidou-o a jantar. Depois, foi elle que a convidou. Convidaram-se, finalmente e, de tanto jantarem juntos e almoçarem juntos, tambem, acabaram resolvendo isso de uma vez, em Junho de 1929, quando foram contar a historia á um dos muitos ministros de New York.

—oOo—

Haroldo Lloyd procurava uma nova heroina. Bebe Daniels, sua heroina, durante annos, deixava-o pelos films de Cecil B. De Mille. Harold approveitou a occasião para mudar. Queria uma loira, e, se possivel,

encontro...

uma loira differente de quantas já havia visto em papeis semelhantes, em outros films.

Uma noite, sem mais o que fazer, resolveu ir á um Cinema, sempre fazendo planos para a sua heroina, unico impecilho á continuação da sua carreira. E assistiu á um film de Bryant Washburn. O film apresentava uma lorinha, verdadeira boneca, que era M, sem tirar e nem pôr, a verdadeira imagem daquillo que elle sonhava. Ao seu lado estava Hal Roach, seu productor associado. Elle sussurrou aos ouvidos delle.

— Eil-a!... A minha futura heroina...

Mas não foi tão facil quanto elle pensou. O programma a dava como Mildred Davis. Mas, por mais que procurassem, não encontraram Mildred Davis alguma. A biographia de um dos Studios dizia que ella nascera em Philadelphia. Finalmente, por uma noticia de jornal, Harold deu com ella, leccionando numa escola em Tacoma. Tentára o Cinema sentia-se um fracasso tremendo. Não tivéra coragem para continuar e. assim, resolvera desistir e voltar á sua primitiva profissão. Hal Roach telegraphou-lhe e offereceu-lhe um contracto. Ella o acceitou, incontinenti e embarcou sem mais discussões.

Harold Lloyd, quando pela primeira vez a viu, pessoalmente, quasi poz tudo a perder. Elle sonhava com a boneca que vira no film de Bryant. Quando ella entrou pelo escriptorio a dentro, era uma mocinha usando um horrivel chapéo preto, de velludo, com plumas enormes e usando sapatos velhissimos, com saltos enormes... Quasi que elle lhe pede que volte por onde entrára! No emtanto, aquillo era apenas fruto do medo que ella sentia de ser de novo regeitada. Disseram-lhe antes, que ella era muito joven e muito pequena. Assim, para illudir, ella arranjára aquillo tudo para parecer mais velha e mais alta...

Colleen Moore e John Mac Cormick

Quando soube disso, segundos depois, Harold commoveu-se e deu-lhe o papel e, depois, os outros todos que ella tão bem representou, aliás. Deixou o Cinema, depois, para ser a perfeita esposa do lar admiravel que é o de Harold Lloyd.

—oOo—

O romance de John Mack Brown e Connie Foster, sua esposa, data de muito longe. Eram crianças quando se conheceram. Foi na escola aonde ambos estudavam. O romance infantil proseguio, cresceu e, quando se fez homem e conseguio o emprego bem remunerado de treinador de uma das mais fortes equipes de "rugby", dos Estados Unidos, pediu-a em casamento e foi acceito. Feliz, com seu casamento, John diz que tudo deve, na sua carreira de artista de Cinema, á ella, que, sempre, desde seus primeiros passos, animou-o e encorajou-o, fazendo com que elle sempre estivesse disposto para a luta.

—oOo—

Nos primeiros tempos de lutas, em Hollywood, quando ainda eram simples "extras", Richard Arlen e Charles Farrell viviam, juntos, no Hollywood Athletic Club. Eram sempre vistos juntos e, sempre, "farras" e passeios, faziam um em companhia do outro, dividindo entre si as pequenas que appareciam...

Quando se achavam em Catalina Island, quando Farrell era um dos principaes de *Fragata Invicta*, um dos seus iniciaes papeis de grande nome, e Richard ainda era um "extra", contou Charlie a Dick alguma cousa a respeito de uma pequena com a qual elle se encontrára ha dias.

— Ella se chama Jobyna Ralston, Dick e, meu amigo, que "pedaço" que ella é! Eu não a amo. Mas... gosto della. Acho-a tão direitinha, tão differente!.E' espirituosa, agradavel e interessa logo. Quero que você a conheça!

Richard não se interessou pela proposta. Ver para que? Elle já conhecia tantas pequenas... E, além disso, interessando tanto a Charlie, porque havia elle de se meter?... Sempre Charlie lhe falava naquillo e elle sempre se recusava. Finalmente, uma certa noite, sem nada dizer a Dick, Charlie convidou Jobyna para um jantar no Club, em companhia de ambos. Quando elles desceram, para o mesmo, ella já se achava lá. Antes que Dick pudesse protestar, Charlie a apresentou.

Aquella noite mesmo começou uma amisade intensa entre Jobyna e

Harold Lloyd e Mildred Davis

Dick. Em pouco tempo ella, Dick, Charlie, Buddy Rogers e Gary Cooper

(Termina no fim do numero)

O caso extranho de Conrad Nagel

Ha doze annos, mais ou menos, que o publico vem assistindo ao trabalho de um homem louro, alto e sympathico. E, durante este periodo todo, tambem se têm lido as chronicas do mesmo falando e, ellas, unanimes, quasi, dizem, sempre, que o seu papel foi *sincero* e *adequado*. Apenas...

O seu nome é Conrad Nagel. Móra em Hollywood, sim, a mais phantastica das phantasticas cidades Norte-Americanas.

O titulo *O Estranho Caso de Conrad Nagel* é mais para chamar a attenção, do que para qualquer outra cousa. Porque, fallando de Conrad Nagel, ninguem faz fé que, na sua vida, toda, artistica ou particular, mesmo, haja um só caso estranho... Elle, pela sua simplicidade, pelos seus modos afaveis, não faz ninguem crer que haja uma cousa semelhante.

E' estupendo o caso de Greta Garbo, por exemplo, acceita, pela M. G. M., apenas porque o director que a trouxe exigiu isso, como base do contracto. E, depois, o successo que todos conhecem.

Como galã de Greta Garbo em "O Beijo"

Antigamente, quando era Conrad Nagel e não usava bigode.

Tambem se conhece o caso de Clara Bow. Que apenas aos 18 annos tomou o primeiro trem, na sua vida. E que fez *gaffes* terriveis, certa vez, perguntando o que era uma fada de peixe...

Ainda o de John Gilbert, lutador de uma coragem immensa, unica, attingindo o topo da fama para depois cahir, desastradamente, só porque appareceu um pequenino nada que fez com que as sombras falassem.

E, ainda, é só apanhar um magazine e ler. Historias extranhas, exquisitas, vindas de Hollywood, existem ás duzias. De todos e de todas as especies.

Por isso mesmo é que chamamos á este trabalho, o *extranho* caso de Conrad Nagel. Porque, afinal, se elle não fôr extranho, mesmo, haverá o scenario: Hollywood, que é extranhissimo, em compensação...

Conrad Nagel está no Cinema desde 1918. Antes disso elle era artista de theatro. Anno a anno, elle progrediu. Sua lista de films é enorme. Mas, sempre, papeis *sinceros* e *adequados*. *Nada* que, realmente, chamasse a attenção com estardalhaço e fizessem um furioso successo. Apesar de ter sido, elle, innegavelmente, o factor de successo de muitos films fracos, mesmo.

Conrad Nagel, o bigodinho e o "it" de Elinor Glyn...

Se elle tivesse ficado em Keokuk, sua cidade natal, seria com certeza, hoje, um *abastado* negociante e presidente do Rotary Club local, com toda a certeza. Seria, ainda, possivelmente, membro honorario da associação de opera e discursador official para todas as primeiras pedras a serem lançadas na construcção de quaesquer obras ou monumentos importantes para a localidade. Seria um substanciaoso e interessante cidadão, endinheirado e feliz, ao lado de muitos filhos e uma só esposa.

Mas elle não permaneceu em Keokuk. Acha-se bem ao contrario, em Hollywood! Mas... Posto que sejam completamente diversos os pontos de vista, a sua vida, em Hollywood, é, mais ou menos, a mesma que elle levaria em Keokuk se fosse um abastado commerciante. Invertidos os papeis, logicamente e trocadas as proporções de uma para outra aldeia...

Elle é um dos poucos cidadãos *substanciosos* de Hollywood. Quando não ha impedimentos, com o productor, é elle que faz os discursos mais interessantes em nome dos collegas e da colonia. E' um dos membros mais acatados da Academia das Sciencias e Artes do Cinema. Membro das associações religiosas da communidade e exemplar pae de familia. Móra numa casa que não é de estylo hespanhol e tem uma excellente esposa e uma filhinha crescida e muito interessante. Tem ainda, uma fortuna, bem regular e é extremamente economico e commedido em suas despesas.

Se você estiver em Hollywood e fôr, por acaso, á uma festa em homenagem á Greta Garbo, ainda que ella não compareça, como é seu systema, aliás, póde contar que lá não encontrará Conrad Nagel.

Se a festa fôr em outro cabaret qualquer e dada toda em estylo mexicano, encontrará até Lillian Gish. Mas não encontrará Conrad Nagel... Elle não gosta de fazer nada que pareça espectaculoso ou bizarro. Elle não é da sorte de individuos que gostam de se mostrar. Apesar disso tudo, desde 1918 que elle se mantem intacto, em Hollywood e, ainda por cima conserva sua fama de artista no mesmo nivel. Sua situação, na industria, esteve excellente, por vezes, regular, em outras, mediocre ainda, de novo, excellente, por ultimo. Como o cambio, por exemplo...

A primeira ascenção vertiginosa, deve-se a Elinor Glyn. Pelos contrarios, absolutamente, uniram-se, no emtanto, na opinião que ella delle fez achando-o um amante perfeito, cheio

(Termina no fim do numero).

Agora, a gente já tem film falado de Maria Alba...

MARIA E JOSE' CRESPO EM ALGUMAS SCENAS DE "OLYMPIA", TODO FALADO A MODA DE BARCELONA...

— Tôdas as **heroinas** com as quaes trabalhei, em meus films, dão excellentes esposas.

Foi o que nos disse Jack Mulhall e, sem duvida, se bem o disse, melhor o sabe... Até agóra, só lhe falta ser o galã de Greta Garbo. Mas... E' dar tempo ao tempo. Elle ainda é tão joven...

Para melhor basearmos a nossa affirmação de que elle é um esplendido informante, basta que se diga que é feliz, ha muitos annos, com sua esposa e uma só esposa, note-se... Muitas das pequenas que elle abraçou e beijou, em longos **close ups**, estão tambem casadas e elle tanto as conhece quanto conhece seus maridos. E' possivel, mesmo, que com os mesmos já tenha até jogado uma partida de golf...

Elle já tem sido o galã (permittam-nos a lista) das seguintes artistas: — Billie Dove, Dorothy Mackaill, Alice White, Loretta Young, Lila Lee, Corinne Griffith, Blanche Sweet, Constance Talmadge, Norma Talmadge, Mary Pickford, Patsy Ruth Miller, Colleen Moore, Alice Day, Sue Carol, Alice Day, Thelma Todd e mais uma infinidade de outras, já para não citar as primeiras, quando elle começou, ha annos, com a Universal.

— E não deixe que ninguem lhe diga.

Continuou elle, referindo-se ás suas **heroinas**.

— Que trabalhar num film, durante mezes, com uma pequena, não faz com que a conheça, perfeitamente e se possa avaliar as suas possibilidades de ser uma esplendida esposa.

Houve mais uma pausa e, com subita inspiração, proseguiu elle.

— E, meu amigo, se uma pequena é capaz de arcar com as vicissitudes de um film, trabalhar com extraordinario afinco, sacrificar-se, mesmo e, ás tres da manhã, depois de um dia de trabalho sem fim, ainda pode ser amorosa e meiga e terna, numa scena de amor, até que o director grite **corte!**, não acha que essa creatura é capaz de soffrer toda uma carreira matrimonial?... E' uma mentira dizer-se, como se diz, que ellas são futeis. E, tampouco, que são independentes em extremo. Já vi muitas dellas chorarem uma phrase dura do marido e não fazerem a mais simples viagem sem a companhia dos mesmos.

Proseguindo nas suas consideracões, Jack affirmou, mais uma vez, que a artista, geralmente, dá uma excellente esposa. Admittiu as excepções, é logico, mas citou factos como os de Douglas Fairbanks e Mary Pickford, Harold Lloyd e Mildred Davis, Richard Arlen e Jobina Ralston, Milton Sills (coitado!) e Doris Kenyon, Corinne Griffith e Walter Morosco e muitos outros, ainda.

Uma das figuras que mais elle admira, é Billie Dove, que elle acha gentil e carinhosa ao extremo. Corinne Griffith, elle a acha mais dominadora, pelos seus encantos, do que suave e meiga.

Loretta Young, na opinião delle, é uma das mais delicadas e deliciosas creaturas que elle conhece. Elle presenciou o romance que envolveu á ella e Grant Withers e disse muito do que sabe a respeito do seu grande amor ao rapaz e da sua extrema dedicação á elle. Foi, mesmo, um dos primeiros a congratular o feliz casal.

Mas a **estrella** que elle melhor conhece e á qual fez a melhor ausencia possivel, é Dorothy Mackaill. Elle trabalhou mais com ella do que com qualquer outra, em films. **Two Weeks Off, Waterfront, Children of the Ritz, Subway Saddie, Just Another Blonde, Ladie's Night Club, Lady Be Good, Smile, Brother, Smile, The Crystal Cup** e outros, foram alguns dos films que juntos fizeram e, assim, deve conhecel-a de sobra.

— Dorothy Mackaill. Diz elle.

— E' uma das mais admiraveis creaturas que já encontrei em minha vida. E' extremamente delicada, respeitosa para com todos e dona de um bom senso inegualavel. Além disso, é daquellas que se sacrificam ao extremo pelo seu trabalho. Num dos nossos films, havia uma scena em que ella devia correr para mim e tropeçar, cahindo, em seguida, para, depois, levantarmo-nos e continuarmos a scena. Deu-se tudo, conforme o marcado e, quando ella cahio, foi tão sem sorte que entortou e destroncou o tornozello. Pois bem. Soffrendo as dores mais terriveis, ergueu-se, acabou de correr até a mim, abraçou-me, representou o resto da scena e só se rendeu, ao fim da mesma, quando já não aguentava mais e quazi desfallecia em meus braços.

Confessa elle, ainda, que das suas scenas de amor, as mais gostosas, foram feitas quando elle serviu de companheiro de Alice White em seu recente film **Paixão de Todos** (Show Girl in Hollywood). No mesmo film, Blanche Sweet, interpretando um papel de artista em decadencia, figurava como artista secundaria. E era interessante, aquillo e ironico, ao mesmo tempo, porque, realmente, ella fôra uma artista de grande renome e, ainda, heroina de um dos films que tinha Jack como galã. Aliás um dos primeiros que o elevaram, mais tarde, a primeiro artista do elenco da First. Actualmente, pode-se dizer, Jack é mais popular do que nunca. Muitas das suas heroinas já desappareceram do scenario, mesmo, taes como Juanita Hansen, Ora Carey e tantas outras e elle, que já foi galã, desde os tempos da **Baroneza de Hulda** e muitos films velhos da Universal, continua em evidencia e continua galã. Sempre sympathico, sempre querido das pequenas e sempre amando as melhores nos seus films.

Elle acha que Kiplling é seu escriptor favorito. E é talvez por isso que nos lembramos de uma das phases mais conhecidas do mesmo, emquanto formulavamos esta pseudo entrevista com elle: "elle aprendeu a philosophia das mulheres, com ellas mesmas"...

Jack Mulhall, que acha todas as pequenas do Cinema verdadeiras esposas e dedicadissimas mães de familia.

JACK!

Será posto em exhibição muito breve, em Paris, a nova grande producção de E. A. Dupont, fallada em francez, "Les deux mondes", na qual tomam parte: Marie Glory, Maxudian, Pierre Magnier, Henri Garat, Diana Viguier, Van Daele, Andrew Engellmann, Monty, H. Daix, Marnay, Lefebvre e Guy Ferrant.

Augusto Genina vae iniciar a sua nova producção "Les amours de minuit".

Carl Froelich iniciou a filmagem de sua nova producção sonora e fallada em francez, "La folle aventure", cuja estrella é Marie Bell, que brevemente veremos aqui em uma nova versão (franceza), do film "La nuit est a nous".

René Guissart, que durante mais de quinze annos foi um dos raros operadores francezes que trabalharam para varias marcas americanas e que foi, em particular, o director geral dos operadores de "Ben Hur", foi contractado para filmar films fallados francezes. Seu primeiro trabalho, como tal, será em "La lettre", que vae dirigir Louis Mercanton, com Marcelle Romée, Paul Capellani, André Roanne e Camille Bert, nos principaes papeis.

Maurice Tourneur prosegue na direcção de "Maison de danse", no qual tomam parte Gaby Morlay, Charles Vanel, Van Dael, José Noguéro e Christiane Virido.

Os membros do Partido Democratico e do Partido do Centro, allemães, entraram em combinação com os exhibidores de Berlim e arredores, para fazerem propaganda eleitoral, por meio de films fallados.

Lila Lee

Criadinha de "Fidalga a Escrava". Agora foi ella que deixou de ser escrava de papeis ruins e passou a fidalga da moda, pelo menos...

Joe Brown apparece em "Toca a Musica" O seu bonet de jockey é bom.........

PALACE-THEATRO

AS MORDEDORAS — (The Geld Diggers of Broadway) — Film da Warner Bros. Producção de 1929 — (Prog. F. National).

No genero, um bom film. Explora, mais uma vez, os bastidores e o palco de um theatro, com suas coristas, artistas principaes, numeros de grande successo, etc., em torno de um enredo.

Mas a novidade, neste caso, é que a historia não é má e o tratamento é original. A direcção de Roy Del Ruth, alem disso, ou por acaso ou por sorte, esplendida e mesmo intelligente, em certos trechos e um colorido soffrivel, fazem do film um espectaculo que se póde assistir, perfeitamente.

A historia conta as aventuras de um tio solteirão que quer livrar o sobrinho das garras de uma *mordedora*. Historia que, em forma silenciosa, a propria Warner já filmou, ha annos, com Hope Hampton no principal papel. A vida das coristas, na intimidade, offerece passagens de real merito e ha, em quasi todas as situações do film, humor do melhor e do mais bem dosado, igualmente.

O film pertence a Winnie Lightner. Ella, com sua comedia-farça, volve todas as attenções para si e em certos trechos, com Albert Grand e naquelle em que desperta e faz o que todos fazem, pela manhã, está simplesmente engraçadissima.

O film prima pela ligeireza. Tudo é rapido. Dialogos, planos, apanhados, tudo, emfim. Nota-se, mesmo, que foi com isso que a direcção se preoccupou. Aquelle quadro da revista, por exemplo, apresentando aquelles dansarinos exentricos, os acrobaticos e a demais, já tão mostrado, agrada e diverte, principalmente pela rapidez com que tudo é mostrado.

Depois, para agradar, ainda, ha bôa musica, a voz macia e agradavel de Nick Lucas, a ingenuidade de Helen Foster ao lado da sympathia de Willian Bakewell e mais uma porção de coisas agradaveis.

Não somos dos que apreciam o Cinema falado. Mas confessamos, sinceramente, que este film é uma esplendida diversão nesse genero. E' todo dialogado e tem letreiros intercalados. Ha piadas esplendidas, para os que comprehenderem inglez e o final do film é uma gargalhada.

Nancy Welford não interessa. Conway Tearle, velhissimo, vae a contento. Ann Pennington dansa e mostra as pernas á vontade.

Podem assistir, sem susto, que se divertirão bastante e apreciam, particularmente, a sahida para a festa, na casa de Armand Kaliz e o consequente despertar de Winnie Lightner, um dos trechos mais valiosos do film e, por signal, silencioso...

Bailados muito bem ensaiados por Larry Ceballos. Argumentos de Avery Hopwood. Scenario de Robert Lord.

Cotação: — 7 pontos.

* Como complemento, um *short* da Warner, *And How!*, cacetissimo e sem interesse algum. Todo colorido, todo cantado, totalmente entorpecente...

ODEON

O CANTAR DO MEU CORAÇÃO — (Song O'my Heart) — Film da Fox. Producção de 1930.

Duas cousas salvam este film de ser um narcotico completo: a voz de John Mac Cormack e a poesia da direcção de Frank Borzage.

Filmado na propria Irlanda, em certos trechos, apanha, atravez o bom gosto do director, aspectos de um romantismo intenso e de uma belleza pictorica infinita. E cantado por John Mac Cormack, para os que apreciam bôas vozes, outro enlevo.

Mas prova, tambem, duas outras: que o Cinema falado anniquilou 70% da belleza do genuino Cinema e, segundo, que uma opera é uma cousa terrivel... Sim, porque se visualizarmos John Mac Cormack como heroe de *Rigolettos, Toscas, Aidas*, etc., teremos concluido que uma opera deve ser uma excellente comedia... Mac Cormack, só de barriga, deve ter uns 70 kilos. Além disso, é feio como um dia seguinte aos tres de carnaval e move-se, representando, com a mesma lentidão com a qual se movem os pachidermes nos picadeiros dos circos...

Como film, é apenas passavel. Tem o romance de John Carrick e Maureen O'Dullivan, mais ou menos *a la* Janet Gaynor-Charles Farrell. Com alguns trechos felizes, como aquelle em que os dois se declaram, sob aquella arvore lindissima e John lhes canta uma melodia de amor para os embalar. E, mais tarde, tambem, quando ella o vae procurar naquella agua furtada (tinha que haver uma agua furtada neste film: Borzage é o director...) John é um Ralph Graves moço e Maureen é uma quarta via muito mal impressa da suave e unica Janet Gaynor...

Como prova de que Frank Borzage é o director que composições mais romanticas e delicadas arranja para seus films, e, consequentemente, para o Cinema, basta o quadro da morte de Alice Joyce. E' uma das cousas melhor compostas e melhor photographadas que já vimos.

A illustração de uma das canções delle, aquella que conta a historia dos brinquedos que ficaram sem o menino que morreu, é uma idéa original e interessante, neste genero.

Frank Borzage fez o que poude, dentro da fragilidade do assumpto e dos artistas que teve (!), utilizando-se, para tanto, do seu genio em materia de arranjar quadros que são enlevos para os olhos. O restante é cacete e vulgar. John canta o film quasi todo e, diga-se, as canções, todas ellas são lindissimas.

Para aquelles que apreciem vozes de *tenores* celebres, um grande espectaculo. Para os que apreciem Cinema, Cinema, realmente, apenas um film feliz nos trechos em que Borzage entrou com as suas tintas. No restante, um narcotico... irlandez!

Quanto mais vermos artistas lyricos em films, tanto mais teremos medo das operas e seus interpretes... O film foi exhibido em versão "muda"... com canções, apenas Photographia de Chester Lyons e scenario de Sonya Levien para a historia de Tom Barry.

Cotação: — 5 pontos.

A Tela em

* Como complemento um *news* da Fox movietone.

TOCA A MUSICA — (On With the Show) — Warner Bros. — Producção de 1929.

Mais uma revista com um fiozinho de enredo correndo nos bastidores para desculpar.

Falado e colorido. Depois, naturalmente, ha bailados, cantos, numeros *engraçados*, etc.

E' 90% de theatro e, como theatro, não é dos melhores. Betty Compson, Louise Fazenda Sally O'Neill, Arthur Lake e Joe Brown, tomam parte. Mais uma corista que toma o lugar da estrella na hora do espectaculo. Ainda bem que Harry Gibson passa o film a dizer: "That's too bad, That's too bad"...

Cotação: — 5 pontos.

GLORIA

O VELEIRO DE SHANGAI — (The Ship from Shangai) — Film da M. G. M. — Producção de 1929.

Era um assumpto que Lon Chaney chegou a começar, ha annos, em forma silenciosa. Depois foi archivado e, agora, em forma falada, bem e com Louis Wolheim no tal papel que ia caber ao homem das mil caras, recentemente fallecido.

E' a versão *muda* de mais um film falado. Charles J. Brabin, com sua direcção segura e firme, salva o film de um completo fracasso.

O thema, de Dale Collins, é interessante e apresenta cousas notaveis em materia de analyse de caracteres. A historia do demente Ted, criado de bordo, é assumpto para um film colosso, realmente. Mas... silencioso e apanhado em detalhes e não em dialogos. Mas não é film para bilheteria. O elenco quasi todo, é sem "it": Kay Johnson, Conrad Nagel, Holmes E. Herbert e Carmel Myors (que não está como vampiro!) e o seu desenrolar é commum. As scenas estão é bem dirigidas. A morte de Louis Wolheim está mal explicada e não convence. A scena em que elle beija Kay Johnson é bôa. Ha alguma emoção e os typos de bordo, cada qual mais sordido, dão ao film maior colorido. Ivan Linow apparece.

Melhor será se fôr complemento de programma. Não passa de um usual film de linha. Photographia de Ira Morgan, muito bôa.

Cotação: — 5 pontos.

* Como complemento, um Metrotone News, e, se não fosse o *short* M. G. M., apresentando um quadro de *L'Africana*, opera de Meyerbeer, com Titta Ruffo, poderiamos dizer que a comedia de Charles Chase, *Ciume é Arte*, era a melhor da semana. Titta Ruffo e suas caretas e sua barriga e seus trajes de indio, no emtanto, venceu Charles Chase e impoz-se como um esplendido comediante...

CAPITOLIO

PARAMOUNT EM GRANDE GALA — (Paramount on Parade) — (Film da Paramount, producção de 1930.

A Paramount tambem fez a sua revista e nol-a mandou, em sua *versão* hespanhola. Isto é. Apresentando o seu trabalho atravez as casacas de Barry Norton e Ramon Pereda e do sorriso bonito de Rosita Moreno.

Mas...

Não foi nem mais feliz e nem mais infeliz do que a M. G. M. ou a Fox ou qualquer outra outra, nesta tentativa. Ha quadros felizes e, em geral, feita, toda ella, mesmo, com

Revista

um bom gosto raro. Nota-se, mesmo, que houve a preoccupação de deslumbrar o espectador com seus quadros bonitos.

Já que é annunciado como não sendo Cinema e, sim, "uma noite de cabaret com as estrellas da Companhia", não se pode, abertamente, dizer que é um film cacete, longo, cheio de bailados desnecessarios e situações cacetes. Se se pudesse dizer...

No emtanto, o *sketch* de Maurice Chevalier e Evelyn Brent, que Lubitsch dirigiu, é a cousa melhor que o film tem e, mesmo, é todo o film. Engraçadissimo e maliciozissimo. O outro *sketch* delle, naquelle jardim, annotando os nomes das pequenas, tambem é excellente. Só aquelle apanhado de Russ Powell, repetindo o seu estalo de *Alvorada do Amor*, vale o *sketch*. A imitação de Mitzi Green, á canção de Chevalier, tambem está optima. Os numeros de Clara Bow, Gary Cooper, Charles Rogers, Nancy Carroll, Nini Martini, e os bailados, apenas vulgares e sem encantos que os colloquem acima disso. Foram cortados, para esta versão *sul americana*, os *sketches* de George Bancroft, William Powell, Ruth Chatterton, Clive Brook, Kay Francis e Harry Green, Frederic March e mais alguns outros. Cada quadro teve um director e, como sempre, os de Lubitsch foram os vencedores.

Dennis King canta, esplendidamente, aliás, *Nichavo*. Mas o corte que fizeram estragou todo o quadro que apresentava Skeets Gallagher e Jack Oackie, os mestres de cerimonias, pedindo-lhe que cantasse, justamente quando elle subia o patibulo para fazer a sua scena de *Rei Vagabundo*. Cortaram aquillo e anniquilaram todo o *sketch* para apenas o apresentar cantando e nada mais.

Ramon Pereda, Barry Norton são cacetes, confessemos. O ultimo não era. Mas depois da fita falada em hespanhol que fez e já vimos e das outras com as quaes nos ameaça... é justo dizer que ficou, não é?

Assim mutilado, o film apresenta 40% de qualidades e 60% de defeitos. Mas releva-se tudo isto pelo bom gosto com que são feitos todos os quadros. O final, com aquelle numero de Chevalier, nas nuvens, não agrada.

Um bom passa tempo, mas uma diversão commum.

Cotação: — 6 pontos.

PARIZIENSE

CHIQUE' — (Chiqué) — Pathé-Nathan — Producção de 1930. (Programma V. R. Castro).

Um film francez, de curta metragem, cantado, synchronizado e falado, processo *Tobis*. Como complemento de programma não é máu. Passa-se a historia num *bas fond* pariziense. Pierre Colombier dirigiu, soffrivelmente. Irene Wells, Adrien Lamy, Charles Vanel e Claire Francony, tomam parte. Não façam o menor esforço para assistir.

Cotação: — 4 pontos.

SUNITA — Pro Patria Films Ltd. — Producção de 1929. (Prog. United Artists).

Um film fraco. Explorando ambientes indianos, cacetissimos, acima de tudo. Não ha direcção, nem artistas conhecidos e sympathicos e nem nada. O pessoal deste film é o mesmo que fez Shiraz... Himansu Ray, Seeta Devi, Claru Roy e outros. Conhecem?... A direcção é de Franz Osten... Ha animaes e féras dos sertões indianos. Mas podem preferir qualquer circo de terceira ordem que será sempre mais interessante.

Cotação: — 4 pontos.

* Como complemento do programma exhibiram um film sobre o *Concurso Internacional de Belleza*, aqui recentemente realizado, feito pela Botelho Film. Infelizmente está mal feito, apanhado sem gosto e com uma photographia que deixa a desejar.

PATHÉ

MULHERES FALADAS — (Women They Talk About) — Warner Bros. — Producção de 1928.

Um film acceitavel. Dos antigos films silenciosos da Warner e daquelles que agradavam, tambem. Não é esplendido e nem magnifico. E' apenas bom e serve para matar o tempo.

A direcção de Lloyd Bacon não ajuda e nem prejudica. Irene Rich, Andrey Ferris, Claude Gillingwater, William Collier Jr. e John Miljean, fazem o elenco.

Cotação: — 5 pontos.

O CAVALLEIRO YANKEE — (The Mounted Stranger) — Universal — Producção de 1930.

Um máu film de Hoot Gibson. Arthur Rosson não é um director que sabe comprehender as possibilidades do sympathico *cow boy*. Louise Lorraine é sua heroina e Francis Ford trabalha, tambem. Francellia Bellington, que trabalhou com Von Stroheim em *Maridos Cégos*, tem um dos papeis tambem, coitada...

Cotação: — 4 pontos.

A MULHER DE HOJE E DE AMANHÃ — (La femme d'hier et de demain) — Nero Film. Producção de 1929. (Marc Ferrez).

Um film regular. Arlette Marchal que tão bem conhecemos, tem um dos principaes papeis. Livio Pavanelli, um heroe secular e Vivian Gibson, a vampiro. Fritz Alberti, esplendido. Pode-se assistir.

Cotação: — 6 pontos.

IRIS

SETE DIAS DE LICENÇA — (Seven Days Leave) — Paramount — Producção de 1930.

Versão "muda" de um film falado. Um argumento cuja acção se passa na Inglaterra... Mas é acceitavel. Beryl Mercer vae bem e talvez roube o film de Gary Cooper, o "astro". A scena da briga, no bar, está bôa. Até parecia film de Raoul Walsh... Richard Wallace dirigiu bem.

Cotação: — 5 pontos.

TRES JOVENS NUAS — (Trois Jeunes Filles Nues) — Integral Film. Producção de 1929. (E. D. C.).

Film francez, fraco e tendo Nicolas Rimsky no principal papel. Não ha *scenario* e nem direcção. E' um amontoado de situações bem pensadas mas menos do que soffrivelmente realizadas. Jeanne Marie Laurent, Jeanne Brindeau e outros, completam o elenco.

Direcção falha de Robert Boudri.

Cotação: — 4 pontos.

OUTROS CINEMAS

INCERTEZAS DA SORTE — (The Constant Nymph) — Gainsborough Productions. (E. D. C.).

Mabel Poulton, Ivor Novello, Dorothy Boyle e Mary Clare num film da Gainsborough Productions. Francamente, é preciso continuar?...

Cotação: — 3 pontos.

O TREM PHANTASMA — (Parting the Trail) — Syndicate Pictures. (V. R. Castro).

Bob Custer em mais um film dirigido por J. B. Mc Gowan. Vivian Ray é a heroina... Que tal?... Quem pensou, nos Estados Unidos, que esse trem era phantasma, mesmo, é porque nunca viajou em suburbio da Central...

Cotação: — 2 pontos.

MOÇOS DE OUTR'ORA — (Skinner's Big Idea) — F. B. O. — Producção de 1928 (Matarazzo).

Uma comediazinha acceitavel, com Bryand Washburn no principal papel. Martha Sleeper é sua heroina e Charles K. Freench e William Orlamond tomando parte. O detalhe dos jornaes de datas atrazadissimas como protecção ás mangas da camisa do guarda livros, bom. Pode ser vista, apesar de ter sido Lynn Shores o seu director...

Cotação: — 5 pontos.

CELEBRIDADE — (Celebrity) — Pathé — (Prog. Paramount).

Versão "muda" de um film falado. Argumento fraco, interpretação fraca e direcção de Tay Carnett, fraca, igualmente. Lina Basquette é que melhora o film com seus encantos *engraçados* do film.
um papel de tolo e Clyde Cook é um dos outros *engraçados* do film.

Cotação: — 4 pontos.

Albert Gran e Winnie Lightner em "As mordedoras"...

ESCRAVOS

Clara Bow, a eterna melindrosa das fitas..

Mais uma *estrella!*
Mais um *astro!*
Artistas com *it!* Gente nova! O publico quer mudar!
Mas... o que acontecerá depois, hein?...

As *estrellas*... Pobres joguetes nas mãos do productor! Elles é que são os verdadeiros malabaristas. Manejam o publico e as sortes dos artistas como se manejassem fantoches.

Ha outro caso que é terrivel, para as famas que os artistas gosam. E' a repetição exaggerada da sorte de papeis que os tornaram celebres.

Não ha muito tempo, por exemplo, *Alibi*, com Chester Morris e Regis Toomey, foi um film de successo. Particularmente Chester, foi um successo. Numa das scenas, elle tinha que acreditar que seria atirado. E, com um pavor medonho de que aquillo acontecesse, elle mostrava, na sua physionomia, todos os horrores da covardia.

Isto, sem duvida, agradou immensamente aos productores. Descobriram que Chester Morris era do agrado do publico. Mas descobriram, infelizmente, tambem, que elle havia de ter medo e ser covarde, a vida toda... Em *Fast Life*, com elle num dos papeis, com Douglas Fairbanks Jr. e Loretta Young, repetiu a façanha, embora aquillo representasse 90% de culpa do director. Se elle não repetiu a sua scena de covardia, exactinha, pouco ou quasi nada faltou para tanto. Mas, neste film, feito em escala de film de linha, vulgar, elle não deu a mesma impressão ao publico e, assim, a que o publico teve, realmente, foi a mais desastrosa possivel. Mais risos provocou do que emoção. Mas Chester Morris, realmente, não tem culpa alguma. Sei que elle, intimamente, reconhece que foi um desastre aquelle film para a sua carreira. Mas era o deus Cinema que pedia o seu sacrificio e como o deus Cinema é governado, totalmente, pelo deus dinheiro, teve elle que se sugeitar á vontade do todo poderoso productor...

Regis Toomey, por seu lado, tambem tem sido assim. Embebedou-se em *Alibi*. Fez successo. Agora, coitado, ha de se embebedar em todo film e em todos, igualmente, passar pelas mesmas emoções...

Em *Illusão*, um film bem fraco, aliás, elle fez aquillo que lhe foi possivel, dentro do seu fraquissimo papel. Apenas se curvava, assim agindo, mais uma vez, ao deus poderoso da bilheteria.

George Bancroft é outra victima deste mesmo culto. Sendo, nos films, um heroe-villão, sua fama, como tal, criou grande vulto. Mas depois do seu primeiro grande successo, neste genero, começou elle uma serie enfadonha de repetições mais ou menos mediocres, que, por signal, quasi que seriamente compromettem sua carreira. O seu primeiro successo, nesse genero, foi em *White Gold*, ao lado de Jetta Goudal. Depois deste, veio *Paixão e Sangue* (Underworld), seu maior film. E, depois deste, uma serie de films menores, em pretenção e em tratamento e, por isso mesmo, mediocres, uns, bons, outros, raros realmente á altura dos meritos do conhecido e esplendido artista.

De papeis de heróe-villão, para os de larapio de bom coração, andou elle cheio, em seu repertorio, unicamente porque dentro de um delles é que conseguiu seu maior successo e, assim, dentro delles teria que continuar... E' logico, no emtanto, que, quando os films de Bancroft não derem mais o que davam, que elles digam, naturalmente, que é elle que tem cahido em popularidade...

E quem salvará Clara Bow? Isto é. Salval-a dessa serie de papeis de pequena selvagem e sem educação, mal comportada e geniosa? *Fidalgas da Plebe* provou que, em genero completamente differente, ella será capaz de ser a mesma artista esplendida que é. Era um papel dramatico e o seu caracter não era de uma creatura cheia de *sex*, apenas e terrivelmente perigosa. Ella, naquelle trabalho, representou, pela primeira vez. Mas... Existe a deusa bilheteria. Clara Bow não pode ser artista. Tem que se despir, duas ou tres vezes. Tem que ser a alma de quantas *farras* o film apresentar e isto, até ao fim da sua epocha, nem que, para tanto, aos poucos anniquilem toda sua fama de bôa artista e, della, tirem todo publico. Depois, então, passarão a dizer que ella é que perdeu o publico...

George Bancroft riu assim em "Paixão e Sangue". Até hoje não parou mais...

Em *Setimo Céu*, Janet Gaynor e Charles Farrell foram o casal mais sentimental, mais puro, mais delicado do Cinema. Marcaram-se, mesmo, no Cinema, como typos *standard* de suavidade e meiguice. E, por causa desse *standard*, mesmo, pagaram, depois, o tributo que a bilheteria exige e para o qual o productor é impiedoso... Foi um film que rendeu milhões. A grande machina que é o Cinema, vendo que acertou, fez, logo, que se repetissem a façanha dos mesmos por mais algumas vezes. Houve aquelle adeus de Diana a Chico, quando ella o abraça e delle se despede, chorando e sorrindo, á um só tempo... Pois bem. A scena já tem sido repetida por mais de uma vez e em mais de um film. Janet foi aclamada, naquella epocha,, como uma das artistas mais formidaveis de todos os tempos. Frank Borzage, por causa do seu trabalho, conseguiu foros de director excellente. O que aconteceu, afinal?... Filmou se, logo depois, *Anjo das Ruas*. Tornaram Charles Farrell um *Chico* italiano e Janet limitava-se a assobiar partes de *O Sole Mio*, em resposta aos esforços inuteis de Charlie para salval-a... Fez-se logo a comparação, com a primeira scena de separação, do primeiro film. E, logicamente, *Setimo Céu* ganhou longe... Agora, com os films falados, então, já os vimos em uma calamidade que foi *Sonho que Viveu* e ainda os veremos em *High Society Blues* e oûtros congeneres. Houve novamente uma scena em que Janet tinha que rir e chorar, á um só tempo e, ainda, uma historia que era a cousa mais imbecil que até hoje já se filmou.

Edmund Lowe ha de ser o sargento Omirk em muitos outros films

E' logico que o publico não quer saber nada da orientação da fabrica. Em casos como este, quem leva a culpa são os artistas, infallivelmente. Esquecem-se todos os outros factos. Não se considera nada. Apenas se diz que o artista tal ou a artista fulana fracassaram...

Bebe Daniels, neste particular, é uma excepção sem igual, quasi. Sahiu de uma serie de films mediocres para fazer um successo esplendido em *Rio Rita*, uma nova especie de Cinema. Sim, porque Cinema, realmente, aquillo não é. Ella se apresentou linda, como nunca. Cantando muito bem. Esplendida, em summa. E, assim, adquiriu o seu prestigio abalado pelos innumeros papeis de terceira cathe-

DA FAMA...

goria que a Paramount lhe andava dando. Mas... Não continuará a Radio, depois de *Rio Rita, Dixiana, Love Comes Along*, e outros, produzindo mais 30 rio ritas com a pobrezinha da Bebe?...

Victor Mac Laglen e Edmund Lowe, em "Sangue por Gloria", fizeram um successo phenomeno. Foi dinheiro que entrou pelos cofres da companhia a dentro, sem conta. E' logico que, tempos depois, o mesmo Raoul Walsh os dirigisse em mais um semelhante: *O Mundo ás Avessas*. Eram os mesmos recursos, as mesmas situações, as mesmas cousas. No emtanto, em todos os pontos de comparação estabelecidos, venceu, sempre, a versão admiravel e sem igual que foi *Sangue por Gloria*.

E Joan Crawford?

Já tem sido diversas vezes uma *Garota Moderna*. Depois, foi *donzella de hoje*. Agora é *Blushing Bride* e o que mais será?... Repetição de themas iguaes. Exploração dos mesmos artistas. E ella, pobrezinha, não acabará cançando o publico com a mesma sorte de papeis? E os films, cousa interessante, nenhum delles, nas suas *continuações*, batem a edição inicial. São os films padrões sempre os melhores. Ainda que arranjem directores esplendidos e escolham historias magnificas. Porque?

Victor Mc Laglen, Capitão Flagg é inimigo eterno de Edmund Lowe

Al Jolson, ainda que nada mais saiba fazer, mesmo, do que pintar o rosto de preto e cantar, não tem sido feliz. As historias que lhe deram, na Warner, foram, sempre, uma e a mesma cousa. O eterno soffredor. O eterno thema do filhinho ou amiguinho. Ou, então, o amor materno, exagerado e terrivelmente cheio de lagrimas. Tudo isto envolvido em uma bôa duzia de *fox trots* nem sempre afinados... Eis porque esperamos apenas a sua proxima fita, para a United Artists, para podermos tirar conclusões mais positivas.

——oOo——

São estes os defeitos dos productores. Para contentarem um publico do mundo, dando-lhes reedições mais ou menos falsificadas de grande films, de verdade, matam artistas de merito e assassinam probabilidades. O exemplo de Janet Gaynor é terrivel. Mataram uma artista estupenda, apenas para satisfazer a caprichos de dinheiro. Não é justo. Applaudirá o publico esta attitude?

Temos uma quasi certeza de que não...

Chester Morris o covarde de diversos films...

Joan Crawford, a eterna "garota moderna"...

oOo — oOo — oOo

"The Lone Wolf", da Columbia, terá Bert Lyteel no seu eterno papel e Dorothy Sebastian como heroina. Walter Lang dirigirá.

"The Squaw Man", anigto argumento que a Paramount ha annos filmou, vae ser refilmado pelo proprio De Mille, para a M. G. M.

"O Prisioneiro de Zenda", da M. G. M., na sua reedição, terá Ramon Novarro no principal papel.

A Caddo vae produzir "The Front Page", tendo Louis Wolheim no principal papel e James Cruze na direcção.

Ralph Graves assignou um contracto com a M. G. M., para representar e escrever.

Uma conversa fiada pelo fio do telephone e... Lelita foi visitar sua tia...

Tamar, afinal, era talvez quem mais o amava... E nem sabia da existencia de Lelita. Um homem apaixonado, porém, faz cousas peores...

A verdade é que se houvesse apenas uma mulher no mundo, seria uma tragedia. Mas, justamente porque não ha apenas uma Maria no mundo é que acontecem essas tragedias tambem. Não ha apenas uma Maria e nem um só Paulo Morano...

E o touro "Victoria" entrou por uma porta e sahiu pela outra. Quem quizer que conte outra...

* *

"Lost Exstasy" é o primeiro film de Nancy Carroll, para a Paramount. O director será Lothar Mendes e o galã, Richard Arlen.

* *

A Columbia conseguiu, com a Fox, o director Victor Flemming, emprestado, para dirigir "Orizona", com Jack Holt no principal papel.

CINEMA BRASILEIRO

(Conclusão do numero passado)

ctores, haja ainda muitos incapazes e incompetentes. Muitas vezes nós somos sabedores, antes do film prompto, mas publicamos o seu material em caracter de registro do que se faz e do que tenta fazer, porque nós comprehendemos bem, por experiencia propria como custa fazer alguma cousa no Brasil e o que representa esta industria para nós! Só precizamos de Cinema apenas para o Brasil. Nem é necessario fazer propaganda do Brasil no estrangeiro... Os brasileiros é que devem ir ao estrangeiro conhecer o quanto é formidavel... o Brasil!

Precizamos de propaganda para dentro do Brasil mesmo. Os brasileiros precizam conhecer o Brasil, as suas grandezas e os seus homens. Poucos conhecem Mauá e entretanto não ha quem não saiba quem foi Lincoln e Washington de quem dizem nunca ter sahido uma mentira de sua bocca porque falava pelo nariz...

O Brasil preciza interessar-se mais pelo Brasil. Havemos de ficar musulmanamentes a fitar todas estas fitas estrangeiras que apenas nos servem de diversão e abandonarmos a idéa de produzirmos, nos mesmos, alguma cousa nossa, que além de divertir poderá instruir, educar e ensinar aos brasileiros quererem melhor o Brasil. E estes films só podem ser feitos por brasileiros. O nosso paiz preciza ser sacudido por qualquer cousa mais forte, mais sensacional, enthusiastica, productiva; util; patriotica do que Carnaval, fott-ball e misses. Os nossos problemas tem que ser tratados pelo Cinema. Com o seu poder formidavel de convicção, precizamos fazer propaganda das cousas sérias. Propaganda contra o absurdo das revcluções. Propaganda pela cordialidade entre os Estados.

Propaganda da instrucção, da hygiene, do boy-scout e mil outros problemas. Tudo isso dentro de uma historia para que, parallelamente ao interesse do enredo, podermos mostrar o que queremos, com o poder de convicção e diffusão que tem o Cinema. Entretanto, por emquanto, estamos produzindo historias futeis, convencionaes, ainda no intuito de angariarmos publico... e depois tratarmos de melhores themas.

Assim mesmo, quanta cousa util já fez o nosso Cinema! "Barro Humano" mostrou um pouco do Rio aos Estados e lembrou a figura de Floriano. "Sangue Mineiro" mostrou-nos Bello Horizonte e o "Acaba-mundo". E se lembrarmos dos outros films, veremos que todos nos mostram alguma cousa do Brasil que não conheciamos ou de que já tinhamos esquecido.

Cinema Brasileiro é uma cousa grandiosa e bonita que poucos comprehendem. Por elle pugnamos, não por mera questão de patriotismo barato. E' porque representa alguma cousa mais util e pratica que redundará em mil benificios moraes e materiaes para o nosso paiz.

E' por isso que lamentamos aquellas palavras do "Diario de S. Paulo" que, entretanto, publica com "cliché" a chegada de agentes de fitas estrangeiras sem nenhuma importancia e interesse para o publico, "balões" de publicidade de films americanos e todas aquellas notas asnaticas de publicidade mal feita, embora seja o unico que isso resalve com a palavra "Communicado" no fim de cada uma dellas.

Não faz mal. Dia virá que o "Diario de São Paulo" publicará expontaneamente o que o nosso Cinema está fazendo, pois não sabemos se ainda se acha na sua redacção, Jorge Martins Rodrigues que teve occasião de ouvir a viva voz a explicação da nossa situação cinematographica e teve occasião de verificar, pessoalmente, muita cousa de positivo e de real do nosso Cinema que absolutamente já não é nenhuma brincadeira nem nenhum sonho.

Sonhadores são aquelles que pensam em technicos allemães e maiores capitaes...

Milton Sills Morreu!

(Conclusão do numero passado)

Reflectiu, mais uma vez e, depois, continuou.

— Francamente, não creio que isto continue por mais muito tempo. Admitte-se um individuo cégo. Dois. Mas é impossivel que nesta terra de cégos, a Hollywood de agora, não haja um só que tenha um olho, que seja, e se torne Rei disto tudo com senso e intelligencia... Já se têm feito mais asneiras em materia de Cinema e arte, neste periodo, do que durante todo o resto da vida. Antigamente, lembro-me, mover uma "camera" durante um apanhado de machina, era um escandalo. Depois, a "camera" começou a se mover como se fosse uma propria personagem da historia. E, cada vez avançando mais em technica, o Cinema chegava, mesmo, antes de chegarem os 'talkies", á um ponto que era quasi a perfeição. Os films tinham dynanismo, vida, alma e coração. Hoje... Tudo parou! Restam apenas a voz e o som, para atormentar os pobres "fans"... Eu assiti, por exemplo o "sketch" de John Gilbert, em "Hollywood Revue". Não achei, francamente, que sua voz fosse má. Achei-o esplendido e se sua voz não era das mais agradaveis, tambem não era das peores. Mas... Cada personalidade com a sua voz. Uma creatura como elle, por exemplo, exquisito como é, não pódia deixar de ter uma voz exquisita, tambem. E' preciso que elle fale com uma voz grossa, quente, formidavel? Já não basta elle falar?... Qual! Felizmente a minha voz é bem grossa e bem forte e bem quente e bem afinada. Poderei berrar á vontade e calmamente rir do microphone. Aliás, na minha opinião, sinceramente, o microphone hoje em dia, suspenso sobre a cabeça do artista, parece, mesmo, a espada de Damocles apenas presa por um fio de linha... Mas commigo não adianta. Eu falo grosso...

Milton Sills, depois da sua molestia emmagreceu consideravelmente. Mais magro, agora, ficou, parece, mais alto. Está bem mais vistoso e muito mais apresentavel do que antes. Em parte, se não foi para seu mal, isto lhe valeu em muito. E se conservar assim o seu physico, ainda poderá readquirir grande parte do seu antigo e grande prestigio.

Antes de adoecer, Milton Sills sempre se dedicou com ardor, mesmo, ás sciencias e aos mais variados conhecimentos. Seu lar, presidido por Doris Kenyon, cada vez mais encantadora, sempre foi, em Hollywood, o centro das reuniões mais selectas e mais distinctas da colonia do Cinema. Poetas, artistas, scientistas, e, em summa, todos aquelles que tivessem alguma cousa de notavel, produzido, na vida, encontravam, ali, lenitivo para suas idéas. Milton Sills sempre os recebia satisfeito e, conversando com elles, illustrava-se e illustrava-os, tambem, com seus conhecimentos em outros lados e em outros ramos de arte, tambem. Mas foi exactamente isto que o exgottou. Trabalhos intensos durante o dia. A' noite, reuniões e conversas e estudos, até altas horas. A's 7 da manhã do dia seguinte, conforme regulamento e praxe, porta do Studio e, assim, seus nervos se foram esticando, esticando, esticando, até que se romperam, afinal e lhe causaram o profundo abalo que quasi o arrasta ao tumulo. Depois de fazer "Sangue de Bohemio", (The Barker), elle teve, diante de si, um futuro soberbo. Aquelle seu desempenho, um dos melhores de sua carreira, foi commentado intensamente. Seus contractos offereciam muitas probabilidades futuras. E, assim, tudo lhe sorria. Mas, com esse ultimo esforço dispendido, em pról do film de George Fitzmaurice, acabou gastando o resto de energia que tinha. E, um bello dia, quando todos contava com a assignatura do seu novo contracto com a First e demais successos, soube-se, aborrecidamente, do seu collapso, na noite anterior e, depois; do seu necessario recolhimento, em local isolado, durante muito tempo, para poder se restabelecer de vez. Assim, fugiu da Cidade e procurou as montanhas. Mas um anno completo de invalidez o tolheu.

Uma das razões, ainda e principaes da sua tremenda agitação nervosa e do seu pavoroso choque nervoso, foi a difficuldade financeira em que o collocou uma pseudo lançadora de impostos sobre renda. Como elle ha annos que não pagava o mesmo, por esquecimento ou por qualquer outro motivo correcto, pórque, antes de tudo, elle é honestissimo, achou ella de o perseguir para receber os mesmos. Julgando-a, de facto, enviada especial do governo, elle lhe perguntou qual seria o seu imposto a pagar. E ella, descaradamente, pede-lhe a importancia de 100 mil dollares. Não a tendo, elle começou a se preoccupar com aquillo e a pedir prazo para seu pagamento. E, com trabalhos no Studio. O nascimento do seu filhinho mais novo. E a fingida cobrança de impostos a perseguil-o, teve a impressão, elle, de que acabaria condemnado por roubo ao Governo e, ainda, castigado com a penitenciaria. Isso o abalou profundamente, até ás raizes da sua existencia. E, um bello dia, quando o procuraram para lhe darem a noticia de que a "tál" havia sido presa e fôra condemnada pelo crime de assalto aos bens alheios. Já não o encontraram mais. Achava-se elle a caminho das montanhas e quasi morto de cançaso e miseria mental.

Artista, philosopho e cavalheiro, Milton Sills sempre foi um dos maiores corações de Hollywood. Se não tem fortuna pessoal, grande e vive dos seus modestos esforços, é porque, coitado, sempre viveu fazendo o bem aos outros e animando-os com sua protecção segura e forte.

Este era o artigo. Lê-se nelle, claramente, quem foi Milton Sills e o que elle fez pelo Cinema e pelas pessoas que, com elle, partilharam sua existencia atribulada. Mal sabia o chronista que o entrevistou, no emtanto, que, tempos depois; elle iria fallecer, ainda victima do seu nobre sacrificio pelos seus e pelos outros. Mal restabelecido, Milton Sills voltou. Sentia que precisava lutar, porque, antes de tudo, o que tinha guardado, em annos, perdera em dias, com sua molestia e com o caso dessa exploradora que o arruinou mentalmente, ainda. Mal restabelecido, Milton Sills assignou um esplendido contracto que lhe offerecia a Fox o que elle acceitou sem pestanejar. Mal restabelecido, ainda, entrou para o primeiro film, immediatamente e o terminou. Chamava-se elle "Man Fouble", tinha Dorothy Mackaill, sua ex-companheira de outros tantos films, como heroina e Berthold Viertel, na direcção. O film foi tido como bom e o seu desempenho foi citado, por todos os magazines americanos como formidavel e pelo Photoplay, mesmo, "phantastico", na expressão do seu critico. Mal terminado o film, já tinham a segunda historia preparada para elle: "The Sea Wolf". "O Lobo do Mar", historia que já foi filmada com Hobart Bosworth, com Noah Beery e com Ralph Ince, para a P D C, por ultimo. Ia ser toda falada e, assim, mais uma opportunidade para elle brilhar. Sem cogitar de nada e sem siquer descançar um só instante, poz-se á disposição de Alfred Santell e entrou em trabalho. Precisava dinheiro. Queria refazer, em instantes, toda sua fortuna desbaratada. Sábia que Doris Kenyon e seus filhos precisavam de todo seu esforço. E, conjugando todas as suas energias, entrou firme pelo segundo trabalho. Enredo forte, de situações agitadas e dramaticas. Com lutas e com tempestades, tendo que trabalhar, em muitas sequencias, com o corpo molhado e tendo que apparentar a personagem de um capitão de brigue, bruto e irritado, sempre, Milton Sills teve o golpe final. Tornou a se exgottar e teve uma recahida. Seu coração, naturalmente fraco e mal recompensado da molestia recente, tornou a falsear e, quando parou, desfez em realidade cruel toda a existencia agitada e operosá daquelle homem que, acima de um artista de Cinema, foi um cavalheiro distincto e um generoso amigo dos que lhe eram caros.

No proximo numero volveremos a tratar de Milton Sills.

Cinema de Amadores

(FIM)

apanhado, continúa sempre insatisfeito, e sempre reclamando "mais acção" aos amigos.

James Hall possue um orgulho afinal desculpavel, por um film que apanhou do Coronel Lindbergh, num campo de aviação de Los Angeles. E quanto a Harold Lloyd, a sua loucura é toda pelos films de "golf".

Quando andou pela California, filmando "The Vagabond Lover", ao contrario do que se pensa Rudy Vallée não gastou as férias a cantar melodiás, á conceder entrevistas, ou a pagear Mary Brian. Uma camara accompanhava-o pelos Studios, e as producções é que eram filmadas durante a filmagem.

Conrad Nagel passa as suas tardes de domingo e os dias de descanço cinematographando a familia em casa, na praia, onde quer que a distracção e o repouso os transporte. Os primeiros annos da pequenina Ruth, a filinha de Nagel, têm sido como uma téla de prata, exposta a todos. Uma occasião, durante a festa do seu quarto anniversario, a pequena ficou tão excitada com os "operadores" que estes acabaram a

festa cahindo, com camara e tudo, por accidente, dentro da piscina. Hoje, porém, a pequena Ruth já perdeu o medo da camara. Mary May Barthelmess é outra que fica envergonhada deante das lentes. Gloria Lloyd é uma especie de estrella super especial para as camaras de amadores, apezar dos seus minusculos palmos de encantos.

Como se vê pois, a téla dos amadores, em Hollywood, é silenciosa, porém sem duvida, dentro em pouco, veremos os astros e as estrellas a fazerem um Cinema Falado para si mesmos, tal e qual como desejam fazer hoje, para o mundo inteiro.

Na sexta-feira, dia 19 de Setembro, entrámos na casa matriz da firma Lutz & Ferrando, na qualidade de freguezes, para fazermos umas compras, de material para photographia, aliás, e não cinematographia.

Todo freguez, seja elle quem for, precisa e deve ser bem recebido pelos empregados da casa, pois não é a casa que faz um favor em vender, mas sim o comprador que faz um favor em adquirir nessa casa o material que poderá encontrar em qualquer outra, sem esforço.

Não foi assim que se deu comnosco. Logo que entrámos, um dos empregados, cujo nome não vem ao caso ao attender-nos, indagou:

— Não é o Sr. que se chama Sergio Barretto Filho, do "Cinearte"?

Confirmamos.

— Pois o Sr. comprometteu gravemente um dos empregados aqui da casa, classificando-o de inexperiente para manejar o Kodascope, porque deixou cahir a bobina umas dez vezes, do pino que a supporta.

E acabando de falar, este empregado que não tinha gostado da nossa nota, publicada no "Cinearte" 236, foi buscar um Kadascope modelo A, e apontando para o carretel superior, disse:

— E além disso, não sei como é que o Sr., que se diz um amador de Cinema tão antigo, ha tanto tempo, dê um carretel destes como de 200 pés.

Francamente!

"Cinearte" costuma dar as suas opiniões com franqueza, agrade ou não agrade aos interessados. Escrevemos para o publico. E quantas vezes escrevemos elogios a varias casas e fazemos verdadeira propropaganda de apparelhos, nunca recebemos uma linha de agradecimento.

Vamos agora destruir todas as affirmações daquelle empregado da Casa Lutz & Ferrando.

1.°) *O facto que affirmámos ter-se dado no stand da Lutz & Ferrando, na Feira de Amostras, é real e deu-se tal e qual como o descrevemos.*

RAZÕES. — Porque não somos mentirosos, e porque estavamos presentes naquelle dia.

2.°) *Nós não affirmámos que o caracter que vem com o modelo A do Kodascope é de 200 pés.*

RAZÕES. — Leia-se no "Cinearte" n.° 236: "collocou elle uma bobina Cinegraph de 200 pés no Kodascope".

— Leia-se no catalogo Kodak para o Brasil, pag. 25: "Ademais, temos os Cinegraphs, films dos mesmos artistas, em rolos de 100 pés (31 ms.) e 200 pés (62 ms.)

3.°) *Ninguem ignora que o pé inglez equivale a 0,m3048, nem que as bobinas que vêm com o Kodascope A são de 125 ms.*

RAZÕES. — Leia-se á pag. 30 do mesmo Catalogo Kodak para o Brasil: "...dois carreteis de 125 ms".

E prompto. Fica tudo explicado ao gentil empregado da casa Lutz Fernando.

Caso extranho de Conrad Nagel...

(F I M)

de "it" e sendo o typo de gala que ella escolheria para os seus enredos sensuaes. Prompto! Todos os directores passaram a querer Conrad Nagel, para galã.

Para começar, teve elle o papel de *Paul*, em *Three Weks*. Ella o obrigou a dexar crescer o bigode. E, dentro em pouco, dizia-se, mesmo, que a queda de John Gilbert, depois daquelle bigodinho do Conrad, era a cousa mais garantida e mais certa que iria accontecer...

Conrad, no emtanto, levou aquillo na calma e na mais humoristica das maneiras, como é seu natural. Mas cresceu o bigodinho, fez-se o film e, afinal, todos viram, mesmo, que o "it" era uma cousa differente e que Conrad Nagel delle não tomava cousa alguma...

Mas... era o orgulho da colonia e o unico rapaz do qual Will Hays nada dissera e nada tinha a dizer, mesmo. E, para seu lar, mais do que para outra cousa qualquer, volvia ella todas as suas attenções, posto que as theorias de Madame Glyn, que o queria reformar, fossem totalmente contrarias ás suas...

Houve, depois, uma época em que todos, em Hollywood, começaram a olhar Conrad Nagel como um typo acabado e refinado de "trouxa". Não era visto em "farras". Não ia nem a festas, mesmo. Não levava vinho, de contrabando e não gostava de dansar com garotas de poucas roupas e pouco juizo. Ia ao Studio, apenas, representava o seu papel e jamais havia frequentado a primeira columna dos jornaes da Cidade, por este ou aquelle máo comportamento... E, por isso, ainda mais não accreditando em santos e nem em milagres é que Hollywood resolveu chamal-o de "trouxa"...

Foi ahi que houve um "climax" de intensa dramaticidade. Descobriram os artistas que estavam sendo cercados por um mal que ameaça ruir com todos os seus primitivos esforços em pról daquella carreira. Os productores haviam decidido cortar os salarios. As "estrellas" e os "astros", portanto, soffreriam o diabo com aquillo... Ninguem tinha noção do que fazer. Nenhum delles sabendo o que é a logica e, muito menos, o que é a razão. Cousas das quaes andavam afastados ha seculos, reuniam-se em grupos esparsos e discutiam e discutiam e discutiam, apenas... Os productores, durante este periodo, foram mimoseados com os nomes mais bonitos que a lingua ingleza conhece e ainda com muitos que só os americanos conhecem...

O que lhes faltava era um "leader". Não havia um só, daquelles que discutiam, que soubesse falar. Além disso, tinham um medo enorme de desgostarem os productores com seus discursos...

Foi ahi que appareceu o "leader". O homem que falava. Que guiava e que vencia as situações difficeis.

Era Conrad Nagel. Sempre fazendo discursos, nada mais fez do que fazer mais alguns. Começou a causticar os productores com a sua oratoria commovedora e virulenta. Com sua ironia causticante e com sua philosophia de noites e noites de socego, no lar, lendo e lendo e lendo os grandes mestres. E, assim, nada mais facil foi do qué vencer. Porque, afinal, se elle conseguia ser o "leader" dos artistas, custava-lhe alguma cousa derrotar a "intelligencia" de um productor?...

Era a resurreição do "trouxa"! Era a victoria daquelle que todos chamavam de covarde intellectual! Era a sua restauração no posto que lhe cabia, por direito de intelligencia e de sabedoria.

Lembro-me, muito bem, que, durante aquelles dias terriveis, encontrei-me com Aileen Pringle e ella me disse, afflicta, entre colheradas de sorvete.

— Houve um tremendo "meeting" e Conrad Nagel, era um perfeito Sir Galahad! Parecia um cavaleiro daquelles tempos de romance e de sonho! Falava! Com sua linguagem de fogo e fel. Você accredita no que eu estou contando? Conrad Nagel?!... Você o deveria ter ouvido! Palavra, foi uma das maires emoções que senti em minha vida.

Começaram os telegrammas a chegar para elle, em sua casa. Teve as mãos apertadas por inumeras pessoas. E, o que era mais importante, conquistou uma brilhante victoria. Venceu o ponto de vista do productor e impoz o ponto de vista do artista. Tornou-se um heróe, do dia para a noite.

No emtanto, Conrad Nagel, apesar disso tudo, não havia mudado, em nada. Era nada mais e nada menos do que o cidadão de Keokkuk que pelejava por uma victoria, como pelejaria, se fosse cidadão, apenas e não artista de Cinema, pela cadeira vazia de senador ou deputado estadual...

Os principaes membros da colonia, depois que tudo cessou e voltou á normalidade, esqueceram-no, facilmente. Apezar de ter merecido, delles, muito maior respeito e amizade.

Passaram-se mais annos.

Todos falavam de artistas. Mas ninguem falava de Conrad Nagel... Voltou a ser esquecido e apenas lembrado quando apparecia um seu film, com elle num dos seus papeis...

Foi ahi que a Warner Bros. lançou a idéa do film falado. Fizeram um film que se chamou "Primavera de Espinhos". Lembraram-se, por acaso, que Conrad Nagel havia sido artista de palco e que, portanto, devia ter voz melhor do que os outros, sem "training" algum. Pediram-no emprestado a M G M que o emprestou com muito gosto, aliás... E, assim, entrou elle para o elenco do film, como galã de Dolores Costello. Falou. Voz clara, nitida, agradavel. E, em segundos, de novo, tornava-se o "leader" da colonia sem que, de novo, ainda, para isso, houvesse feito mais do que o que costumava fazer sempre...

Em um anno, com o novo "medium", fez elle doze films!

Houve um jornal, nessa época, que fez um concurso para averiguar se eram mais apreciados os films silenciosos ou os falados e, ainda, qual era o galã preferido. Conrad Nagel ganhou, sem fazer o menor esforço, por uma differença enorme de votos... Isto, sem duvida, porque era o unico galã, naquella época, que tinha uma voz que conseguia ser comprehendida pelos "fans"...

Eram innumeros os pedidos que faziam para que elle representasse. E já vencendo um bom dinheiro, passou a ganhar o triplo, de um momento para o outro. Era o seu regresso á fama e uma das suas mais brilhantes victorias, ainda.

As cartas de "fans" começaram a engrossar em quantidade. Era, mesmo, nesse periodo, o homem mais importante da profissão. Todas as companhias o pediam emprestado á M G M e está emprestando-o, ganhava um bom dinheiro e dava á elle um bom dinheiro a ganhar "extra", tambem.

Mas, apezar de tudo e de todas as mudanças, elle continuava o mesmo. Não se incommodava com Hollywood e apenas cuidava de sua familia e da bôa amizade que sempre o ligou a Sidney Franklin, o director. O fama, a gloria, a popularidade, para elle, nada mais foram do que cousas occasionaes, ás quaes elle não ligou maior importancia. A furia "falada" tornou-se industria. Passou a "voga" de Conrad Nagel. e elle passou a ser um "commum" em Hollywood, de novo...

Elle, apezar de tudo, continuou com seu contracto com a M G M e vencendo os seus 2 mil ou 3 mil dollares semanaes. Aliás salarios que elle percebe, na mesma escala, ha bons annos.

Além disso, elle é estimado pelos exhibidores, porque, apezar de tudo, é um bom nome de bilheteria. Se ninguem o ama, furiosamente, ou o quer, doidamente, em compensação ninguem o detesta e ninguem foge dos seus films. E' sympathico e todos gostam de apreciar os seus trabalhos. Está sempre trabalhando e tem, a seu favor, uma das maiores listas de films que se contem em Hollywood.

E' este o estranho caso de Conrad Nagel. Mudanças de sorte. Fama. Brilhantismo. Nada disso conseguio mudar seu caracter, seu modo de vida, sua habitual placidez de espirito e de alma. E' o mesmo! Na fortuna, na simplicidade, na arte, em tudo.

E' um homem igual.

Sympathico, bom artista e muito agradavel como galã de pequenas bonitas.

O que fez dellas o cinema fallado...

(Continuação)

com medo de a chamarem de segunda Fannie Ward.. Mas, afinal, custava fazer films mais ou menos nesse genero A licção que ella recebe, agora, não é a primeira. Quando ainda se estava no regimen esplendido dos films totalmente silenciosos, ella tentou sahir do seu genero, isto é, daquelle em que o publico a apreciava, e fez *Rosita*, uma das muitas versões da historia de D. Cesar de Bazan. Pois bem. O fracasso foi tremendo! Todos a detestaram nesse papel. E não foi sufficiente tal ensinamento para resolver sua situação, para sempre?...

No principio da era falada, além disso, os films eram mal gravados e, assim, era immensa a difficuldade dos artistas de Cinema, apenas, porque não tendo pratica de palco, com pouquissimas licções de pronuncia, soffriam revezes certos diante do microphone. Foi o que aconteceu a May Mc Avoy, Dolores Costello, Betty Bronson, Doris Kenyon, Monte Blue, Wallace Beery e, no principio, Richard Dix, tambem.

(Termina no proximo numero)

A Vida de Maurice Chevalier

(Continuação do numero anterior)

No emtanto, para sua alegria, foi escolhida, pela Paramount, pouco tempo depois, para ser a companheira de seu marido na versão franceza de **Little Café**, ou seja, **O Café do Felisberto**.

\+ + +

De uma das feitas que Douglas Fairbanks visitou a Europa, em companhia de Mary Pickford, estiveram assistindo o espectaculo de Chevalier. A impressão que tiveram foi tão forte que, depois do mesmo, procuraram, com empenho, travar conhecimento com o astro francez e, em seguida, convidaram-no para uma visita aos Estados Unidos. Dahi para diante, tornaram-se, ambos os casaes, amicissimos. E quando chegou a Hollywood, a primeira visita de Chevalier foi a Pickford.

Assim que chegou a Hollywood, Douglas contou a quantos poude, o que pensava de Maurice Chevalier. Inclusive a Charles Dillingham, o productor. Como resultado, este enviou, incontinenti, a Paris, um emissario com o fim de contractar Chevalier, para seu theatro, sem mesmo o ver e nem mesmo o conhecer. Chevalier, ainda timido, em relação aos seus espectaculos na America do Norte, assignou, finalmente, um contracto para apparecer em New York, no outomno seguinte, com a peça **Dédé**, a mais popular das revistas de ha dois annos atraz em Paris.

No verão seguinte, antes de iniciar sua temporada, elle esteve em New York. Passou, visitando a Cidade, tres semanas. Assistiu revistas Americanas. Ouviu canções Americanas. Apreciou cantores Americanos. E, depois disso tudo, não se sentiu mais animado do que na vespera. Dia a dia elle sentia e comprehendia que Paris, todinha, não podia competir com New York e a sua Broadway. Porque, afinal, elle achava , sinceramente, que Maurice Chevalier, successo de Paris, não podia, nem que se esforçasse, ser Maurice Chevalier, successo de New York. Achava os processos theatraes americanos adiantadissimos e, assim, capacitava-se, firmemente, de que nada poderia fazer para agradar Broadway. Mas... Já havia um contracto assignado e, assim, elle éra forçado a comprir o quanto combinára e estabelecera.

Assim que chegou a Paris, cahiu com uma fortissima crise de apendicite e infecção intestinal grave e, ainda que não quizesse, teve que dar por acabado o seu contracto para a peça **Dédé**. A operação correu em ordem e elle, em pouco tempo, restabeleceu-se. Telegraphou elle a Mr. Dillingham e pediu-lhe que o desligasse do seu contracto. A resposta, gentil e animadora, deixou-o sensibilizado.

— Se não quer a felicidade, não venha.

Eram as palavras do emprezario intelligente que queria apresentar Chevalier aos yankees.

Este anno, em Abril, Chevalier, em New York, fez um successo sem precedentes. Elle, além disso, declarou que com ninguem a não ser Dillingham, fará negocios theatraes. Acha elle que alem de emprezario, Dillingham é um cavalhiro finissimo e educadissimo. E, assim, passou o seu medo todo e elle comprehendeu, mesmo, que os outros é que tinham razão quando lhe affirmavam que o publico americano o receberia de braços abertos.

No anno seguinte, Mary Pickford mandou convidal-o para ser o principal homem do elenco do seu proximo film, a entrar em confecção. Mas elle não poude acceitar, porque os seus contractos em França não lhe permittiam.

Chegou uma epocha em Paris, mesmo, que o publico chamava o **Casino** de **theatro de Chevalier.** Não porque lhe pertencesse, radicalmente, mas porque achavam que elle, sem Chevalier, éra a mesma cousa que uma mina sem ouro.

Tempos depois, numa noite de estréa num dos intervallos annunciaram, á porta do seu camarim: —

— Mr. e Mrs. Irving Thalberg, de Hollywood!

E elle, emocionado, abriu a porta do mesmo, rapido, para deixar passar o chefe geral da M. G. M. e Norma Shearer, sua admiravel e lindissima esposa. Deixemos Chevalier explicar este encontro.

— Em Paris — diz elle — existem dois grupos. O de artistas de theatro e os de Cinema. O nosso grupo é maior, sem duvida e, assim, do Cinema eu apenas conhecia o nome e, dos artistas delle, os principaes, apenas. Assim, quando me disseram que Irving Thalberg e Norma Shearer me procuravam, eu apenas me lembrei della. Sim, porque, francamente, Irving Thalberg eu nem sabia o que éra e nem que funcção exercia junto á sua fabrica. Mas eu, assim mesmo, não a conhecia. Conhecia-lhe o nome e a apparencia, pelas revistas, apesar de nunca a haver visto, pessoalmente. Foi, portanto, para mim um deslumbramento sem conta aquelle que me proporcionou a entrada daquella mulher admiravelmente bella em meu camarim, aquella noite. Thalberg, assim que entrou, disse-me, em resumo: — "Acabo de assistir a primeira parte do seu espectaculo. Acho que as suas possibilidades, no Cinema, serão enormes. Sou productor de films americanos e gostaria que me desse a honra de tirar um **test** seu." Mas... Eu ainda guardava lembranças de um **test** que haviam de mim tirado, em Londres, sem luzes e sem nada, ao ar livre, apenas, cantando eu umas canções idiotas. Lembrei-me e apavorei-me. Respondi, num relance. "Mr. Thalberg, gratissimo. Mas... acho que chegou muito tarde. Eu já tirei um **test**, ha annos, em Londres e, delle, nem quero ouvir fallar, tão pavoroso sahi. E agóra que sou **astro** dos theatros Parizienses, ha de comprehender, naturalmente, qual a razão pela qual eu não desejo estragar minha fama e meu nome com mais um desses desastres. Agóra... se me quer contractar, sem **tests**, contracte-me. Acceito! Mas **tests**... não! Mr. Thalberg, no emtanto, gentilissimo, sempre, continuou, no mesmo tom. "Não é questão de talento, Mr. Chevalier. E' questão de o ver na téla e saber que especie de personalidade tem. Mas que **test** tiraram de si, em Londres? Maquillaram-no? Tinham luzes apropriadas?". "Não!" — respondi-lhe e continuei, rapidamente. "Eu estava na rua, apenas e assim mesmo elles me photographaram." Elle pensou e me respondeu, logo depois: — "Eu tenho um operador americano commigo, aqui e, se permitte, tirarei seu **test**, com todos os requisitos". Pensei longos instantes naquillo. Achava que minha vida de palco éra excellente e temia enveredar por um terreno totalmente desconhecido para mim. Respondi-lhe, incontinenti: — "Mr. Thalberg, eu vou pensar. Permitte-me?". Elle concordou e sahiu, com a esplendida Norma, ao lado. Assim que elle sahiu, perguntaram-me, afflictos: — "Sabe com quem esteve conversando?"

— Sei. Com um interessado em films, da America do Norte.

— Qual, seu tolo! Elle é um dos principaes cabeças da M. G. M. E' joven, ainda, mas é profundamente intelligente e importante, lá! Voce não foi esperto, Chevalier! Mesmo o maior dos artistas tem que tirar um **test!**

Hoje, pensando no quanto me disse esse amigo, acho que a razão é delle. E, assim, procurei Irving Thalberg, por minha vez.

— Bem, Mr. Thalberg, concordo com seu **test**. Mas... com uma condicção: dar-me uma copia do mesmo. Porque eu tambem o quero apreciar e, assim, se não prestar, mesmo, eu mesmo saberei como agir e como me afastar de sua terra, o quanto antes e o quanto melhor possivel...

Ficou tudo assim combinado. Chevalier tirou o **test**, no dia seguinte e o casal embarcou para Baden Baden. Dias depois, chegava um telegramma: "V: seu **test**. Admiraveis as suas opportunidades na téla. Segue carta". E foi ahi que começou o enthuziasmo de Maurice Chevalier pelo Cinema.

Mas eu tambem queria ver o **test** e, assim, quando chegou a copia, exhibi-a, incontinenti. Douglas, que se achava em Paris, foi convidado a comparecer e a dizer, sem **enganar**, qual a impressão que do mesmo tinha. Ao cabo da exhibição, elle disse, num impeto: "Deixa disso, Maurice! Larga de dizer que voce não serve c'que voce não dá para artista de Cinema. Voce serve, sim! E como!".

E, por isto, Chevalier entrou em questão de contracto com Irving Thalberg. Maurice Chevalier, no **Casino**, vencia um ordenado estupendo, o maior que elle já pensára ganhar. Formidavel, para Paris. Mas... para Hollywood, uma simples ninharia... No emtanto, Thalberg offereceu-lhe apenas a metade do que elle ganhava em Paris.

— Mas escute, Mr. Thalberg, como poderei eu deixar as minhas obrigações, aqui, casa continuando com espectaculos. Gente trabalhando. Tudo, em summa, para ir a Hollywood e trabalhar pela metade do que ganho aqui?..."

— Sei, perfeitamente. Mas o caso é que Hollywood não lhe pode pagar, presentemente, nem a metade . Mas é que eu o faço, porque quero arriscar. Lá, ganha-se mesmo mais e muito mais do que isso. Mas é preciso que, antes de mais nada, o artista prove que é um real successo de bilheteria.

— Neste caso, Mr. Thalberg, agradeço-lhe todas as attenções, mas não poderei ir. Ficarei aqui, ganhando o que ganho. Ou vou para a America ganhando a mesma cousa ou mais do que estou ganhando aqui, ou não vou. Ha de comprehender, naturalmente, que não poderei deixar um emprego certo, garantido, solido, para vencer a metade do mesmo, incerta mente, em Hollywood...

Despediram-se, mais amigos do que nunca. Antes de embarcar, porem, Thalberg telegraphou aos seus superiores e consultou-os sobre as possibilidades de um accordo. De lá, com uma differença de apenas 500 dollars contra, veio uma contra proposta. Mas Maurice Chevalier a recusou, tambem.

Antes de partir, Irving Thalberg tornou a procural-o.

— Chevalier, procurarei, em Hollywood, conseguir o que voce quer e eu acho justo, aliás. Voce em breve ouvirá cousas a respeito do assumpto!

E partiu para a America.

Mas não veio nada de lá. Nem uma resposta, nem um telegramma, nem nada. Em vesperas de assignar um novo contracto theatral, telegraphou a Hollywood, á M. G M. e perguntou.

— Sim ou não? Preciso assignar novo contracto e depende disso, apenas!

A resposta não veio...

Por isto mesmo, quando, semanas depois, foi avisado de que Jesse L. Lasky, vice-presidente da Paramount, queria conversar com elle, mostrou-se desanimadissimo sem a menor coragem. Bem por isto, emquanto terminava o espectaculo, antes delle conversar com Lasky, cantou suas canções com alma e vida, não para Jesse L. Lasky, vice-presidente de uma das maiores fabricas americanas. Mas para seu publico: gente simples e sincera que o estimava e que nada mais queria do que o incensar, sempre, com seus applausos enthuziasticos.

Assim que terminou o espectaculo, Lasky o procurou.

— Estou aqui por tres dias, Mr. Chevalier. Apreciei muito a sua maneira de cantar canções americanas. Pode procurar-me, depois, para conversarmos sobre um possivel accordo, para films?

— Sim, Mr. Lasky, irei, ainda que pela ultima vez e, para poupar seu tempo, já levarei commigo o **test** que aqui tenho e que poderei mostrar, perfeitamente...

Duas horas depois de ter visto o **test**, Jesse L. Lasky contractava Chevalier, pelo mesmo dinheiro que elle ganhava em Paris e, dahi para diante, todos sabem o que lhe succedeu, em Hollywood.

Chevalier, até hoje, não se esquece da confiança que Lasky teve nelle e, por isto, é-lhe extermamente grato. Todas estas pessoas da sua historia, juntas, formam uma lista interessante: J. W. Jackson, que o ensinou a dansar. Norman French, que o ensinou uma nova maneira de fazer comedias. Mistinguette, que o tomou por parceiro de dansas e o elevou acima do commum. Ronald Kennedy, que lhe ensinou inglez. E, finalmente, Jesse L. Lasky, que o trouxe para a America e para os films.

Para dizer a verdade, os outros dirigentes da Paramount, inclusive seu Presidente, não o receberam com alegria. Acharam que já eram muitos os **fracassos** europeus em Hollywood e, assim, não gostaram muito do **arrojo** de Lasky. Quando começaram a fazer **Innocentes de Paris** e os primeiros **rushes** foram exhibidos aos interessados e ao director de producção, foi incontinenti augmentado seu ordenado e uma opção para mais um anno assignada. Mas éra uma grande duvida que a todos roia. Como haveria do publico receber Maurice Chevalier? Éra esta a questão.

— Quando o flim se exhibio — diz Chevalier — eu estive presente. A minha sensação éra terrivel. Tinha dores de estomago e sentia-me profundamente mal. Quando o letreiro

Maurice Chevalier

em

INNOCENTES DE PARIS

a minha sensação, sinceramente, foi de pavor. Quiz levantar e fugir. Houve a apresentação do film, feita por mim proprio. Ninguem se riu e nem sorriu. Parecia que todo mundo estava insensivel. E tinham razão, mesmo, porque ninguem me conhecia. Mas quando chegou o trecho **Comment? Qui est-ce Papa?**, riram, gargalharam, depois e, finalmente, applaudiram, satisfeitos. Eu mesmo comecei a rir! Aquillo me enthuziasmava mais. mesmo, do que todas as minhas primeiras peças, em Paris e, assim, eu sentia, ainda, uma grande sensação de allivio. Dahi para diante, o film ia melhorando e as emoções melhorando, tambem. Depois de minha canção **Dites-moi, ma mére**, o publico éra todo meu. Applaudia-me, freneticamente. Eu sentia, finalmente, a sensação de ter vencido, felizmente, num ramo totalmente novo para mim e, para mim, tambem, tão agradavel e intelligente.

Todos sabem, perfeitamente, que o film éra um drama sentimental que Chevalier, não levando a serio, transformou em comedia sentimental, apenas. E, assim, encobrindo os defeitos grandes da historia, o film agradou a todos quantos o viram.

Tempos depois, emquanto esperava seu segundo chamado de entrar em acção, Chevalier foi apresentado a um dos dirigentes da M. G. M.

— Conheces Maurice Chevalier?

— Se o conheço? Perfeitissimamente! E que triste historia, não, Mr. Chevalier?

Ambos se riram e o interlocutor, sem nada saber da historia, apenas se sentiu constrangido e forçado entre aquelles dois homens que conversavam tão mysteriosamente...

Pouco tempo depois, Ernest Lubitsch procurou Maurice Chevalier.

— Maurice, vi teu film, **Innocentes de Paris** e constatei teu enorme successo. Vou iniciar **Alvorada do Amor** e tenho um papel para sua personalidade. Acceita-o?

— Sinto-me orgulhozissimo com o convite, Ernest! Mas que papel é?

(Continúa no proximo numero)

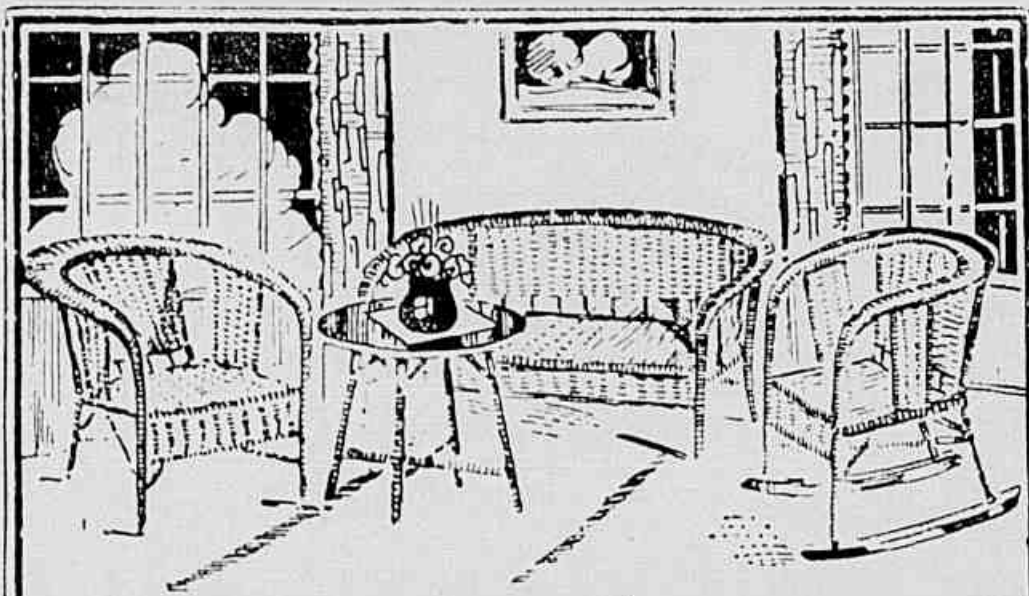
LAURINHA...

(Continuação)

E' facil de se tornar amiga de uma pessôa. Mas é difficilima de se conhecer, intimamente. Sómente aquellas pessoas que sejam muito intimas suas é que poderão dizer quem ella realmente é. Para com estranhos ella é gentil e attenciosa, mas completamente inaccessivel.

Seu cabello, hoje, é castanho escuro. Transmou-o, com um medicamento, ha annos, depois de estar cansada de tanto ser a *loirinha* dos films... Sua primeira apresentação neste novo cabello, foi num film ao lado de Hoot Gibson.

Uma das suas diversões predilectas é a dansa. E, aliás, é uma excellente dansarina. Não aprecia jogos e pouco conhece delles. Gosta de reuniões sociaes, mas... com pessoas conhecidas intimas ou, então, membros da sua familia ou da familia de seu marido. E' verdade que o casal Seiter é sempre visto nas festas mais imponentes do Mayfair ou nas primeiras sensacionaes. Tambem no Cocoanut Grove, Baltmore, Roosevelt e outros logares taes. Laurinha é socia do *Out Club* e uma das suas mais influentes, aliás, e conta, entre suas amizades grandes, com os nomes de Colleen Moore, May Mc Avoy e Lois Wilson.

Por effeito de sua vida passada, tão apertada e cheia de necessidades, ella tem, ainda hoje, um profundo senso economia. E, assim, uma das cousas que a caracterizam é a maneira admiravel pela qual ella sabe governar suas finanças, controlando-as sabiamente, tambem. Vivem, ella e William, num grande luxo e num immenso conforto. Mas Laurinha não permitte que se façam gastos desnecessarios e nem compras inuteis. Bem por isso é que ella não aprecia jogos e se contraria immenso quando William vae a Agua Caliente e, lá, ganha ou perde, sommas grandes, não pensando sequer no aborrecimento que isso lhe causa... A's vezes, então, tem ella vontade de comprar um "yacht", um aeroplano ou uma casa, nas montanhas, e, então, é ella que conversa com elle, pacatamente e lhe expõe, com minucias, o erro dessas idéas e a inutilidade de semelhantes *brinquedos*...

Laurinha é quieta e meiga. Tem um extraordinario senso para os valores e sabe distinguil-os com rara perfeição. Nem povo e nem acontecimentos a emocionam. E' caridosa, tolerante de opiniões, delicada de pensamentos e extremamente cordata. Sua mãe e Violet, sua irmã, são as maiores adorações de sua vida. Vivem, ambas, em Beverly Hills, no lar que ella construiu para as tres, antes de se tornar a esposa de William A. Seiter.

Depois de *Dangerous Innocence*, no qual elle a dirigiu, iniciou-se o romance que os levou ao casamento. E já se acham unidos amorosamente ha tres annos, sob os melhores auspicios. Quando Laurinha fala de seu marido, nota-se que fala com orgulho immenso e com uma affeição sem conta. Têm os gostos extremamente comparados e difficilmente encontram-se em divergencias sérias.

O maior desgosto de Laurinha, são os films falados. Ella os acha terriveis. E, em particular, *A Marselheza*, o peor film que já viu, na sua opinião, e uma incrivel tra-

(Termina no proximo numero)

CAMINHOS DA SORTE

(FIM)

Assim que Marsden sahiu, Babe e Judith, sua esposa, chegaram. Babe vinha feliz e Judith, mais do que ella, ainda.

Os 10 mil dollars de Babe, voltaram 50 mil. Porque elle, no oeste, sem que Judith soubesse, metteu-se em jogatina e conseguiu, com sorte prodigiosa, augmentar de mais quatro vezes o capital com o qual iniciára seu jogo.

Era, sem que elle soubesse, a influencia nefasta do jogo a lhe assoberbar toda a alma, tambem. E entre os seus idolos, elle contava, com respeito, mais do que nenhum, a figura immensa de Natural Davis. O homem que, de norte a sul do Paiz, tinha a fama de ser o melhor de todos os jogadores e o mais honesto e liso, tambem...

Logo ás primeiras conversas, Babe não quiz continuar escondendo seus designios do irmão.

— John, tenho meus planos! Lembras-te dos 10 mil dollars que me deste?

— Sim, lembro-me.
— Pois são 50 mil, agóra?...
— O que?... E... como?
— Jogando!
John ergueu-se, como se alguma cousa o impellisse, secreta. Passeou pela sala, calmo, imperturbavel. Depois approximou-se do irmão.
— Babe, não deves jogar! Afasta-te do panno verde! Para que has de continuar jogando, Babe? Que bem te sirvam os 40 mil de lucro que tiveste. Peço-te que não continues!
O irmão fez-se serio. Depois, com certo escrupulo, disse, lentamente.
— John... Realmente, creia, eu teria prazer em me tornar um profissional, como Natural Davis, por exemplo!
— Natural Davis?...
— Sim, não o conheces? O maior dos jogadores e o mais honesto delles, tambem. E, assim, porque é que não deixarás que eu siga meus impulsos?
John reflectia. Achava que Babe era uma criança, ainda e, no emtanto, tanto pendor para o jogo já demonstrava... Pensou bem. Notava, em cada palavra de seu irmão, o seu desejo intenso e firme de jogar. Não podia retel-o. Com maus modos, nada conseguiria. E, assim, deu-lhe a resposta, calmamente.
— Então vamos á um jogo, hoje! Queres?
— Quero. Mas eu queria era me encontrar frente a frente com Natural Davis, John, é possivel?...
John olhou-o. Não respondeu. Fel-o sahir. Instantes depois, allegando qualquer sahida, ás duas esposas, retiraram-se em demanda do Club.

* * *

Em segundos, John havia combinado tudo. Dorgance Nick eram dois profissionaes eximios, igualmente. Jogariam com Babe uma partida. E, naturalmente, raspavam-no. O resultado seria logico: elle se desgotaria, immenso e, depois daquillo, jamais pensaria em jogo.
E assim se fez.
Natural Davis retirou-se. Ficaram apenas Dorgan, Nick, Babe e mais alguns. Horas depois. Natural Davis tinha o **report** do jogo.
— Teu irmão está limpando a todos, Natural! Dorgan e Nick já murmuram, mesmo, que é **armadilha** que você lhes jogou...
Num segundo Natural Davis chegava á sala do Hotel aonde se travava o jogo. A' sua entrada, a saudação foi a mesma.
— Hello, Natural!
E, assim, num relance Babe comprehendia que o grande profissional era seu proprio irmão. Quiz falar, quiz gritar, quiz se explicar com elle, emfim. Mas não fez nada. John apenas lhe fez um signal e, calmo, passou a apreciar o jogo. Este, proseguindo, trazia, cada vez mais, a derrota de Dorgan e Nick e o constante augmentar dos lucros de Babe.
Natural Davis abanca-se. Elle precisa terminar aquillo de qualquer maneira. E, a melhor fórma, naquelle caso, seria roubar, no jogo. Todos veriam, porque elle o faria escandalosamente e, assim, seria a maior desillusão para Babe.
Quando elle se sentou, a sorte não virou. Babe continuou ganhando. Em uma das paradas, as apostas cresceram. Babe chegou a apostar quasi tudo que tinha ganho e parte de seus lucros, ainda. E Natural Davis, por sua vez, uma immensa quantia. Fez-se o jogo. No baralhar as cartas, Natural Davis empalma os azes, habil mas declaradamente. Dorgan vê e se assombra. Babe perde. E quando todos já se vão retirar, com o rapaz desconsolado. Dorgan faz a accusação aberta de que Natural Davis fizera trapaça, naquella mão. E, com assombro, Babe constata que elle confirma a trapaça.
Sem mais nada querer ouvir, jurando a si proprio jamais entrar num Club de jogo. Babe retira-se. Era demais! Natural Davis, o grande profissional, um ladrão tão barato, sem escrupulos... Não! E roubar á elle, seu proprio irmão! Era o cumulo!

* * *

Horas depois, quando Alma era chamada urgentemente ao Hotel, aonde se ferira o jogo. Natural Davis já jazia quasi sem vida. Havia varado o peito com uma bala e, assim, cumpria, cégamente, os preceitos do codigo que sempre regera o seu grupo e do qual elle fôra, tambem, o mais forte e determinado defensor.
O ultimo beijo, elle o deu com impeto e paixão. Fez com que ella jurasse que jamais diria ao irmão que elle aquillo fizera para o salvar. Queria que elle sempre tivesse aquella má impressão sua, para, assim, não querer, nunca mais, frequentar um Club que fosse.
Segundos depois, sobre o seu cadaver impassivel e calmo, como sempre, Alma soluçava e vertia todas as suas lagrimas de profunda tristeza e grande agonia...

O primeiro encontro

(FIM)

formavam um grupo de grandes camaradas. Quando a cousa cessou e os rapazes, todos, cessaram de fazer a corte á Jobyna, appareceu o que realmente havia. Jobyna Ralston amava Richard Arlen. A cousa manifestou-se logo no primeiro encontro mas intensificou-se depois de terem os mesmos trabalhado juntos em Azas...

* * *

John Gilbert e Ina Claire encontraram-se, pela primeira vez sem o saberem. John ha tempos que admirava Ina

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma **estrella** de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma **estrella** do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz que estes.

Dr. Francisco Pereira

Claire, no palco. Era, mesmo, sua artista de theatro preferida. E, igualmente. Ina Claire, delle, pensava o mesmo, em relação á sua carreira de artista de Cinema. Logo depois da sua chegada a Hollywood, foi ella á uma festa em casa de Benjamin Glazer e sua esposa. John Gilbert tambem lá estava. Alguem perguntou a John "o que elle achava della". E elle respondeu, logo. "Nunca a vi, antes!". Ao mesmo tempo, outro perguntava a Ino Claire. "Acha que John Gilbert, longe da téla, é o mesmo?". Ella, não comprehendeu, como elle, tambem, a pergunta e respondeu, singelamente. "Eu nunca o vi fóra do Cinema!" No dia seguinte, porém. numa festa que Frances Marion offereceu, tornaram a se encontrar e, finalmente, foram apresentados um ao outro. Tres semanas depois, em Las Vegas, Nevada, casavam-se...

* * *

Jack Kirkland, marido de Nancy Carroll, era reporter de **The New York Daily News.** Viu uma photographia de Nancy Carroll, Procurou-a, desejoso de a conhecer. Encontrou-se na casa de Gordon Gibbs, director da Katherine Gibbs Secretarial School, aonde ella estudava e, durante uma recepção que os mesmos Gibbs deram, foram elles apresentados. Depois... Casaram-se, sim e até hoje dizem que são felizes.

* * *

Agora, um romance que tem guerra no meio. Um editor de Chicago tinha uma secretaria de olhos negros, sympathica e attenciosa. Todos os dias, á mesma hora, um artista alto, loiro, entrava e procurava o seu amigo, para uma conversa. Ao cabo de semanas, a secretaria já sorria ao artista e este, por sua vez, sorria-lhe, tambem. Acabou a pequena assistindo a peça em que elle representava, no theatro proximo e, mais adiante ainda, beijaram. Depois veio a guerra. Antes delle partir, despediu-se ternamente della. Chamou-a de "minha noivinha" e de mais palavras assim carinhosas.

Depois da guerra, voltou. Casaram-se immediatamente. A lincença matrimonial dizia, nos nomes dos conjuges, o seguinte: — Conrad Nagel e Ruth Helms.

* * *

Ruth Chatterton, de reputação firmada quanto as suas habilidades de artista dramatica, quiz, um dia, representar uma comedia musicada. Acharam, todos, que era o maior e mais sublime escandalo de New York. Mas os Schuberts concordaram, perfeitamente, por que sabiam, de sobra, o successo que o nome de Ruth, apenas, era, para elles... Estudou-se logo a maneira de lançar a peça **The Magnolia Lady**, que seria a sua estréa, nesse genero e tratou-se, igualmente, de arranjar um galã. A escolha de ambos, isto é, dos productores e da estrella, recahiu sobre Ralph Forbes, artista inglez, vindo para representar o principal papel da peça **Havoc**, para os mesmos e, para aquillo que elles queriam, excellente. Convidaram-no. Elle regeitou. Disse que poderia fazer, sim, mas que temia um fracasso total porque, afinal, jamais se havia mettido em semelhante genero.

(Termina no proximo numero)

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518 Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

A uma elegante

—o—

Vós que sois insinuante,
E' bom que saibais agora
Do que o siso nos ensina:
No boudoir elegante
De uma elegante senhora,
Precisa haver Metrolina.

Homens sem Mulheres

(Continuação)

luminam os pensamentos. Alliviam a tormenta daquellas almas desgraçadas, profundamente infelizes. Suavisam os poucos minutos que lhes resta de vida. Elles não se lembram do que fizeram. Nem dos postos que conseguiram, com esforço e dedicação e nem de mais nada. Lembram-se de braços. Labios. Olhos. Corpos de serpentes e calôres de carinhos. Não! Para que pensar na morte? Para que? Para soffrer mais ainda? Para sentir a angustia daquella falta de ar? Não! Pensar na vida! Isto sim! Na vida... Desgraçados... Para elles a vida eram as mulheres que lhes emolduraram a existencia.

Mulheres!!!

Cada um tinha um nome nos labios. Cada nome desses era um romance. Alguns. rudes, cheios de aventuras. Outros, cheios de ternuras. Alguns que contavam desillusões de uma ingenua e ou-
...

(Termina no proximo numero)

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'O MALHO